

LETÍCIA NEGRÃO CHAMMA

**SOBRE O FENÔMENO DO POPULISMO
DIGITAL NO BRASIL: medo e poder na economia
política do tempo presente**



ARARAQUARA – S.P.
2023

LETÍCIA NEGRÃO CHAMMA

**SOBRE O FENÔMENO DO POPULISMO
DIGITAL NO BRASIL: medo e poder na economia
política do tempo presente**

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Conselho,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa: Democracia, Cultura e
Pensamento Social**

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2023

C448o Chamma, Letícia Negrão
Sobre o fenômeno do populismo digital no Brasil : medo e poder na economia política do tempo presente / Letícia Negrão Chamma. -- Araraquara, 2023
161 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Populismo Contemporâneo. 2. Medo. 3. Política Digital. 4. Democracia Burguesa. 5. Bolsonaro. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LETÍCIA NEGRÃO CHAMMA

SOBRE O FENÔMENO DO POPULISMO DIGITAL NO BRASIL: medo e poder na economia política do tempo presente

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Democracia, Cultura e Pensamento Social

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 16/03/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.º Dr.º João Carlos Soares Zuin
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: : Prof.º Dr.º Milton Lahuerta
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof.º Dr.º Ari Fernando Maia
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço à CAPES, aos servidores da Seção Técnica de Pós-Graduação e da Biblioteca, aos professores Milton Lahuerta e Ari Fernando Maia, que aceitaram participar da banca examinadora, à professora Renata Medeiros Paoliello e ao professor Sávio Machado Cavalcanti, membros suplentes da banca, aos amigos e familiares e ao meu orientador, João Carlos Soares Zuin, que não só me ensinou a importância do trabalho e da paciência, como, desde 2018, me relembra que também é destino humano pôr-se em pé, e que vale muito a pena compreender o mundo e despertar o que há de melhor na humanidade.

“O verdadeiro é o todo”
(Hegel)

RESUMO

A eleição de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República do Brasil em 2018 representa um marco na história brasileira não apenas pelo uso que foi feito das redes sociais digitais na sua campanha eleitoral, mas também por significar a manifestação do fenômeno do populismo contemporâneo no país. Tendo em vista a ascensão global de novos movimentos da direita no século XXI e a presença da mentalidade populista no Brasil, pretendemos compreender o que é o populismo contemporâneo, a sua essência, a sua gênese histórica e o seu modo de difusão. A investigação do sentido e significado do fenômeno partem da relação entre medo e poder na economia política contemporânea, evidenciando que o populismo contemporâneo é uma expressão política particular do tempo presente: trata-se de um movimento reativo da pequena e média burguesia frente à centralização do capital. Contudo, também é um movimento de massas e, por isso, a análise das manifestações estéticas e discursivas de Bolsonaro no Twitter permite acessar o modo como a mentalidade populista se desenvolve no caso brasileiro. Para isso, foram coletados todos os *tweets* que, entre os dias 6 de setembro de 2018 e 31 de dezembro de 2022, alcançaram mais de 15 mil *retweets*, totalizando 304 postagens. O populismo contemporâneo possui a característica de dividir a sociedade entre povo e não povo, amigos e inimigos de modo a anunciar a necessidade de restauração da sociedade permeada de conflitos sociais em direção a uma comunidade autêntica e harmônica. Em nome da liberdade, líderes populistas reivindicam representar a verdadeira democracia, mas ao reproduzirem-se no interior do regime democrático, apresentam tendências autoritárias e desumanizantes. Assim, ao defender uma democracia mais restritiva, acabam por desvelar o caráter tipicamente burguês das democracias contemporâneas.

Palavras – chave: populismo contemporâneo; medo; política digital; democracia burguesa; Bolsonaro.

ABSTRACT

Jair Messias Bolsonaro's election as president of the Republic of Brazil in 2018 represents a mark in Brazilian history not only for the use of digital social networks in the election campaign, but also because it means the manifestation of the phenomenon of contemporary populism in the country. Whereas that in the 21st century new right-wing movements arise globally and that the populist mentality makes its presence in Brazil, we intend to understand what contemporary populism is, its essence, historical genesis and modes of diffusion. The investigation of the sense and meaning of the phenomenon begins from the relation between fear and power in the contemporary political economy, pointing out that the contemporary populism is a political expression of the present time: it's a reactive movement driven by the small and middle bourgeoisie against the capital's centralization. Nevertheless, it's also a mass movement and therefore the analysis of Bolsonaro's aesthetic and discursive manifestations on Twitter allows access to the development of the populist mentality in the Brazilian case. For this, all the *tweets* that reached more than 15 thousand *retweets* between September 6, 2018 and December 31, 2022, were collected, totalizing 304 posts. Contemporary populism has the characteristic of dividing society between the people and the non-people, friends and enemies, in order to announce the need to restore society pervaded by social conflicts towards an authentic and harmonious community. In the name of freedom, populists leaders claim to represent true democracy, but by reproducing themselves within the democratic regime, they exhibit authoritarian and dehumanizing tendencies. Therefore, by defending a restrictive democracy, populism reveals the typically bourgeois character of contemporary democracies.

Keywords: contemporary populism; fear; digital politics; bourgeois democracy; Bolsonaro.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Considerações sobre o medo e o fenômeno do populismo contemporâneo	10
2.1 - O medo e a existência humana	10
2.2 - O medo e a política	12
2.3 - A linguagem política do medo	17
2.4 - O medo na sociedade capitalista globalizada	26
3. Futuros Incertos: a gênese histórica do populismo contemporâneo	38
3.1 - A vitória do capitalismo na guerra fria e a globalização: processo, fenômeno e projeto	38
3.2 - Os nexos entre a aceleração social e a razão neoliberal	49
3.3 - Os efeitos do capitalismo neoliberal e globalizado: os novos medos e o populismo contemporâneo	58
4. O fenômeno do populismo contemporâneo: em busca de uma definição	71
4.1 - O populismo contemporâneo como fenômeno inaudito	71
4.2 - Definido o populismo a partir da ideia de povo	75
4.3 - Examinando o populismo contemporâneo a partir da relação entre logos e emoção	81
4.4 - O que é e qual o sentido do populismo contemporâneo?	88
4.4.1 - O que é o fascismo? O que é o populismo?	89
4.4.2 - A essência do fascismo e do populismo contemporâneo	91
4.4.3 - O sentido do fascismo e do populismo contemporâneo	96
5. Populismo digital: aparência e essência da política do tempo presente	100
5.1 - A propaganda populista e a política digital	102
5.2 - A linguagem do populismo contemporâneo	119
6. O discurso e a democracia de Jair Messias Bolsonaro: o “capitão do povo”	128
6.1 - O que os tweets de Jair Bolsonaro revelam	128
6.1.1 - Interação	130
6.1.2 - Fatos e conquistas	133
6.1.3 - Inversão de valores	136
6.2 - O Brasil do mito: qual democracia?	139
7. Considerações Finais	148
Referências Bibliográficas	151
APÊNDICE 1 - Palavras e expressões chave do discurso de Bolsonaro por ano (2018-2022)	160
APÊNDICE 2 - A mentalidade populista de Jair Bolsonaro	161

1. INTRODUÇÃO

Não é possível investigar o fenômeno do populismo contemporâneo sem, de início, apontar para a dificuldade de definição do próprio objeto da pesquisa. O termo populismo possui um caráter recíproco capaz de abranger desde o populismo na Rússia de 1860-70, passando pela América Latina do século XX até manifestar-se, sob novas formas, no século XXI. No Simpósio “Definir o populismo” que ocorreu em 1967 na London School of Economics, o filósofo Isaiah Berlin indica a impossibilidade de definir um tipo puro de populismo e denomina essa imprecisão como “complexo de Cinderela” (TARCHI, 2015). Para compreender os populismos seria necessário um estudo comparativo da maior grandeza e extensão e o objetivo presente não é este, mas sim o de compreender o fenômeno do populismo contemporâneo, que tem como demarcação temporal a passagem do século XX para o século XXI. Nesse sentido, investigaremos o fenômeno histórico real e dele extrairemos a sua especificidade e as suas tendências subterrâneas, porque é importante examinar o populismo contemporâneo “segundo os fatos empíricos existentes, e não segundo” (MARX; ENGELS, 1998, p. 23) o seu próprio conceito.

Embora o método de exposição realize o caminho do geral para o particular, a investigação partiu da aparência imediata do fenômeno, isto é, o discurso de Jair Messias Bolsonaro no Twitter para então direcionar-se à sua dinâmica interior. Na *Ciência da Lógica*, Hegel critica os tratados filosóficos que tem como objeto as leis formais do pensamento, evidenciando como os problemas da forma vinculam-se sempre ao conteúdo, isto é, como ambos os conceitos devem ser compreendidos na sua “determinação reflexiva” (LÊNIN, 2011). Isto posto, a análise da estética social de Bolsonaro tem como intuito compreender naquilo que ele escolhe mostrar, o que ele procura esconder. A aparência imediata do objeto empírico é o ponto de partida da pesquisa, mas como a aparência não é capaz de exaurir o fenômeno, também é necessário buscar pela aparência íntima e dinâmica do objeto, pela sua essência. Isso significa que o estudo das manifestações de Bolsonaro visa articular o seu discurso e a sua estética com o significado do populismo contemporâneo enquanto fenômeno particular da economia política do tempo presente. De acordo com Lenin (2011, p. 166-7),

o conhecimento é o processo pelo qual o pensamento se aproxima infinita e eternamente do objeto. O *reflexo* da

natureza no pensamento humano deve ser compreendido não de modo “morto”, não “abstratamente”, não sem movimento, não sem contradição, mas no processo eterno do movimento, do surgimento das contradições e da sua resolução.

Assim sendo, o populismo contemporâneo deve ser apreendido na sua realidade enquanto processo histórico de modo a distinguir e evidenciar as contradições que geram o seu movimento. Nesta pesquisa, pretendemos analisar o fenômeno do populismo contemporâneo considerando as suas dimensões objetiva e subjetiva, a fim de responder duas questões: 1) qual é a essência e o significado do populismo contemporâneo? e 2) como ele se difunde? No interior dessa duas questões também visamos (1a) definir o populismo contemporâneo, distinguindo-o do facismo, (1b) evidenciar o seu fundamento econômico e a sua gênese histórica, bem como (2a) analisar a aparência social de Jair Bolsonaro para (2b) apreender como a mentalidade populista se manifesta no Brasil. Para isso, foram selecionados 304 *tweets* de Bolsonaro publicados entre 2018 e 2022 que tiveram maior ressonância entre aqueles que propagam o seu discurso compartilhando as postagens.

Tendo em vista a importância filosófica do medo enquanto categoria política, estudaremos o populismo contemporâneo também a partir da sua relação com a configuração do poder no tempo presente. A sociologia Eva Illouz (2022, n.p.)¹, analisando impacto das emoções na sociedade capitalista contemporânea, afirmou que “o medo é um importante instrumento político” que, como o “comandante supremo de todas as emoções” é capaz de demolir “toda a arena do debate político e justifica a supressão das liberdade públicas e dos direitos fundamentais”, bem como envolve, articula, mobiliza e manipula os indivíduos e os grupos sociais. É o que pretendemos analisar nesta Dissertação de Mestrado, focando a atenção nas manifestações do medo na sociedade capitalista neoliberal e globalizada e no governo populista de Jair Messias Bolsonaro no Brasil.

¹ “la peur est un puissant instrument politique”; “commandant en chef de toutes les émotions”; “toute l’arène du débat politique et justifie la suspension des libertés publiques et des droits fondamentaux” (Capítulo 1 - La peur et la démocratie sécuritariste, p. 26 do arquivo digital).

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MEDO E O FENÔMENO DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO

“O medo nasce primeiro que qualquer outra coisa”

(Da Vinci, 1997, p. 63)

2.1 - O MEDO E A EXISTÊNCIA HUMANA

O medo é uma emoção especificamente humana, isto é, ele não existe, nem pode existir em qualquer outra espécie animal que possui, no *habitat* em que vive, um mundo fechado e específico. De alguma maneira, esses estão sempre adaptados ao seu ambiente físico, não o transformam, nem podem querer modificá-lo. Ainda que isso não retire da natureza a violência, a competição e a luta elementar pela sobrevivência, no humano é a consciência do risco da morte, a noção de futuro e a percepção de que o mundo é vasto e amplo que faz o medo nascer e se desenvolver em diversas manifestações sensitivas. A espécie humana, portanto, nunca está adaptada ao seu ambiente, e assim realiza uma “abertura ao mundo” (ZOLO, 2011, p. 30)² que insere a dimensão do imprevisível, do perigo e, portanto, do medo. Na oitava elegia, Rilke (2012, p. 45) distingue a condição humana da animal a partir do papel da consciência, da noção do futuro e do finito:

Se houvesse consciência como a nossa
na fera segura indo ao nosso encontro
por outra via –, ela nos extraviava
com sua mudança. Mas seu ser lhe é
infinito, incontido e sem olhar
para si, puro, como o que vê fora.
E onde vemos porvir, ela vê tudo
e a si mesma em tudo e sã para sempre.

Esse processo de abertura se constitui na própria história da humanidade que, a partir do trabalho, constrói civilizações e desenvolve não só novas formas de prolongar a vida, como também se torna cada vez mais complexa nas suas relações sociais, na família, na comunidade, nas grandes cidades e, hoje, também na esfera digital. A fragilidade fisiológica específica da espécie humana³, bem como a

² “apertura al mondo”.

³ Zolo ao revisar a literatura da antropologia filosófica do século XVII destaca a fragilidade específica da espécie humana: nem a mais forte ou veloz. Seria uma espécie de ser “inacabado” (2011, p. 26), ainda não completo, um “*monstrum* no interior do mundo animal” (2011, p. 27); biologicamente, cheio de carências e insuficiências; “o ser vivente mais frágil, instável e precário do mundo” (2011, p. 28), e o mais exposto ao risco da morte. Na natureza, não há mundo confortável para o ser humano; o que há é o

consciência do futuro, dos seus riscos e perigos, da dor, da morte, das guerras, disputas e conflitos entre indivíduos e grupos, potencializam e, de alguma forma, conduzem a capacidade de transformação ativa da realidade objetiva, possibilitando ao sujeito humano ir além da própria natureza. Segundo o filósofo soviético Evald Iliênkov: “a natureza, como tal, não cria nada de propriamente humano” (KONDER, 2004, p. 24). É, portanto, na medida em que o ser humano age na natureza exterior que ele transforma ao mesmo tempo a sua natureza interior: “que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza” (MARX, 2004, p. 84). Desse modo, o que distingue a atividade vital humana é a sua qualificação em objeto da vontade e da consciência humana, ou seja, a sua configuração enquanto uma atividade livre (MARX, 2004). Logo, é o trabalho, a atividade produtiva e criativa propriamente humana, que permite não só a construção das relações de produção, como da própria cultura, do humano enquanto gênero, da humanidade enquanto sociedade. Por sua vez, o ser genérico que é o humano é aquele que trabalha, é o sujeito que sente, deseja, pensa, age e cria,

porque dispõe da pequena palavra: não. Ele é na natureza, porém ele não é natureza ao modo do mineral ou do animal: ele está descontente, ele não está satisfeito com o que ele é, e no seu discurso ele fala do que não é, do que ele quer introduzir no ser. No início está a contradição. (WEIL, 2019, p. 67)

O debate antigo acerca do ser e do não ser, mudança e permanência, contradição e identidade, já exposto por Parmênides e Heráclito no século V a.C., dispõe de uma síntese a partir da categoria do devir, ou do vir-a-ser. É o movimento que constitui aquilo que é verdadeiro e essencial: “não *há* absolutamente nada que não seja um estado *intermediário entre o ser e o nada*” (HEGEL, 2016, p. 109). A contradição, portanto, não abstratamente lógica, mas real objetiva, diz respeito a um processo que vai além do imediato, da imobilidade daquilo que está morto - “a contradição é a raiz de todo movimento e de toda a vida; só enquanto tem em si mesma uma contradição uma coisa pode se mover, ter um impulso e uma atividade” (HEGEL, *apud* LÊNIN, 2011, p. 130). É nesse sentido que compreendemos o movimento dialético da história, a transformação da natureza pelo ser humano e o próprio desenvolvimento da política, considerando o surgimento do medo não apenas

constante medo da dor e da morte. Citações no original, respectivamente: “incompiuto”; “*monstrum all’ interno del mondo animale*”; “l’essere vivente più fragile, instabile e precario del mondo”.

enquanto uma categoria biológica, isto é, uma emoção que distingue o ser humano de qualquer outro animal devido a especificidade da sua consciência da realidade e do futuro, mas também como uma categoria política - resultado da sua vontade livre de agir e modificar a realidade -, que é polimórfica, mas que permanece central para compreender o desenvolvimento das relações humanas e a constituição das sociedades e de seus modos de dominação.

2.2 - O MEDO E A POLÍTICA

Na relação direta entre o medo e o poder em que se constitui a “suspeita dirigida ao futuro” (BODEI, 2006, p. 18)⁴, a incessante busca por segurança, estabilidade, garantias e certezas (imediatas e suprassensíveis), bem como a constante – e muitas vezes falha – tentativa de afastar toda e qualquer ameaça ou perigo, aparece primeiro sob a forma do terrível medo da morte, bem expressada por Ivan Ilitch: “Eu não existirei mais, o que existirá então? Não existirá nada. Onde estarei então, quando não existir mais? Será realmente a morte? Não, não quero.” (TOLSTÓI, 2009, p. 47). A morte e a consciência da finitude são, portanto, essenciais para compreender o medo e o seu surgimento - em *Prometeu acorrentado*, o titã do fogo afirma: “que temeria quem não poderá morrer?” (ÉSQUILO, 1235). Mas o medo não é apenas o da morte, ele se desenvolve em muitas outras configurações, não mais naturais e inevitáveis, mas sociais, construídas no curso da história pelos próprios sujeitos humanos.

A singular capacidade cognitiva avaliativa que o gênero humano possui, isto é, a propriedade de mensurar o que é a vida, extraindo o seu sentido e significado, configura a centralidade do medo na vida individual e coletiva; física, política e social. O medo inato e biológico é, desse modo, qualificado em um medo refletido, conforme expôs Zolo: “medo como uma emoção reflexiva, ligada à previsão alarmante de uma possível condição de sofrimento, relacionada à tentativa de evitá-la, de contê-la, de proteger-se ou de ser protegido de outro” (ZOLO, 2011, p. 31)⁵. Mas, para além de associar-se ao problema biológico humano – a inferioridade física em relação a outras espécies animais, as múltiplas carências, a fragilidade específica e a exposição aos perigos de condições ambientais extremas – o medo tem, na essência emotiva do ser

⁴ “sospecha dirigida al futuro”.

⁵ “paura come un’emozione riflessiva, legata alla previsione allarmante di una possibile condizione di sofferenza, con il connesso tentativo di evitarla, di contenerla, di proteggersi o di essere protetto da altri”.

humano, a sua maior potência: enquanto sujeitos, as palavras e as imagens possuem a força de mobilizar paixões e pulsões, e assim, orientar princípios, valores e ações. Isso implica a operação desses juízos avaliativos nas projeções de futuro individual e coletivo, bem como na forma de lidar com o medo que lhe é imanente.

É nesse sentido de projeção temporal que Hobbes (2010, p. 28) define o medo enquanto uma forma de “desprazer esperado”, um “movimento animal” que busca afastar aquilo que se espera que será “desagradável”. Entretanto, o que está em evidência na filosofia política de Hobbes é a relevância do medo, na sua relação com a esperança (também vinculada a uma perspectiva futura), enquanto uma emoção que fundamenta o processo de humanização – é o que vincula, de forma segura, os indivíduos em uma determinada formação social, isto é, o que possibilita a socialização. Na história, portanto, o medo sempre existiu e existe em toda geometria política e de poder, ainda que em diferentes graus, mas assumindo função central na medida em que é capaz de articular e mobilizar paixões e apetites, alterando o estado psicológico e físico dos sujeitos.

De um lado, há a possibilidade de socialização, agrupamento e constituição da sociedade civil, a “eficácia associativa” do medo (ZOLO, 2011, p. 47)⁶; de outro, há a tendência em debilitar a capacidade humana de reflexão, “a reduzir sua habilidade operativa, estimulando, ao mesmo tempo, sua propensão de usar a força para se defender dos concorrentes e dos inimigos” (ZOLO, 2011, p. 36)⁷. Em suma, a polimorfia conceitual do medo aparece sob a forma da contradição histórica entre a emancipação e a exploração do gênero humano de modo que a relação entre medo e agressividade, para além de compor o sujeito particular, integra as formações sociais mais complexas. Não se trata mais apenas do medo que deriva do ambiente aberto em que o ser humano vive, mas do medo que ocorre entre grupos, comunidades e civilizações, e até mesmo no seu interior. São disputas individuais e coletivas, que perpassam desde a luta por territórios até a luta por valores. O medo é, portanto, segundo o filósofo italiano Danilo Zolo, um grande impulsionador da agressividade:

o medo de não conseguir sobreviver e de ser vítima de violência, da ferocidade e da represália do inimigo induz o homem a defender-se com todos os instrumentos que dispõe, a esconder-se, a fugir ou, até mesmo, a usar a violência primeiro. Trata-se de um impulso reativo de autoconservação que incita o homem a proteger a todo custo os

⁶ “efficacia associativa”.

⁷ “a ridurre la sua abilità operativa, stimolando nello stesso tempo la sua propensione a usare la forza per difendersi dai concorrenti e dai nemici”.

próprios interesses, dos mais modestos aos mais vitais (ZOLO, 2011, p. 37)⁸.

Desenvolvendo ainda mais os elementos dessa relação, Zolo (2011) evidencia que a agressividade humana vai além daquela encontrada no mundo animal. Da mesma forma, Freud (2010), em *O mal-estar na civilização*, evidencia a relevância da gênese social do medo, apontando para as três origens do sofrimento humano, o seu corpo, o mundo em que vive e as suas relações sociais. Aqui, o que é importante é a particularidade humana também no seu aspecto pulsional e a sua qualificação na medida em que é articulado com uma série de valores, moralidades e interesses. O fato é que o medo é explorado na política e essa exploração é impulsionada e intensificada por um elemento constitutivo da modernidade e dos processos de modernização: a velocidade. De acordo com o filósofo francês Paul Virilio (2012), a velocidade também faz com que o sujeito contemporâneo tenha a sua capacidade de reflexão afetada. De fato, compreender o mundo em que vivemos e o emaranhamento das relações sociais não é uma tarefa fácil, mas na medida em que a realidade vai se complexificando e aparecendo fetichizadamente de forma alheia e hostil, como uma objetividade exterior aos próprios sujeitos, compreender o sentido e o significado dos múltiplos, e aparentemente desconexos, acontecimentos, bem como distinguir as fontes de dominação e exploração reais se torna não só um constante, como também um extremo esforço. A queda no nível de vida e as drásticas mudanças nos modos de vida, nos tradicionais pontos de referência, alimentam o medo em relação ao futuro, ao mesmo tempo que inserem a necessidade de achar um culpado e de eliminá-lo, no sentido da luta pela existência e do impulso de conservação.

Assim, o sujeito humano é “particularmente emotivo” (ZOLO, 2011, p. 43)⁹ e particularmente racional, e nesses termos, palavras, imagens, ideias e visões de mundo impactam, afetam e movem valores, mentalidades e comportamentos não apenas de modo refletido, mas também reativo. A relevância das emoções e dos sentimentos enquanto alicerces do comportamento humano já foi indicada no romance de Rousseau (1994, p. 284), Júlia ou a nova Heloísa, quando afirma que “se é a razão que faz o homem, é o sentimento que o conduz”. Também na literatura de Goethe, é

⁸ “La paura di non riuscire a sopravvivere e di essere vittime della violenza, della ferocia e delle rappresaglie del nemico induce gli uomini a difendersi con tutti gli strumenti di cui dispongono, a nascondersi, a fuggire o, più spesso, a usare la violenza per primi. Si tratta di un impulso reattivo di autoconservazione che incita gli uomini a tutelare a ogni costo i propri interessi, dai più modesti a quelli vitali.”

⁹ “particularmente emotivo”.

possível ver a expressão do caráter irremediável dos sentimentos humanos, com Werther, o sentimental, na carta de 13 de maio de 1771: “É por isso que trato meu coraçãozinho como uma criança doente, satisfazendo-lhes todas as vontades”. Não são todos os que podem ser tão permissíveis sentimentalmente como Werther, mas não há um ser humano que não seja sentimental. No aspecto subjetivo, a relação que existe entre razão e sentimento também é a de uma “determinação reflexiva” (LÊNIN, 2011), em que as motivações da vontade humana muito se ocultam. De acordo com Hobbes (2010), os apetites como medo e esperança são involuntários, constituindo a vontade sem proceder de uma deliberação. De fato não escolhemos como nos sentimos, nem decretamos nossas próprias pulsões e desejos - ainda que possamos contê-las -, mas isso não significa que a consciência humana não seja construída a partir de certas relações de determinação: “não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1998, p. 20). A dimensão emotiva e pulsional adquire relevância para além da vida particular, adentrando a vida política, na medida em que as ações individuais e coletivas são influenciadas pela intrincada relação entre interesses e medos, angústias, esperanças e expectativas.

A complexificação constante das “relações de produção da sociedade” e do “modo pelo qual a produção se organiza socialmente” (FERNANDES, 1995, p. 51) indica o fato de que a alienação atinge o ser humano na sua totalidade. Nos *Manuscritos econômicos-filosóficos*, Marx (2004) aponta para a alienação do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho, da sua atividade produtiva, de si, dos outros e do próprio gênero humano. Em todos os casos ocorre um processo de desumanização, mas na “perda de si mesmo”, Marx (2004, p. 83) deixa explícito que a exteriorização do trabalho tem como consequência

que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal.

Quando concentramos nossa atenção na constituição dos sujeitos, de sua subjetividade, aspirações, desejos, medos e angústias, observamos que a articulação entre sentimentos e interesses na política é muitas vezes abstrusa: de acordo com o linguista e cientista cognitivo estadunidense George Lakoff (2008), os eleitores também votam de acordo com os seus valores. É nesse sentido que é possível dizer que existe uma dimensão emotiva na política, isto é, que o subjetivo, determinado pelo

objetivo, acaba por modificar a própria realidade vivida. É o ser humano que, por meio da sua ação, movimenta o curso da história, mesmo que no trabalho e na produção existam “condições e limites materiais determinados e independentes de sua vontade” (MARX; ENGELS, 1998, p. 18) que dizem respeito aos próprios meios de existência reais. Em vista disso, fica claro que estudar a política não é uma tarefa fácil. Na medida em que a história se desenvolve como processo, esta vai se complexificando junto com a produção da sociedade que também é movimentada por ideias, interesses, “comunidades de aversão”, “de sentimentos, de reações, de impaciências, de raiva e de perplexidade” (ROSANVALLON, 2019, p. 48; p. 40)¹⁰, de paixões frias e de paixões quentes.

Inúmeros são os discursos políticos que apelam para as paixões. No Brasil, uma postagem do líder populista Jair Messias Bolsonaro, no dia 4 de outubro de 2022, na rede social GETTR, criada em 2021 por Jason Miller, ex-cessor de Donald Trump, no intuito de possibilitar na esfera digital o livre pensamento, expressa bem a divisão entre amigo e inimigo que canalizam dois sentimentos diferentes:

- Diferenças sempre existirão, mas o que está em jogo neste momento é algo muito maior: o futuro do nosso Brasil. É hora de unir forças para proteger a liberdade e a dignidade do povo brasileiro e evitar que a quadrilha que assaltou e quase destruiu o país volte ao poder.
- Agradeço aos Governadores de MG, RJ e SP; Romeu zema, Cláudio Castro e Rodrigo Garcia por decidirem se unir a nós contra a corrupção, o abandono e o desrespeito aos valores das famílias brasileiras que representa o PT.
- Tenham a certeza de que esse apoio se estende a todo brasileiro honesto, que segue as leis, ama a sua família e deseja viver num país cada vez mais seguro para seus filhos e netos. Um país livre das drogas, da criminalidade, da inversão de valores e dos ataques à fé de cada um.

É interessante como no último parágrafo a noção de povo se mostra restritiva. A união referida no primeiro parágrafo diz respeito somente ao povo autêntico e verdadeiro, aos considerados amigos e defensores do Brasil. Para eles existirem, deve haver um outro: o criminoso, corrupto, que ameaça os valores tradicionais, a família e o futuro da Nação - é o “não-povo”, segundo o cientista político italiano Marco Tarchi (2015). É nesse sentido que propomos investigar o fenômeno do populismo contemporâneo nos seus dois aspectos: subjetivo e objetivo, porque ele se constitui enquanto uma força social que movimenta o curso da história, um fenômeno reativo

¹⁰ “communautés d’aversion”; “sentiments, de réactions, d’impatiences, de colères et de perplexités”.

que possui uma gênese histórica e um fundamento radicalmente econômico, mas que tem comovido uma quantidade impressionante de indivíduos por meio de uma “chuva ininterrupta de imagens” (CALVINO, 1990, p. 73) impulsionadas pelas grandes transformações que ocorrem na ordem social, sobretudo, a partir de 26 de dezembro de 1991, para cravar uma data da vitória do capitalismo. Partindo da definição do fenômeno como um movimento de massa, é possível realizar essa articulação entre o fundamento econômico do populismo contemporâneo (o que o populismo contemporâneo significa?) e o seu fundamento emotivo (por que tantas pessoas votam em líderes populistas?) - o antigo nó entre o medo e o poder, mas em sempre novos laços.

2.3 - A LINGUAGEM POLÍTICA DO MEDO

A fim de evidenciar um elemento importante existente no vínculo entre o medo e a política, o medo e o poder, que é a linguagem, é válido retomar a definição do termo grego *logos*, que não significava apenas palavra e linguagem, como também razão ou discurso racional, pois “expressa-se, fixa-se e comunica-se o conhecimento pelo emprego da linguagem” (COSTA, 1980, p. 3). No movimento contrário, Górgias de Leontini, já no século V a.C., refletia sobre o caráter móvel e suscetível do ser humano pelo impacto que as palavras produzem nas emoções. No *Elogio de Helena*, o filósofo grego defende a figura de Helena de Tróia a partir de quatro forças: destino, violência, discurso e amor. Para esta pesquisa serve-nos compreender o poder das palavras. Ele diz: “um discurso é um grande senhor que, por meio do menor e mais inaparente corpo, leva à cabo as obras mais divinas. Pois é capaz de fazer cessar o medo, retirar a dor, produzir alegria e fazer crescer a compaixão” (GÓRGIAS, 08). O fato é que o uso da palavra não está desvinculado da nossa capacidade de conhecer as coisas, por isso também possui um imenso poder em mobilizar, comover e movimentar aqueles que escutam. É nessa perspectiva que nos afastamos do sofista, pois este defende a ideia de que “o homem não teria acesso às coisas e jamais teria garantia de estar transmitindo a outrem, com fidelidade, aquilo que ele percebe” (PESSANHA, 2000, p. 21), bem como relativiza o conceito de verdade. A palavra, o discurso e a razão, de fato, são capazes de extrair da realidade o seu movimento, as suas leis históricas, ainda que as suas deformações estejam sempre presentes. A “epidemia

pestilenta” da qual escreve o escritor italiano Italo Calvino (1990, p. 73) não golpeia apenas o uso da palavra:

As imagens, por exemplo, também o foram. Vivemos sob uma chuva ininterrupta de imagens; os media todo-poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelhos (...). Grande parte dessa nuvem de imagens se dissolve imediatamente como os sonhos que não deixam traços na memória; o que não se dissolve é uma sensação de estranheza e mal-estar.

Nesse caso, o poder sobre os sujeitos é colossal: da mesma forma que paixões podem suscitar opiniões, opiniões podem suscitar paixões, e não é relevante se a opinião “é verdadeira ou falsa, ou se a narrativa é histórica ou fabulosa. Pois não é a verdade, mas sim a imagem que faz a paixão” (HOBBS, 2010, p. 66). Em outros termos, esse é o “poder verdadeiramente mágico das palavras” ao qual se refere Freud (2011, p. 29) sobre as massas, “que podem provocar as mais terríveis tormentas na sua alma e também apaziguá-las”, e ao qual também se referiu Górgias. Trata-se de uma força mágica porque a palavra também pode se autonomizar dos sujeitos e aparecer como poder alheio, exterior ao seu próprio criador. A debilidade do logos, apontada por Calvino, afeta a capacidade de extrair da realidade o seu sentido e significado e, pela “força modeladora da língua” (ZAGREBELSKY, 2010, p. 4)¹¹, as ideias da classe dominante são produzidas justificando o seu caráter não emancipatório, dado que é capaz de atingir o âmago mais profundo de um sujeito e de conduzir o espírito humano: “a linguagem sempre revela o que uma pessoa tem dentro de si e deseja encobrir, de si ou dos outros, ou que conserva inconscientemente” (KLEMPERER, 2002, p. 49).

No final do século XX, com a vitória do capitalismo, a destruição das forças da esquerda envolve uma mobilização das emoções, acompanhada de uma manipulação da realidade que é total:

as coisas mudaram porque com a televisão e as novas mídias, a classe dominante não tem somente esse monopólio de produção de ideias, mas também, o que é muito importante, o monopólio da produção das emoções. Transmitem-se imagens horríveis que podem ter sido escolhidas em uma série de outras imagens propositalmente ou que pode até ser falsa. [Através desse artifício] se consegue provocar uma indignação geral [na opinião pública] e esse

¹¹ “forza plasmatrice della lingua”.

monopólio de produção de emoções que é muito importante para o início das guerras (LOSURDO, 2013, n.p.).

Difundir um “senso de medo” (ZOLO, 2011), portanto, torna-se não só uma estratégia individual no contato direto com o outro, mas parte das próprias relações que se constituem entre as nações e entre as diferentes classes. Na medida em que o medo aciona os impulsos básicos de autoconservação: amor e confiança para aqueles considerados iguais (da mesma família, sociedade ou grupo de valores) e medo e desconfiança para com o outro, o estranho, o diferente, o desconhecido, é possível construir socialmente a figura de inimigos - externos, internos, reais, fictícios, ameaças de longo ou curto prazo - em uma multiplicidade de feições e proporções. Na sua forma “mais sanguinária e devastante” (ZOLO, 2011, p. 48)¹², em que o medo da morte, da dor, da violência física imediata é a primeira manifestação do medo enquanto emoção especificamente humana, o conflito existencial se desenvolve pela guerra direta entre indivíduos ou entre nações por territórios, riquezas, bens naturais escassos, mas também por hegemonia política, econômica e ideológica.

Atravessando a formação do Ocidente, a ideia de cruzada, que de fato foi uma operação religiosa, econômica e militar entre os séculos XI e XIII, tem na distinção entre amigo e inimigo, bom e mau a sua continuidade. No populismo contemporâneo, o discurso da necessidade de eliminação de falsos valores presentes na sociedade, visando a recuperação da organicidade e harmonia do povo, faz com que o líder populista aja como se estivesse em uma “cruzada conduzida em nome do povo contra os seus inimigos”¹³ (TARCHI, 2015, p. 134). Em um *tweet* de 8 de outubro de 2018, Jair Bolsonaro diz: “Meu compromisso é com minha pátria, não com corruptos na cadeia.” Nesta frase fica implícito o seu posicionamento de líder capaz de levar adiante o projeto de “limpar a política”¹⁴ (TARCHI, 2015, p. 61) dos seus agentes considerados nocivos. A guerra, a dominação e a violência aparecem sob o véu da justiça (ou da necessidade, do sacrifício) na medida em que são amparadas pelo o que seria o desejo e o interesse do povo frente aos descontentamentos e conflitos da vida hodierna. Assim, o medo de que a qualidade de vida piore ainda mais é escoado para o combate à corrupção no discurso populista; ele se junta, contudo, ao medo que advém do trabalho alienado, da precarização da vida e da formação das “oligarquias

¹² “più sanguinaria e devastante”.

¹³ “crociata condotta in nome del popolo contro i suoi nemici”.

¹⁴ “bonificare la politica”.

financeiras” (LENIN, 2008), isto é, da centralização do capital. Nesse sentido, distinguimos dois aspectos do medo e da sua relação com o populismo contemporâneo: o primeiro diz respeito ao medo que advém do próprio modo de produção capitalista e das grandes transformações na ordem social global; o segundo, se refere à política do medo enquanto um projeto político forjado por lideranças políticas visando a manipulação e condução das ações individuais que, associada ao fenômeno do populismo contemporâneo enquanto um movimento de massas, toma proporções coletivas.

O medo deve ser analisado na sua indissociabilidade com o humano enquanto um ser emotivo, mas também na sua historicidade, nas suas transformações e nas suas funções político-econômicas. E o medo é, segundo Tarchi (2015, p. 149), um dos fatores que dirige o eleitorado ao voto populista: “o medo da desocupação, o pessimismo acerca do futuro, o juízo negativo do funcionamento da democracia, o temor de encontrar nos imigrantes concorrentes aguerridos na procura de emprego”¹⁵. Isso reforça as múltiplas formas e fenomenologias do medo, dentre eles “o medo instintivo, o medo reflexivo, o medo do fim, o medo do medo” (ZOLO, 2011, p. 34)¹⁶, o medo da morte, do inferno, do inimigo, do estrangeiro, da miséria, da guerra - mesmo sendo uma experiência subjetiva, o medo, e os sentimentos de maneira geral, atingem as dimensões morais, culturais, políticas e sociais, constituindo-se também “como se fosse um fenômeno de natureza coletiva” (ZOLO, 2011, p. 66)¹⁷. Mas quais são os medos de hoje? E quais são os medos que o populismo contemporâneo mobiliza com maior assiduidade?

Para responder essa questão indicaremos a gênese histórica dos novos medos e o seu desenvolvimento a partir da era moderna, quando o modo de produção ainda vigente começa a se constituir. De acordo com o ensaísta búlgaro Elias Canetti (2019, p. 11) “não há nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido” e, de fato, os séculos XV e XVI desencadearam uma série de revoluções no processo produtivo, nos modos de vida, na linguagem e na própria imagem do mundo radicalmente ampliada e alterada com a revolução científica, que inseriram na vida do indivíduo moderno a dimensão ecumênica do inaudito. Nicolau Copérnico, ao afirmar que não era a terra, mas sim o sol que estava no centro do universo, alarga o horizonte

¹⁵ “La paura della disoccupazione, il pessimismo sul futuro, il giudizio negativo sul funzionamento della democrazia, il timore di trovare negli immigrati dei concorrenti agguerriti nella ricerca dell’impiego”.

¹⁶ “la paura istintiva, la paura riflessiva, la paura della fine, la paura della paura”.

¹⁷ “come se fosse un fenomeno di natura collettiva”

humano modificando a própria posição do indivíduo no universo e as condições de seu conhecimento. Nesse mesmo sentido, Galileu Galilei indica como

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (digo, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito.. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto (GALILEI, 1973, p. 119).

Esse novo processo de abertura do mundo - para retomar a categoria desenvolvida na antropologia filosófica e utilizada por Zolo acerca do nascimento do medo -, que se consolida com as grandes navegações, constitui-se em paralelo com a destruição do cosmos enquanto uma percepção hegemônica. Essa ideia, que na origem de seu termo significa universo ordenado, se desenvolve junto com a tradição judaico-cristã a partir de uma concepção de mundo considerado ordenado, natural e harmônico. Diferente dos gregos, contudo, no cosmos cristão, fica evidente a capacidade de intervenção divina, bem como a resolução da concepção cósmica grega de que nada surge do nada pela extraordinariedade do ato criativo realizado por Deus, o que pode se observar em trechos logo no primeiro capítulo da Bíblia, sobre a criação: “Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra (...) Deus disse: ‘que a luz seja!’ E a luz veio a ser. (...). Houve uma tarde, houve uma manhã: o primeiro dia” (Gen, 1, 1-5). É por isso que a lei moral que deve orientar as ações dos fiéis é fornecida por esse próprio Deus e é daí que surge o conflito entre a vontade divina e a vontade humana. Na busca por essa lei, Agostinho de Hipona diz: “não busques fora de ti (...). A verdade não é algo que se constrói à medida em que o raciocínio avança; ao contrário, ela é aquilo a que tendem os que raciocinam” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 90), além de indicar que o ato de criação é exclusivo de Deus, distinguindo-o da geração e da fabricação. O mal é, desse modo, moral, constituindo-se enquanto pecado apenas quando diz respeito à má vontade humana.

A religião possui essa capacidade de envolver o espírito humano, fornecendo certezas, garantias e seguranças não físicas, mas anímicas. Insere, no entanto, a dimensão da vida após a morte e incorpora a ideia do destino, que já era vista nas tragédias gregas, como em *Prometeu acorrentado* (1993, p. 20)¹⁸, em que este diz:

¹⁸ Versos 132 até o 138.

Mas, que digo? Não sei antecipadamente
 todo o futuro? Dor nenhuma, ou desventura
 cairá sobre mim sem que eu tenha previsto.
 Temos de suportar com o coração impávido
 a sorte que nos é imposta e admitir
 a impossibilidade de fazer frente
 à força irresistível da fatalidade.

Há muito, portanto, que o ser humano tende a buscar não só explicações, mas também garantias, certezas e seguranças fora do espaço da história, fora da produção da vida na própria vida. Evidenciando, a partir da “descoberta do trabalho como atividade fundamental da humanidade” (LUKÁCS, 2018, p. 27), a criação do ‘homem’ pelo ‘homem’ e da história como atividade humana, é possível encontrar em Hegel (1986, p. 742) a seguinte afirmação: “Napoleão disse uma vez, perante Goethe, que nas tragédias do nosso tempo a política substituiu o destino das tragédias antigas”¹⁹. O que isso significa? Que a partir da era moderna, a criação perde o seu véu de exclusividade divina e a Igreja se vê na posição de empenhar uma luta para manter a sua hegemonia econômica, política e ideológica frente ao surgimento da burguesia revolucionária. Nesse mesmo sentido é possível compreender a afirmação de Dostoiévski (2004, p. 597): “Se Deus não existe, então eu sou Deus. (...) Se Deus existe, então toda a vontade é Dele, e fora da vontade Dele nada posso. Se não existe, então toda a vontade é minha e sou obrigado a proclamar o arbítrio”. Quando se torna consciente a capacidade de autodeterminação humana, a ideia de Deus perde a sua potência prática e a política alcança a sua centralidade de forma que o ato criativo revela-se não divino, mas intrinsecamente humano. Situada na era moderna, “a burguesia desempenhou na História um papel iminentemente revolucionário” (MARX; ENGELS, 2010, p. 42) tanto na produção de mercadorias quanto na produção de ideias.

A formação das sociedades capitalistas possibilitou um novo modo de produção e, por consequência, novas formas de relações sociais, novos padrões de comportamento e um novo método científico. As fronteiras delimitadas pela sociedade religiosa e feudal são superadas e a humanidade realiza o seu movimento inicial em direção a um novo mundo, que projeta o “tempo humano” sobre um “futuro de salvação e redenção coletiva no interior da política e da história” (BODEI, 2006, p.

¹⁹ “Napoleón dijo una vez, ante Goethe, que en las tragedias de nuestro tiempo la política ha sustituido al destino de las tragedias antiguas”.

21)²⁰. Como resultado, o medo do futuro aparece sob a forma específica do “desabrigo transcendental” (LUKÁCS, 2000, p. 38). Trata-se do indivíduo que não possui mais as explicações para as perguntas mais elementares: quem sou? o que é a vida? o que devo fazer? Em suma, é o indivíduo “desprovido de respostas”²¹, de modo que “a fundamental necessidade de senso é a causa da ansiedade e de uma desorientação que tende, por sua vez, a alimentar pulsões destrutivas”²² (BURGIO, 2010, p. 20).

Mesmo com essa radical transformação, só há uma coisa que não escapa ao destino: a morte. Como dito pelo Corifeu da tragédia de Eurípides, *Alceste* (526): “não sabes que nosso destino é perecer?”. O desabrigo transcendental ainda nos acompanha, portanto, na medida em que o mundo do além perde sua força em ordenar a sociedade, mas a morte permanece enquanto lei natural. O novo mundo, repleto de incertezas, inseguranças, conflitos e contradições, de um lado, mas repleto de possibilidades, de outro, insere uma nova condição do sujeito humano: junto à perda de segurança anímica que o enraizamento no divino proporcionava, institui uma nova angústia em relação ao futuro e o dilema acerca da identidade e da existência torna-se cada vez mais complexo e intenso. Ao passo que a perda das proteções metafísicas fornecidas pela religião e pela vida em comunidade produziu profundas inquietações em cada sujeito, o capitalismo possibilitou e engendrou intensas *acelerações sociais*, bem como uma “intensificação da vida nervosa” (SIMMEL, 2005, p. 577). Os fenômenos da urbanização, da industrialização, da consolidação de um mercado mundial e dos Estados nacionais, transformaram radicalmente a cidade moderna: não só a região central deixa de ser o templo religioso, transferindo-se para a zona de troca de mercadorias, como o princípio organizativo da vida passa a ser baseado pelo estatuto da quantidade e da racionalidade instrumental; ao mesmo tempo, as mudanças geracionais, nos modos de vida e na sociedade são aceleradas e o indivíduo deixa de ser “fixado em um papel” social determinado (BODEI, 2006, p. 293)²³. Com a revolução industrial, a presença da fábrica emerge enquanto lugar estruturador de novas geometrias sociais, paralelamente ao surgimento de “Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos” e à “descomunal explosão

²⁰ “tiempo humano”; “futuro de salvación y redención colectiva en el interior de la política y de la historia”.

²¹ “priva di risposta”.

²² “la fondamentale domanda di senso è causa di ansia e di un disorientamento che tende a sua volta ad alimentare pulsioni distruttive”.

²³ “fijado en un papel”.

demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu *habitat* ancestral” (BERMAN, 1986, p. 16).

Tendo em vista os processos de modernização, é possível apontar para uma série de dinâmicas progressistas. A primeira diz respeito à emancipação da servidão característica do feudo, ao surgimento da figura do indivíduo e da sua consciência, da sua identidade como “substituta da alma” (BODEI, 2006, p. 19)²⁴. Na Europa, a Revolução Francesa emerge em 1789 como um marco não só da idade contemporânea, mas também da luta travada por vários grupos sociais pelo fim dos privilégios da nobreza. A tomada da Bastilha, prisão símbolo do poder absolutista, que ocorreu no dia 14 de julho, foi acompanhada dos slogans da liberdade, igualdade e fraternidade, de modo que no dia 26 de agosto foi proclamada pela Assembléia Nacional Constituinte a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que tinha dentre as suas proposições fundamentais, a defesa dos direitos considerados naturais, “a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão”, sendo a propriedade considerada sagrada. No início do século XIX também é possível observar um abalo no sistema colonial da América espanhola e portuguesa seguida de uma série de independências, dentre elas o Brasil em 1822, bem como a substituição do trabalho de escravizados pelo trabalho assalariado. Em 1848, uma série de revoluções se alastram pela Europa, sobretudo França, Itália e Alemanha (essas duas últimas ainda em processo de unificação) que constituem o surgimento de um novo sujeito político que irrompe também enquanto sujeito revolucionário, capaz de reconhecer os seus interesses enquanto autônomos e particulares, ao mesmo tempo que antagônicos aos interesses da burguesia (NETTO, 2014). Nesse mesmo ano, no Brasil, eclode a Revolução Praiera, que tinha como pontos de demanda centrais o voto livre, a liberdade de imprensa, a garantia de trabalho e o fim do poder moderador. Ao longo do século XX, finalmente o direito de voto da mulher passa a ser reconhecido nos mais diversos países do mundo; no caso brasileiro, é reconhecido em 1932, tornando-se obrigatório apenas em 1965.

Essa é apenas uma parte da história. Contido na modernidade, há também o seu contrário, a sua negação: “a história da modernidade segue o curso de uma dialética na qual todo progresso é acompanhado pela presença oculta de pressões regressivas, toda mudança de natureza democrática (inclusiva) suscita respostas de natureza

²⁴ “sustituto del alma”.

oligárquica”²⁵ (BURGIO, 2010, p. 19). Marx e Engels (2010, p. 40) já explicitaram essa dinâmica ao afirmar que “a sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado”. No curso da história, portanto, milhares de revoltas foram abafadas e violentamente contidas. Mesmo no caso específico da Revolução Francesa, que estabelecia a igualdade jurídica entre os cidadãos, na Constituição de 1791 era mantida a escravidão nas colônias e proibida a greve dos trabalhadores. Além disso, a liberdade a que se referia era sobretudo a liberdade econômica, isto é, a liberdade da burguesia, da propriedade privada, mesmo que essa não seja explicitamente mencionada na Declaração (SOBOUL, 2007). A modernidade é, desse modo, ambivalente e cheia de contradições: a sua dialética consiste em produzir e possibilitar uma série de emancipações, ao mesmo tempo que engendra novas formas de barbárie (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O fato é que a industrialização, a urbanização, a colonização e o imperialismo marcam profundamente a história da humanidade: a desorientação e a exploração crescem exponencialmente, ampliam-se as contradições e brutalidades inerentes ao capitalismo, acumulam-se diariamente incertezas e inseguranças, e demandam-se adaptações mais rápidas e bruscas de acordo com o ritmo das “relações de produção na sociedade capitalista” (FERNANDES, 1995, p. 53). Por isso, evidenciar o fundamento econômico do populismo contemporâneo e até mesmo do medo, da sua forma específica no modo de produção capitalista, não significa cair em um determinismo, mas considerar a relevância do trabalho como atividade que sustenta não só o econômico, mas também o social. Como indica o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (1995, p. 51):

o problema não consiste, apenas, em se falar de determinismo econômico, que a economia determina o comportamento de um homem, das massas, das classes, mas colocar lado a lado sociedade e poder, essas coisas estão todas associadas. E para Marx, quando se fala na produção das condições materiais de vida, nós temos a produção e simultaneamente as relações sociais de produção, o modo pelo qual a produção se organiza socialmente.

²⁵ “La storia della modernità procede in forza di una dialettica nella quale ogni progresso è accompagnato dall'ombra di spinte regressive, ogni mutamento di natura democratica (inclusiva) suscita risposte di stampo oligarchico”.

Assim, se o indivíduo moderno se depara com a sua fragilidade frente a um mundo aberto que não possui mais seus mecanismos de proteção, certezas, garantias e seguranças capazes de satisfazer a necessidade humana de uma metafísica por meio da religião e de seu poder na sociedade, ele também se depara com novas condições materiais de existência.

2.4 - O MEDO NA SOCIEDADE CAPITALISTA GLOBALIZADA

Situar historicamente a economia capitalista é fundamental, da mesma forma que é compreender o que configura a singularidade dessa economia política. O mundo contemporâneo, ainda que em fase de transição, ainda que em uma nova era global, se situa no sistema capitalista e na modernidade. São outras fases e são outras formas, prolongamentos com descontinuidades, que produzem novas subjetividades, padrões de comportamento, valores e relações sociais, mas também com continuidades que produzem, com as acelerações sociais e a flexibilização do trabalho, “um senso de precariedade, que nutre sentimentos de insegurança e medo”²⁶ (BURGIO, 2010, p. 20-1) e que constitui a dialética da modernidade e do tempo presente:

Os progressos são reais, mas *propriamente por isso* (pelo fato de traduzir-se na melhora de algumas situações) produzem um deprimente sentimento de inadequação pessoal que, por sua vez, gera raiva e induz à procura de culpados. (...) a modernização é acompanhada por uma crescente carga de frustrações, devido à realização falha dos planos de vida e (ou) ao confronto de outras condições sociais e econômicas (BURGIO, 2010, p. 21)²⁷.

É somente nesse meio que o medo pode emergir não apenas enquanto sentimento da humanidade, mas também, enquanto sentimento característico da modernidade: “medo porque o mundo muda, não é decifrável e nem é possível prever como será seu fim. Medo porque a sociedade muda, tudo se movimenta e não se sabe em qual posição se encontrará amanhã por causa da competição social”²⁸ (BURGIO,

²⁶ “senso di precarietà, che nutre sentimenti di insicurezza e paura”.

²⁷ “I progressi sono reali, ma *proprio per questo* (per il fatto di tradursi nel miglioramento di alcune situazioni) producono un deprimente sentimento di inadeguatezza personale, che a sua volta genera rabbia e induce alla ricerca di colpevoli. (...) la modernizzazione si accompagna a un crescente carico di frustrazioni, dovute al mancato coronamento di piani di vita e[o] al confronto con altre condizioni sociali ed economiche”.

²⁸ “Paura perché il mondo cambia, non lo si decifra né si prevede come andrà a finire. Paura perché la società cambia, tutto si muove e non si capisce in che posizione ci si troverà domani per effetto della competizione sociale”.

2010, p. 21-2). Na situação contemporânea, portanto, o futuro passa a ser caracterizado pelo sentimento de incerteza. Não que a vida alguma vez já tenha sido certa ou segura, como vimos com o próprio surgimento do medo pelo processo de abertura ao mundo, mas o que antes era gerido pela fé, na modernidade passou para a gestão do Estado. Não mais a redenção após a morte, mas na própria terra, pela possibilidade de ascender socialmente, de planejar o futuro. Hoje, com a centralização do capital e com a era global, o Estado muda de papel em relação ao que foi no período da democracia moderna, e em vez de regular o acesso a serviços básicos como transporte, moradia, estudos, saúde e lazer, não só contribui para a desregulamentação econômica, como também assume papel central na “administração do medo”²⁹ (VIRILIO, 2012). Assim, o medo está ligado a eventos que podem ser identificados, como guerras, fome, epidemias, catástrofes climáticas, doenças, violências, ao mesmo tempo que se tornou “um ambiente, um cerco, um mundo”³⁰ (VIRILIO, 2012, p. 14), isto é, também é aquela sensação de mal-estar generalizada, de angústia cortante, de desorientação e de medo profundo, que atinge a todos sem que estes saibam de onde essa dor vem. É um problema de identificar o real perigo, porque a ameaça parece vir de todos os cantos, de qualquer pessoa.

Ao longo do processo civilizatório sempre foi possível observar uma série de acontecimentos que evidenciam e expressam a dialética do esclarecimento; no caso contemporâneo não é diferente. As grandes transformações que ocorrem na política, advindas e conjuntas a sua configuração digital, não simplificam a imensa complexidade da relação histórica entre indivíduo e massa, entre liberdade e sujeição, entre necessidade objetiva e possibilidade subjetiva, e entre emancipação e barbárie. O fenômeno das massas e dos enxames digitais (HAN, 2018), ao lado dos inúmeros e distintos processos de “colonização das consciências” (BODEI, 2006)³¹, manifestam-se concretamente e não podem ser negados. Da mesma forma, o indivíduo não pode ser reduzido a um simples autômato manipulável. Importa, portanto, compreender de que maneira essa relação é constituída e em que medida as emoções (por meio de palavras e imagens) afetam os sujeitos contemporâneos, bem como as suas consequências políticas e sociais. Nesse caso, o papel que os líderes políticos assumem frente às massas e aos enxames não podem ser desconsiderados: orientar e

²⁹ “administration of fear”.

³⁰ “an environment, a surrounding, a world”.

³¹ “colonización de las conciencias”.

envolver sob um véu de sentido a vida de milhares de pessoas, qualificando-a e dotando-a de sentido e significado.

O problema do futuro aparece de maneira central: é um problema remoto, ao mesmo tempo que permanente, está presente no destino, na política e na rede – “(...) o que o mago vendia era o elemento imaterial que conduz o mundo e que não pode morrer: a esperança. Os sacerdotes de todos os cultos, os políticos de todos os tempos, têm vendido outra coisa?” (JAMES *apud* BODEI, 2006, p. 329)³². A relação entre medo e esperança se constitui de maneira a fundamentar uma série de políticas, ideologias e mentalidades, dentre elas, o populismo contemporâneo. Essa relação, contudo, é histórica. A esperança e o medo podem ser mobilizados de maneiras distintas e com os mais diversos interesses.

Nesse sentido, compreender o que significa o populismo contemporâneo, desvelando o seu fundamento econômico, possibilita avançar na resposta à pergunta do porquê tantas pessoas votam em líderes populistas. A economia política do tempo presente possui as suas próprias dinâmicas ao mesmo tempo que torna mais extrema a exploração característica do capitalismo. Se a origem dos medos é, na sua esfera mais importante, advinda da sociedade, podemos investigar como os medos são construídos socialmente e articulados em duas esferas pelo populismo contemporâneo: a primeira é aquele medo que surge da condição de precariedade do trabalho e da vida no mundo contemporâneo - e por isso é fundamental compreender a gênese histórica do populismo - e a segunda é a política do medo dirigida pelos líderes populistas. A política do medo é, de fato, uma forma de canalizar insatisfações e preocupações com o futuro, com o mais elementar que é a própria vida, desviando-a de sua origem que é o trabalho alienado e a produção de mais-valia. Por isso, devemos nos atentar a duas questões acerca do populismo contemporâneo: a ênfase no desenvolvimento econômico e o caráter moralista de suas reivindicações.

Os novos medos relacionam-se às condições materiais do tempo presente, ao mesmo tempo que são mobilizados nos discursos populistas a partir das transformações nos modos de vida. A capacidade dos líderes, sobretudo com a política digital, em captar quais são as insatisfações, as angústias, os medos, mas também os desejos, as expectativas e as esperanças é drasticamente aumentada com as novas

³² “(...) Lo que el mago vendía era el elemento inmaterial que conduce al mundo y que no puede morir: la esperanza. Los sacerdotes de todos los cultos, los políticos de todos los tiempos ¿ han vendido jamás otra cosa?”, citando William James, *Principles of Psychology*.

tecnologias de informação e comunicação, juntamente com a repercussão imediata a partir de áudios, imagens e vídeos cada vez mais chocantes e impactantes de uma série de notícias e acontecimentos como roubos, mortes violentas, doenças, em suma, perigos e ameaças que parecem infinitos e sempre presentes. De acordo com Eva Illouz (2017), o medo é uma ferramenta característica dos líderes populistas, que podem tanto conceber inimigos fictícios quanto deslocar a figura de inimigos reais para grupos específicos da sociedade. Nessa mesma entrevista, Illouz indica os quatro medos mais mobilizados pelo populismo contemporâneo, são eles os medos demográfico, econômico, identitário e securitário. A sua articulação envolve a política econômica do tempo presente às questões morais que a extrema direita representa, de forma que a escolha do voto, embora os programas políticos ainda expressem interesses de classe, restringe-se, muitas vezes, às políticas econômicas neoliberais que cambiam entre o multiculturalismo da esquerda e o conservadorismo da direita.

Os medos que derivam da ordem social, consequências da própria estrutura do sistema capitalista, que engendra sempre novos tipos e formas de violência, são deslocados para os avanços legais, jurídicos e representativos das minorias sociais, aparecendo também sob a forma do ressentimento. Ao mesmo tempo que as demandas por reconhecimento e representatividade na política e na cultura se ampliaram historicamente nos movimentos feminista, negro e LGBTQ+, a direita conservadora também passou a reivindicar o seu lugar na moralidade e na política. Associando a questão securitária à crítica à divisão da sociedade pelos critérios da esquerda, que dão demasiada ênfase às minorias sociais, aos refugiados e imigrantes, aos considerados vagabundos e preguiçosos, e em última instância, até mesmo aos criminosos, os líderes populistas são capazes de articular o medo securitário e o identitário. O presidente brasileiro Bolsonaro bem expressa esse encadeamento em um *tweet* de 9 de outubro de 2018 no qual afirma:

Vamos pegar pesado contra a violência para termos um Brasil mais seguro e livre para todas as pessoas, independente de cor, sexualidade e religião. Queremos devolver à população o prazer de andar na rua sem medo, de viver sem medo. Nosso inimigo é o crime, não o cidadão!

Implícito no seu discurso está o argumento de que é a sua figura e a direita que de fato tratam as pessoas com igualdade e sem discriminação. Essa afirmação se fundamenta na desconsideração de todo um passado coletivo histórico ao passo que

ênfatisa a vida e trajetória individual de cada um, vinculando aqui o significado moral do esforço. Aquelas perguntas elementares: quem sou? o que é a vida? e o que devo fazer? por mais que vazias agora do seu conteúdo religioso, podem ser encontradas a partir do acúmulo de experiências do passado. A memória é, desse modo, fundamental para a produção de superações não só na vida individual, como também na própria história da humanidade. Todavia, o populismo contemporâneo, tem como “temporalidade”³³ a imediatividade e a instantaneidade: “o seu regime de historicidade é o presentismo”³⁴ (DIAMANTI; LAZAR, 2018, p. 24).

É na linguagem populista, portanto, que a esfera emotiva irrompe como essencial para compreender o próprio fenômeno do populismo contemporâneo enquanto um movimento de massa. As suas palavras, as suas imagens e a sua estética social visam mobilizar naquele que assiste uma série de paixões e emoções e um conjunto específico de medos. É o medo do futuro e do futuro imediato, o medo de que amanhã será pior. É o medo do desconhecido, do mundo que drasticamente se transforma na sua frente. É o medo de não conseguir acompanhar. É o medo do inimigo, mas que não se sabe muito bem qual. É o medo de não sobreviver e de ser deixado para trás. São medos e mais medos que afetam a forma como as pessoas sentem o mundo. Contudo, extrair da realidade o seu movimento, compreender o que significa o mundo, qual o seu sentido e quais são as gêneses das contradições é radicalmente diferente de sentir o mundo, de narrá-lo “como se fosse” (HOCHSCHILD, 2016).

Retomando o *tweet*, a qual liberdade e a qual igualdade Bolsonaro se refere? Imediatamente trata-se da liberdade de ir e vir sem sofrer violência; mas na sua concepção de mundo trata-se de algo muito mais amplo. De início, pode parecer que a liberdade que Bolsonaro invoca assemelha-se à definição do filósofo norte-americano Robert Nozick que ênfatisa que “nenhum princípio de estado final ou distributivo padronizado de justiça pode ser continuamente implementado sem interferência contínua na vida das pessoas” (NOZICK, 1974, p. 183), no entanto, a interferência estatal na economia e na vida das pessoas não é um problema para o líder populista desde que seja favorável aos seus interesses pessoais e de classe, da pequena e média burguesia brasileira. Não é à toa que em outubro de 2021 Bolsonaro sancionou um projeto de lei que permite a setores comerciais a isenção, dentre outras vantagens

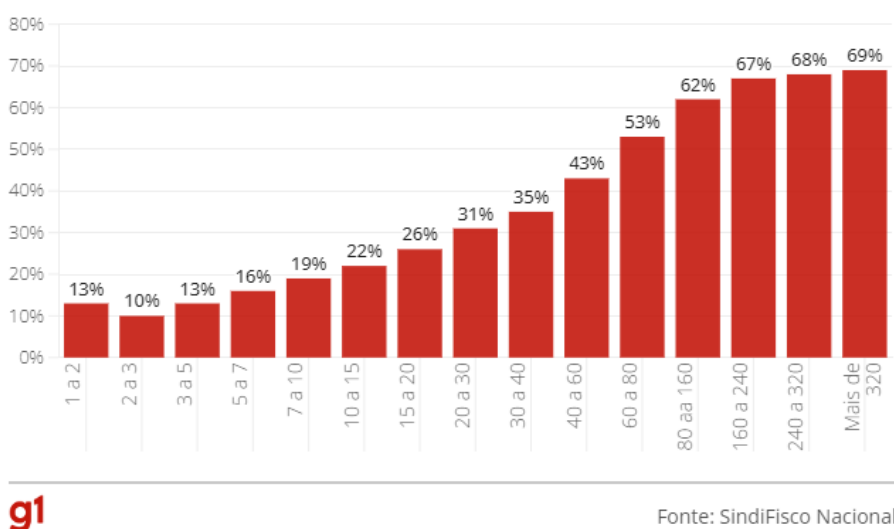
³³ “temporalità”.

³⁴ “il loro regime di storicità è il presentismo”.

tributárias, do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços)³⁵, ao passo que no próprio sistema tributário brasileiro, como no caso do imposto de renda, a cobrança é maior entre aqueles que recebem entre 20 e 30 salários mínimos, diminuindo com o aumento da renda. Proporcionalmente, o 1% mais rico do país possui quase 70% da sua renda livre de tributação, como mostra o gráfico disponibilizado pelo G1, com base nos dados do SindiFisco Nacional³⁶:

Fatia da renda livre de IR

Quem ganha acima de 60 salários mínimos tem mais da metade da renda isenta



O que está em questão é o conteúdo das disputas que se constituem no tecido social brasileiro, bem como no próprio âmbito global. Bolsonaro, e outros líderes populistas, constantemente utilizam as palavras liberdade, justiça, democracia, e um pouco menos frequente, também falam de igualdade. Mas a que classe serve? Qual o real sentido das palavras que escolhe utilizar? Novamente, qual é o significado da liberdade e da igualdade que Bolsonaro invoca? Em última instância, é a “liberdade de morrer de fome” (LENIN, 1980, p. 6-7), a liberdade de uma classe que é a capitalista. De acordo com o filósofo político Gerald Cohen, a propriedade privada de fato distribui liberdades, como a de reunião, de associação, de venda e compra de

³⁵<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/10/28/bolsonaro-sanciona-projeto-que-prorroga-inc-entivos-fiscais-por-ate-15-anos.htm>

³⁶<https://g1.globo.com/economia/de-olho-no-orcamento/noticia/2022/08/31/classe-media-brasileira-paga-mais-imposto-de-renda-do-que-os-super-ricos.ghtml>

mercadorias, mas também distribui “*iliberdades*”: “pensar no capitalismo como um reino da liberdade é ignorar metade da sua natureza”³⁷ (COHEN, 2011, p. 152). A desigualdade, a centralização do capital e a formação de oligarquias revelam esse outro aspecto da liberdade capitalista. É por isso que a “igualdade é uma frase oca a não ser que por igualdade se entenda a abolição de classes” (LENIN, 1980, p. 33): no modo de produção capitalista não é possível superar o antagonismo de classes, não é possível superar a distinção entre aqueles que lucram e aqueles que trabalham, entre aqueles que exploram e os que são explorados, porque a própria opressão se insere nessa forma de liberdade aparente:

A “liberdade e igualdade” no sistema burguês (isto é, enquanto se mantiveram a propriedade privada das terras e dos meios de produção) e na democracia burguesa, serão meramente formais, o que significa, na realidade, escravidão salarial para os trabalhadores (...), todo o poder para o capital, e opressão do trabalho pelo capital (LENIN, 1980, p. 8-9).

Por isso o medo mais elementar da sobrevivência imediata está sempre presente e a preocupação com o futuro imediato também, mas fazendo jus à complexidade das próprias relações sociais, o medo não poderia ser uno. Em *A forma do medo*, W.E.B. Du Bois reflete sobre a influência e a importância da Ku Klux Klan nos Estados Unidos e percebe que, embora o medo possua longa data, “eles são renovados e revividos hoje porque o mundo tem atualmente um grave caso de nervosismo; sente que é necessário ficar nervoso porque o Inesperado aconteceu”³⁸ (DU BOIS, 1926, p. 293). O sociólogo estadunidense publica esse artigo referindo-se a Klan na sua segunda fase - na qual afirma ser completamente diferente daquela do período da Restauração - quando a Primeira Guerra Mundial já havia acabado, mas os seus efeitos devastadores não. A Europa estava completamente destruída posteriormente a um período que marcou a consolidação do culto e da crença no progresso. Francis Bacon, filósofo inglês do período da Revolução Científica marca tal culto na sua própria concepção e tentativa de construção de uma filosofia que também fosse técnica e científica e que, longe da pura contemplação, pudesse por meio do domínio da natureza, possibilitar o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida. A passagem para o século XX, por sua vez, marca um momento da constituição

³⁷ “*unfreedom*”; “To think of capitalism as a realm of freedom is to overlook half of its nature”.

³⁸ “they are renewed and revived today because the world has at presente a severe case of nerves; it feels it necessary to be nervous because the Unexpected has happened”.

do capitalismo, conhecido como Belle Époque e que teve seu fim com o estopim da Primeira Guerra Mundial, que foi uma guerra imperialista, de rapina, conquista de territórios, domínio e hegemonia, na qual a economia entra em um período de expansão acompanhado do fim e do surgimento de novas profissões, bem como de um “novo estrato de empregados técnicos, comerciais e burocráticos”³⁹ (BELKE, 2008, p. 10), característico da fase monopolista do capitalismo pelo domínio do capital financeiro, isto é, pelo papel que os bancos desempenharam na centralização do capital (LENIN, 2008). É nesse período que “futuristas italianos” acreditavam “que o triunfante progresso da ciência torna inevitáveis as transformações da humanidade, transformações que estão cavando um abismo entre aqueles dóceis escravos da tradição e nós, livres modernos, que acreditamos no radiante esplendor do nosso futuro.” (BERMAN, 1986, p. 26). E é esse o período que se constitui o imperialismo, a “fase superior do capitalismo” (LENIN, 2008), que torna mais extremas a exploração do trabalhador, bem como retoma os processo de colonização agora na África e na Ásia.

Não muito tempo depois, a Segunda Guerra Mundial, que marca o surgimento dos Estados fascistas na Itália, Portugal, Espanha e Alemanha, bem como do fascismo enquanto uma reação imperialista extrema (TROTSKI, 2019), explode manifestando não apenas toda a potência destrutiva da técnica, que foi fortemente impulsionada nesse período, mas também as tendências mais desumanizadoras entre o gênero humano, isto é, a “construção dos centros fabris de morte em massa” (ARENDT, 1989, p. 12). O século XX foi o século em que o inaudito também era o chocante: “nunca antes nosso futuro foi mais imprevisível” (ARENDT, 1989, p. 11). Assim como Ícaro acreditou ter o poder de um deus e alçou um voo mais alto do que poderia, despencando e morrendo no mar Egeu, a civilização europeia sofreu uma queda de proporções titânicas quando as suas próprias construções voltam-se sobre ela na forma de instrumentos de guerra e de genocídio com um poder destrutivo jamais visto. A imprevisibilidade e a desorientação alcançam maiores dimensões quando o que vem antes é marcado por uma série de certezas e pela fé em algo, no caso o progresso. E embora o período que nos separa do fim da Segunda Guerra já completa 78 anos, ainda hoje é possível perceber um núcleo de medos que se originaram com o fim da

³⁹ “nuovo estrato de empleados técnicos, comerciales y burocráticos”.

Belle Époque e que ainda hoje permanecem. Em 1926, Du Bois já era capaz de os observar. Quais são? Dentre muitos outros, o medo de

perder o seu emprego, de ser marginalizado, degradado ou de ser verdadeiramente desfavorecido; de perder suas esperanças, suas economias, seus planos para os seus filhos; das dores reais da fome; da sujeira; do crime. E de tudo isso, o mais ubíquo na sociedade industrial moderna é o medo do desemprego” (DU BOIS, 1926, p. 294-5)⁴⁰.

Mas se o medo político também é capaz de mobilizar os aspectos morais da identidade, os conceitos de liberdade e igualdade podem ser deslocados de uma real emancipação do gênero humano para o combate a um determinado grupo social considerado inimigo e culpado. Essa é uma tática antiga e por isso é importante determinar as gêneses históricas dos diferentes fenômenos. A Klan foi marcada pelo racismo. O nazismo pelo antissemitismo. E o populismo contemporâneo? Qual é o seu inimigo? Essa resposta não é tão fácil, e por isso não será finalizada neste capítulo. Mas, da mesma forma que a Klan e o nazismo possuem uma gênese histórica e um fundamento econômico, construindo a figura do inimigo sob uma base moral, o que Arendt (1999, p. 22) deixa bem claro: “o próprio anti-semitismo é agora utilizado para fins que transcendem a problemática aparente, e os quais, embora sua implantação faça dos judeus as principais vítimas, deixam para trás todas as questões de interesse judaico e antijudaico”, o populismo contemporâneo também possui a sua gênese, o seu fundamento e a sua moralidade. Hannah Arendt (1989, p. 101) percebe que as regras de linguagem do nazismo⁴¹ não tinham como objetivo “deixar as pessoas ignorantes daquilo que estavam fazendo, mas impedi-las de equacionar isso com seu antigo e ‘normal’ conhecimento do que era assassinato e mentira”. De uma maneira semelhante é possível pensar sobre o sentido e o significado da democracia, da liberdade e da igualdade no populismo contemporâneo. Qual democracia? Não a do gênero humano, mas a do povo verdadeiro. Qual liberdade? Não a dos explorados, mas a dos que exploram. E qual igualdade? Não a que abole as classes sociais, mas a que ignora o passado histórico de explorações e desumanizações.

⁴⁰ “losing their jobs, of being declassed, degraded or actually disgraced; of losing their hopes, their savings, their plans for their children; of the actual pangs of hunger; of dirt, crime. And of all this, most ubiquitous in modern industrial society is that fear of unemployment”.

⁴¹ Sobre essas regras Arendt (1999, p. 100) afirma que “exceto nos relatórios do *Einsatzgruppen*, é raro encontrar documentos que ocorram palavras ousadas como ‘extermínio’, ‘eliminação’ ou ‘assassinato’. Os codinomes prescritos para o assassinato eram ‘solução final’, ‘evacuação’ e ‘tratamento especial’.”

É nesse sentido que uma série de restrições, exclusões e até mesmo violências são, se não legitimadas e incitadas, pelo menos permitidas. A possibilidade de uma organização social fora do modo de produção capitalista é esquecida, ocultada e até mesmo negada, ao passo que a crítica restringe-se ao campo da cultura e dos valores. A potência do mítico, portanto, insiste em ressurgir na política e se manifestar sempre em novas formas, mas que permanecem profundamente a-históricas. A utilização da natureza como componentes de determinismo, que retiram do social a sua práxis e historicidade, justificam desigualdades considerando não a justiça social, mas a de mercado, isto é, considerando a liberdade do burguês *como se fosse* a liberdade de toda a humanidade. Analisando a filosofia do imperialismo, Lukács (1979, p. 54) aponta para o objetivo de “destronar a razão”, estabelecendo um relativismo e um subjetivismo em relação à realidade. Para o filósofo, esse irracionalismo caracteriza-se por transformar e mistificar “a condição do homem do capitalismo imperialista em um condição humana geral e universal” (LUKÁCS, 1979, p. 57). Essa mistificação do próprio ser humano adquire outras colorações quando, no populismo contemporâneo, idealiza moralmente a sua concepção de povo: não se fala mais do operário ou do proletário, mas do cidadão brasileiro, americano, italiano... A realidade material, isto é, a condição de classe dos sujeitos é, desse modo, dissimulada “por meio de mistificações morais e afetivas” (BEAUVOIR, 1972, p. 20). A afirmação da filosofia imperialista, apontada por Lukács (1979), de que não é mais a razão, mas sim a intuição que possibilita conhecer o mundo também aparece na concepção de mundo do populismo contemporâneo: na deturpação da realidade factual e na sua redução ao imediato visível, na simplificação das ações políticas por meio do elogio ao bom senso, na explicação do mundo não pelo discurso racional, mas pela narração que enfatiza como as coisas sentem, como parecem ser, e não como são.

A utilização de mitos na política populista contemporânea é acompanhada pelo resgate daquela ideia de cosmos, invocando, por consequência, a noção de lugar natural como centro de sua moralidade. A ênfase excessiva dos líderes populistas na defesa dos costumes tradicionais cristãos serve, na verdade, para desviar o foco das reais consequências sociais e econômicas da luta de classes no interior da classe capitalista e da implantação de políticas econômicas neoliberais, ao mesmo tempo que instigam a relevância da identidade pessoal: “nós votamos em candidatos que colocam

a Bíblia onde ela merece”, foi uma das afirmações que Hochschild (2016, p. 47)⁴² relata na sua etnografia com a direita do Tea Party estadunidense. É justamente desse modo que o medo proveniente da queda no nível de vida e o medo que surge com as modificações nos modos de vida, hoje muito mais acelerados e com uma maior variedade de manifestações, são articulados pelo populismo contemporâneo a partir de narrativas políticas que mobilizam um certo conjunto de medos - mas também outras emoções, como mostra Eva Illouz (2022), a ira, o ressentimento e a indignação frente a uma situação considerada e sentida como injusta - que surgem ao longo do desenvolvimento do capitalismo. As emoções seriam, desse modo, uma

reação às condições sociais existentes que adquirem a forma de um discurso e de um esquema narrativo coletivo - esquemas narrativos que colocam deliberadamente em relação, e de forma muito específica, de causa e efeito, que atribuem a responsabilidade de tal ou qual situação para tal ou qual grupo e propõem soluções para situações delicadas” (ILLOUZ, 2022, n.p.)⁴³

Diante da origem empírica das emoções, e do medo especificamente, fica clara a sua elementaridade na constituição da subjetividade humana, o seu impacto na política e a sua relação com o futuro. A dialética do medo está diretamente vinculada à dialética da história e a fim de pormenorizar quais são os novos medos, quais são os seus impactos na vida social (política, econômica e cultural), e qual o novo projeto de sociedade do capitalismo financeiro, precisamos investigar o movimento histórico do tempo presente: do fenômeno e do processo da globalização. Essa distinção é conceitualizada pelo filósofo italiano Danilo Zolo (2006) e é de fundamental importância: enquanto o fenômeno da globalização diz respeito à configuração internacional de poder das grandes corporações transnacionais e, em sua medida, dos Estados nacionais, o processo da globalização se refere ao desenvolvimento tecnológico e informacional.

Em outras palavras, precisamos compreender o que distingue a nova sociedade em formação e quais são as grandes transformações que configuram um novo tempo histórico e um novo espaço social, bem como, de que maneira a sociedade capitalista contemporânea produz novas manifestações do medo no indivíduo e na sociedade. Em

⁴² “We vote for candidates that put the Bible where it belongs”.

⁴³ “réactions à des conditions sociales qui prennent la forme d'un discours et de schèmes narratifs collectifs - schèmes narratifs qui mettent délibérément en relation, et de façon très spécifique, des causes et des effets, qui attribuent la responsabilité de telle situation à tel ou tel groupe et proposent des solutions à situations à l'évidence délicates” (Introduction, p. 11-2 do arquivo digital).

suma, é necessário distinguir e evidenciar a origem histórico-social dos novos medos, estabelecendo como marco temporal o século XXI do capitalismo vitorioso da Guerra Fria. Mais precisamente, o foco de nossa análise é datado a partir da década de 1980, em que se inicia um processo de centralização do capital que se intensifica no século seguinte e de difusão da ideologia neoliberal que se radicaliza mundialmente, sustentando e constituindo o próprio fenômeno do populismo contemporâneo.

Assim, três questões permanecem essenciais para pensar o mundo e, por isso, serão consideradas no próximo capítulo, são elas: a cidade, as classes sociais (bem como o papel social dos indivíduos) e o trabalho. Em primeiro lugar, “as estruturas do global” se constituem no interior do nacional (SASSEN, 2010, p. 23) e, na medida em que as relações sociais e de produção se concretizam em um lugar e se materializam na vida individual e coletiva, as cidades ainda assumem papel central. Em segundo lugar, a situação histórica das sociedades contemporâneas ainda é a do modo de produção capitalista - o que engloba as “forças materiais de produção”, um “sistema de relações sociais” e um “sistema de padrões de comportamento”, abarcando a totalidade das relações de produção e determinando a estrutura e o ordenamento social (FERNANDES, 1995, p. 86). E, em terceiro lugar o trabalho, que é a “atividade pela qual o homem se cria a si mesmo” (KONDER, 2004, p. 29), mas, na medida em que o trabalho é alienado, tanto a vida individual quanto o caráter genérico humano também se tornam estranhos e a própria atividade vital humana se transforma em uma atividade não-livre. Nesse sentido, a luta de classes mantém a sua concretude enquanto ainda for vigente a propriedade privada, que é “o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado, da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo” (MARX, 2004, p. 87).

3. FUTUROS INCERTOS: A GÊNESE HISTÓRICA DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO

“Escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia”

(Benjamin, 2006, p. 516)

3.1 - A VITÓRIA DO CAPITALISMO NA GUERRA FRIA E A GLOBALIZAÇÃO: PROCESSO, FENÔMENO E PROJETO

No dia 26 de dezembro de 1991 a União Soviética é dissolvida e é cravada a vitória do modo de produção capitalista em relação ao socialismo real, bem como da hegemonia política, econômica e cultural dos Estados Unidos, que hoje se prova muito mais fraca em relação ao próprio capitalismo que permanece até então livre de qualquer ameaça objetiva. Essa vitória impulsiona uma série de transformações que haviam sido engendradas ao longo da década de 1970 e que Wolfgang Streeck (2016, p. 13)⁴⁴ diagnostica como “multimorbidades nas quais diferentes desordens coexistem”, reforçando-se mutuamente, sendo por isso também um período de “incerteza e indeterminação”. Se é possível apontar para uma continuidade no desenvolvimento histórico do capitalismo, é que ele tem se tornado cada vez mais radical e acirrado - o processo de centralização do capital produz sempre novas formas de exploração, de lucro e de dominação. Desde a passagem do século XIX para o XX, as relações produtivas foram marcadas pela centralização do capital, caracterizando a sua fase monopolista, em que cartéis ditam a base da vida econômica, o mercado financeiro cresce e surge uma relação “de dependência cada vez mais completa do capitalista industrial em relação ao banco” (LENIN, 2008, p. 41). Ao mesmo tempo, o mapa mundial foi reformulado pelos processos de unificação da Itália e da Alemanha, por exemplo, mas também pela partilha do continente africano pela Europa, que se consolidou com a Conferência de Berlim, entre 1884 e 1885.

Na primeira metade do século XX, as duas grandes guerras mundiais marcaram não só o século, pelo seu caráter imperialista, mas toda a história da humanidade que chegava, pelo fascismo e pelo nazismo, no seu ponto mais alto de desumanização, revelando o elemento regressivo da dialética do esclarecimento e a potencialidade de destruição pela técnica (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). O surgimento da “social-democracia como fenômeno histórico” (PRZEWORSKI, 1989) também

⁴⁴ “multi-morbidity in which different disorders coexist”; “uncertainty and indeterminacy”.

marcou a Europa do século XX que, não indo em direção à revolução proletária, via-se obrigada a solucionar, mesmo que superficialmente, as demandas por redistribuição de renda, benefícios e oportunidades. A resolução de conflitos na social-democracia era mediada pela política partidária que tinha como prioridades “o crescimento econômico e a segurança social (assim como a militar)” (OFFE, 1984, p. 373). Desse modo, o Estado social tinha como base teórica o keynesianismo e a ideia de que o capitalismo poderia ser um jogo de soma positivo, isto é, de que seria possível o relacionamento do mercado, da propriedade e do capitalismo com o Estado, a democracia e o bem-estar social (ESPING-ANDERSEN, 1991).

Nessa perspectiva, o Estado-nação tem como função promover o bem-estar expandindo os serviços de segurança social e o crescimento econômico, a partir da política econômica de pleno emprego, da gestão de políticas distributivas, sendo o Estado o órgão regulador que intervém na economia, mesmo que “sem alterar a situação legal da propriedade privada” dos meios de produção (PRZEWORSKI, 1989, p. 57). É claro que o *Welfare State* é demasiado complexo e deve-se levar em conta o conceito de estrutura de Estado, como demonstrou o sociólogo Esping-Andersen (1991), o que possibilita diferenciar uma série de modelos de Estado social, inclusive no que diz respeito à mobilização da classe trabalhadora. Todavia é possível identificar um traço fundamental da consolidação dos três modelos de Welfare State, que “depois da Segunda Guerra Mundial passou a depender fundamentalmente de alianças políticas com as novas classes médias” (ESPING-ANDERSEN, 1991). Segundo Saskia Sassen (2014, p. 17), após esse período, as novas formas de crescimento econômico, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos,

contribuíram para a vasta expansão da classe média. Elas não eliminaram a desigualdade, a discriminação, ou o racismo. Mas elas reduziram tendências sistêmicas direcionadas à extrema desigualdade ao constituir um regime econômico centrado na produção e no consumo em massa, com fortes uniões trabalhistas pelo menos em alguns setores, e diversos suportes governamentais⁴⁵.

O fato é que o Estado social entra em choque com as leis fundamentais do sistema de mercado capitalista: a competição e a concorrência entre os sujeitos econômicos, a queda da taxa de lucro, a concentração de capitais em poucas mãos, a

⁴⁵ “contributed to the vast expansion of a middle class. They did not eliminate inequality, discrimination, or racism. But they reduced systemic tendencies toward extreme inequality by constituting an economic regime centered on mass production and mass consumption, with strong labor unions at least in some sector, and diverse government supports”.

concentração de rendas e poderes tendem a produzir crises econômicas e sociais, marcadas pelo rompimento dos acordos e dos compromissos realizados entre as forças políticas tecidas após as tragédias sociais produzidas pela crise econômica de 1929, pelo fascismo italiano e pelo nazismo alemão, pela negação do valor universal dos direitos humanos fundamentais, pela corrosão dos valores e dos princípios da democracia na segunda metade do século XX e pela produção de novas formas de exclusão e marginalização social. Os sociais democratas aceitam a liberdade dos capitalistas em explorar o trabalho e as consequentes iliberdades que advém desse sistema “porque esperam que os lucros apropriados pelo capital sejam poupados, investidos, transformados em capacidade produtiva e parcialmente distribuídos como remuneração a outros grupos” (PRZEWORSKI, 1989, p. 61). Nesse sentido, os “riscos e contingências da sociedade industrial” (OFFE, 1984, p. 378) não recaem diretamente sobre o indivíduo, mas sobre o cidadão que, como integrante de uma nação, possui direitos políticos e sociais-econômicos, bem como uma providência social garantida pelo Estado. No entanto, a política econômica e social keynesiana “resultou em taxas elevadas de desemprego e inflação” (OFFE, 1984, p. 378). De acordo com o sociólogo alemão Claus Offe (1984, p. 379), ao impedir o processo de “destruição criativa” do capitalismo - que é conceitualizado por Schumpeter (1961) - o *Welfare State keynesiano* se torna vítima de seu próprio sucesso. Em vista disso, na década de 1970, a ordem mundial passa por uma crise de inflação global, seguida por uma explosão do débito público em 1980 e culminando em 2008 em um colapso dos mercados financeiros (STREECK, 2016).

A relativa estabilidade que se constitui no pós-guerra é então atingida por uma série de fatores e fenômenos: a crise do petróleo de 1973 e 1979 e a política de preços da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), o fim do sistema de Bretton Woods, que provocou uma passagem das taxas de câmbio fixas para o regime cambial flutuante e que deu “aos operadores financeiros privados um maior poder na determinação dos preços relativos das moedas” (ALVES, 2001, p. 74-5), a passagem do fordismo, caracterizado por altos salários e consumo, estabilidade e continuidade no emprego, para o toyotismo e para o trabalho flexível, o esgotamento do *Welfare State keynesiano*, que até então havia sido “adotado como concepção básica do Estado e da prática estatal em quase todos os países ocidentais” (OFFE, 1984, p. 372) e as transformações nos padrões de comportamento individual, bem como nas relações

sociais, no processo de socialização. Na década de 1980, o período de *détente* entre os Estados Unidos e a União Soviética também chega ao fim. Em 1962, as tensões provenientes da Guerra Fria foram atenuadas após o seu ápice na crise dos mísseis de Cuba, tornando-se mais estável a partir da década de 1970 - não à toa em 1971 a China torna-se parte do Conselho de Segurança da ONU, em 1972 ocorre a SALT I (Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas) e em 1975 ocorre a missão espacial conjunta Apollo-Soyuz. Em 1979, essa relativa estabilidade colapsa com a rejeição da SALT II pelo Senado dos EUA, mas também como um processo que se desenvolve a partir da renúncia de Nixon em 1974 e que é marcado pelas eleições em 1979 de Margareth Thatcher no Reino Unido e em 1980 de Ronald Reagan nos Estados Unidos.

O que essa constante passagem de crises para períodos de relativa estabilidade mostra é que “as contradições essenciais do sistema [capitalista] não são superadas, são apenas momentaneamente deslocadas para o futuro, sempre ao preço da destruição do planeta e do avanço das desumanidades socialmente postas, (...) do caráter destrutivo do capital” (LESSA, 2007, p. 57). A essência animada do capitalismo, a sua transformação e aprimoramento, é o que possibilita a permanência da relação capital-trabalho e da submissão de todos os governos e indivíduos ao domínio do capital. A globalização, desse modo, aparece não apenas como um processo histórico de desenvolvimento tecnológico-informático, mas também e sobretudo enquanto um fenômeno histórico que convulsiona a escala hierárquica de poder até então existente, dotando de novo sentido as relações entre o nacional e o global, o público e o privado, a civilização e a dominação. É nesse aspecto que compreendemos a globalização como a “mundialização do capital” que ocorre a partir de 1980 e que se constitui como uma nova etapa do desenvolvimento do capitalismo (ALVES, 2001). Essa mudança de escala produtiva gera modificações na própria classe capitalista, que deixa de ser apenas nacional-industrial, emergindo também como uma nova burguesia transnacional sustentada pelos aparatos institucionais que foram criados na década de 1940 como a ONU (Organização das Nações Unidas), o FMI (Fundo Monetário Internacional), o Banco Mundial e até mesmo a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

A globalização, portanto, não é um fenômeno natural, nem “imparável e benéfico” (ZOLO, 2006, p. 29)⁴⁶ como acreditam os seus apologistas, mas é o resultado da ação, não consciente de todas as consequências, mas deliberada, de agentes individuais e coletivos políticos e econômicos que só pôde se concretizar com o desenvolvimento técnico na medida em que possibilitou a liberalização dos movimento dos capitais e o seu deslocamento, seguido da desregulamentação do trabalho e da mudança no papel do Estado nacional. O termo globalização é correntemente associado ao “processo de extensão ‘global’ das relações sociais entre os seres humanos, capaz de cobrir o espaço territorial e demográfico de todo o planeta” que se desenvolveu a partir dos anos 1970-1980 (ZOLO, 2006, p. 17)⁴⁷. No entanto, segundo o sociólogo italiano Luciano Gallino (2012, p. 38), essa é uma definição “historicamente incorreta”⁴⁸, já que é possível observar o aumento de integração global a partir de 1914 com a Primeira Guerra Mundial e com os tratados de paz, bem como é “tautológica”, porque não revela as funções políticas da globalização. A globalização de fato é um processo tecnológico e informático que tem a sua condição de possibilidade na própria aceleração técnica, mensurada pelos “processos de transporte, comunicação e produção (de bens e serviços)”⁴⁹ (ROSA, 2013, p. 71). A aceleração social, de acordo com Rosa (2013) é um fenômeno característico da modernidade, mas a partir de 1970 a própria aceleração é potencializada e, sobretudo a partir de 1980, inovações técnicas e científicas nas mais diversas áreas, desde a saúde, até a informática, a mecânica, a biotecnologia, dentre muitas outras, são constantemente revolucionadas. E é apenas nesse período que o fenômeno da globalização como “mundialização do capital” adquire o seu novo sentido histórico, uma vez que “o avanço das políticas neoliberais nos principais países capitalistas indica um novo padrão da acumulação capitalista mundial” (ALVES, 2001, p. 36).

O projeto econômico da globalização, portanto, não é apenas industrial, mas também é político, realizado por uma rede complexa de atores e forças sociais: são as grandes potências mundiais, como os Estados Unidos e a União Europeia; bancos centrais; as grandes corporações multinacionais, as grandes indústrias, automotivas,

⁴⁶ “imparable y benéfico”

⁴⁷ “proceso de extensión ‘global’ de las relaciones sociales entre los seres humanos, capaz de cubrir el espacio territorial y demográfico de todo el planeta”.

⁴⁸ “historicamente scorreta”.

⁴⁹ “processes of transportation, communication, and production (of goods and services)”.

informáticas, energéticas, alimentícias, farmacêuticas, etc; as *bank holding companies*, as agências de seguro, agências imobiliárias e agências internacionais que fornecem o aparato institucional para o mercado financeiro como o FMI e o Banco Mundial; mas também, “os gestores do mercado financeiro, os fundos de pensão e os fundos comuns de investimentos que dominam o mercado financeiro” (ALVES, 2001, p. 17), banqueiros, CEOs, políticos e grandes proprietários de patrimônios e terra; em suma, a grande burguesia transnacional. O mercado é movimentado pelas corporações multinacionais, pelos bancos, ativos financeiros e fundos de pensão que possibilitam, junto com a flexibilização do trabalho, uma nova forma de extração de valor e, por consequência, um novo regime de acumulação capitalista (GALLINO, 2012; ALVES, 2001). A globalização, portanto, não é apenas o aumento de interdependência no mundo e é mais do que a simples “formação de instituições globais” (SASSEN, 2010, p. 9): o poder constitui-se enquanto uma “formação predatória”⁵⁰ estruturada por uma “mistura de elites e capacidades sistêmicas sendo a finança o principal impulsionador a conduzir para a concentração aguda”⁵¹ (SASSEN, 2014, p. 13).

Diferente do período da democracia moderna (1945-1975), que produziu o alargamento das classes médias, as transformações do tempo presente indicam que a atual política econômica vai em direção oposta: não mais uma relativa inclusão de pessoas, mas sim a sua expulsão e a produção de *brutalidades elementares*. Para a socióloga, essa nova dinâmica do capitalismo vai além da “ideia mais familiar de desigualdade crescente”, ao passo que possibilita compreender que não apenas ela é capaz de “coexistir com o crescimento econômico”, como é parte integrante e fundamental desse mesmo sistema (SASSEN, 2014, p. 1; 2)⁵². Trata-se de uma recodificação da interação entre o nacional e o global, na forma de uma “desnacionalização parcial” que insere novas questões de escala no que diz respeito ao poder (SASSEN, 2010, p. 13) na medida em que é não só complexificado no nível global, como é aumentado na sua capacidade de produzir formas primitivas de acumulação que resultam na *expulsão* de pessoas e na destruição catastrófica do meio

⁵⁰ “predatory ‘formations’”.

⁵¹ “mix of elites and systemic capacities with finance a key, that push toward acute concentration”. Sassen deixa claro que a concentração por si só não qualifica nada; o que chama a atenção são “as formas extremas” sob as quais essa concentração ocorre (SASSEN, 2014, p. 13) - “the extreme forms”.

⁵² “the more familiar idea of growing inequality”; “coexist with economic growth”

ambiente - segundo Sassen (2014, p. 15), “enormes complexidades técnicas e jurídicas são necessárias para executar o que são, em última análise, extrações elementares”⁵³.

Isso não significa, contudo, uma completa destruição das antigas hierarquias: se trata de um reescalonamento de hierarquias e poder, ou seja, do “surgimento de novos processos escalonares simultâneos aos antigos” (SASSEN, 2010, p. 18). Essa concepção implica a impossibilidade de opor, de maneira excludente, nacional e global, e a necessidade de compreender essa relação a partir das “transações transfronteiriças cada vez mais intensas” e digitais, que revelam as suas tendências profundas no território nacional e nas cidades (SASSEN, 2010, p. 23). Sabemos que a existência de processos econômicos pelas fronteiras e a partir delas não são um fenômeno novo, no entanto, a partir de 1980 e 1990, essa condição muda na medida em que empresas privadas e mercados de operação global passam a ser os articuladores centrais da economia política. Por sua vez, a economia dos processos globais atravessa as hierarquias nacionais, transformando o papel do Estado. Não se trata de um simples declínio da significância e da autoridade do Estado, mas sim de uma nova geometria do poder, que insere o Estado em um campo muito mais amplo de promoção da globalização e do sistema financeiro. Essa relação não é simples: “o Estado incorpora o projeto global de encolher seu próprio papel de regulamentar as transações econômicas” (SASSEN, 2010, p. 34). Em outras palavras, a participação do Estado tem fortalecido o poder e a legitimidade de “autoridades estatais privatizadas e desnacionalizadas” (SASSEN, 2010, p. 35).

A ideia de que houve uma inversão de poder, em que a política passa a ser submetida à economia é, portanto, uma “fábula construída”⁵⁴ a partir de um acordo entre essas duas esferas (GALLINO, 2012, p. 42): os Estados nacionais possibilitam e participam ativamente do ordenamento dos “regimes transnacionais” a partir da criação de novas legalidades e de novos modelos legais que garantem proteções jurídicas e isenções fiscais à empresas privadas e, de modo geral, ao mercado global. Ainda, os Estados realizam uma abertura à investimentos estrangeiros, viabilizando uma série de privatizações e conduzindo (lado a lado com as grandes corporações multinacionais) o processo de desregulamentação comercial e financeira:

⁵³ “enormous technical and legal complexities are needed to execute what are ultimately elementary extractions”.

⁵⁴ “favola costruita”.

À medida que as funções públicas de criar normas e regras se tornam cada vez mais subordinadas a padrões técnicos que possibilitam a globalização corporativa, podemos observar a emergência de uma agenda substancialmente privada dentro dos limites de uma autoridade pública formalmente legítima (SASSEN, 2010, p. 65).

Desse modo, “a informatização de mercados e instrumentos financeiros desempenhou um papel crucial em aumentar as ordens de magnitude do mercado global de capitais”, ampliando o poder das *formações predatórias* em um nível exponencial; na medida em que “o espaço digital privado dos interesses financeiros globais” se vincula com a autoridade estatal e com os sistemas legais nacionais (SASSEN, 2010, p. 77), a financeirização adquire um “duplo efeito perverso de aumentar a riqueza privada e a pobreza pública”⁵⁵ (GALLINO, 2012, p. 50). É importante evidenciar que as consequências das grandes transformações atingem as relações sociais como um todo, abrangendo as questões institucionais, econômicas, políticas e as formas de interação e de sensibilidade que passam a ter como âncora o valor do privado – trata-se de uma capacidade cada vez mais pervasiva e capilar em ressignificar toda a sociedade, mas também persuasiva na medida em que é capaz de modificar o próprio senso da história. Com o conceito de “capitalismo de vigilância”, Shoshana Zuboff pretende evidenciar a capacidade de exploração pelo surgimento de novos instrumentos de dominação, como o Google e o Facebook, que ultrapassam o ambiente de trabalho e adentram a esfera íntima. São todos os aspectos da vida humana que são submetidos ao capital na medida em que a não regulamentação da rede e o uso cada vez mais dependente e alienante das redes sociais digitais possibilita às empresas transnacionais e aos conglomerados de tecnologia e mídias sociais privados o acesso aos mais diversos dados de todos os seus usuários, inclusive dados emotivos.

A financeirização, portanto, para além de representar um desequilíbrio “entre os ativos financeiros e o PIB do mundo”⁵⁶, significa também a “busca obsessiva por novos campos da vida social, da existência humana e da natureza para serem transformados o mais rápido possível em dinheiro”⁵⁷ (GALLINO, 2012, p. 48). Para o sociólogo, trata-se de uma nova forma de extração de valor, e não de produção, de forma que o capital financeiro busca meios cada vez mais eficazes e velozes para a

⁵⁵ “doppio effetto perverso di accrescere allo stesso tempo la ricchezza privata e la povertà pubblica”.

⁵⁶ “tra gli attivi finanziari e il Pil del mondo”.

⁵⁷ “ricerca ossessiva di sempre nuovi campi della vita sociale, dell’esistenza umana e della natura da trasformare il più rapidamente possibile in denaro”.

acumulação capitalista: com um papel ativo dos Estados - que após a crise de 2007 injetaram uma quantia significativa de dinheiro para evitar a quebra das instituições do mercado financeiro, como os bancos e as companhias de seguro - é possível observar que a financeirização da economia é acompanhada de uma política de baixos salários para a produção de mercadorias de baixo custo, do deslocamento de capitais para países emergentes e do trabalho flexível e precário (GALLINO, 2011). Em suma, a financeirização representa uma nova fase do capitalismo, altamente destrutiva, ao mesmo tempo que mais especializada e potente.

É nesse sentido que o fenômeno da globalização “tem difundido no mundo novas formas de medo” (ZOLO, 2011, p. 70)⁵⁸. São formas de medo coletivas, políticas e globais porque estão vinculadas ao “poder global” da economia de mercado e do capitalismo financeiro: é a “liberação do movimento de capitais, a desregulamentação do mercado do trabalho, a redução da intervenção do Estado em setores decisivos”, como as que tangem a saúde, educação, previdência, direitos e proteções sociais (ZOLO, 2011, p. 72)⁵⁹. A partir de 1970, as relações entre as classes sociais, e entre riqueza e pobreza, começam a se alterar rumo a uma centralização do capital: ao mesmo tempo que a desigualdade crescente transforma-se no fenômeno da *expulsão*, o mercado é exaltado não apenas como ordem natural, mas também como fonte de justiça, em oposição à justiça social cujo órgão regulador era o Estado. Por isso no final do século XX afirma-se com veemência o slogan político TINA⁶⁰:

Na década de 1990, no mais tardar, a “globalização” se tornou a fórmula política-econômica dominante para a legitimação do capitalismo neoliberal, concebida como o que é chamado em alemão de *Sachzwang*: uma restrição factual residindo na natureza das coisas que não te deixa nenhuma escolha. Em pouco tempo, até mesmo a Esquerda começou a internalizar a ideia da globalização como um processo evolucionário natural imparável por meios políticos (STREECK, 2016, p. 22)⁶¹.

De fato, o *processo* histórico da globalização não pode ser facilmente revertido, mas a sua constituição enquanto *fenômeno* que representa o projeto econômico e

⁵⁸ “ha diffuso nel mondo nuove forme di paura”.

⁵⁹ “liberalizzazione dei movimenti di capitale, la deregolazione del mercato del lavoro, la riduzione dell’intervento degli Stati in settori decisivi”.

⁶⁰ There is no alternative. Traduzindo o slogan comumente atribuído à Margareth Thatcher: “não há alternativa”, ao capitalismo e ao seu modo de vida.

⁶¹ “In the 1990 at the latest, ‘globalization’ became the dominant political-economic formula for the legitimation of neoliberal capitalism, conceived as what is called in German a *Sachzwang*: a factual constraint residing in the nature of things that leaves you no choice. Soon even the Left began to internalize the idea of globalization as a natural evolutionary process unstoppable by political means”.

político de reduzir o poder da classe trabalhadora por meio da remoção da “base material da sua existência”⁶² pode (GALLINO, 2012, p. 39). O novo regime de acumulação capitalista se desenvolve por meio da inserção de empresas estadunidenses e europeias, as grandes corporações multinacionais, nos mercados locais dos países em desenvolvimento, bem como pela percepção de que a produção nesses países é mais lucrativa: o Estado social, tal como ficou conhecido no Ocidente, não se desenvolveu, pelo menos não plenamente, nos países do capitalismo dependente. Não apenas os movimentos de organização trabalhadora e sindical são distintos, como também o próprio lugar dos países enquanto periféricos os sujeita de maneira mais profunda e dependente ao poder do capital. É um projeto econômico, é claro, porque tem como intuito “gastar o menos possível para obter o mesmo produto ou o mesmo serviço”, mas também político, porque “visa garantir que aqueles que produzem esse bem ou serviço tenham o mínimo de poder possível para interferir na decisão da *corporação* que controla a produção”⁶³ (GALLINO, 2012, p. 42).

Não à toa a globalização e a financeirização são acompanhadas de um deslocamento dos capitais e das indústrias: é sob a ideia de investimento direto ao estrangeiro que é possível notar o objetivo de direcionar o fluxo de capital para países como China, Índia, Filipinas, Indonésia e América Latina (GALLINO, 2012). Por sua vez, o trabalho flexível aparece como “expressão da flexibilidade do movimento de capital na época da financeirização”⁶⁴ (GALLINO, 2012, p. 151). Apresentado como uma oportunidade de dispor do tempo livremente, de ser independente e de experimentar novos contextos sociais, o trabalho flexível manifesta para a classe trabalhadora a capacidade das grandes corporações multinacionais em

dispor de uma força de trabalho submissa, flexível, paga cinco ou dez vezes menos que nos EUA ou na UE, praticamente privada de qualquer direito (ou melhor, sem qualquer lei que proteja seus direitos), com uma presença sindical praticamente inexistente e nenhuma tutela ambiental (GALLINO, 2012, p. 40)⁶⁵.

As constantes defesas feitas a favor da flexibilização ocultam parte fundamental da sua função e das suas consequências: a precariedade do trabalho e da vida para todos aqueles que não sejam assalariados de alta renda. É uma nova forma

⁶² “basi materiali della sua esistenza”.

⁶³ “punta ad ottenere che chi produce quel bene o quel servizio abbia il minor potere possibile per interferire nelle decisioni della *corporation* che ne controlla la produzione”.

⁶⁴ “espressione della flessibilità del movimento del capitale all’epoca della finanziarizzazione”.

⁶⁵ “dispo

de extrair valor que intensifica a exploração do trabalhador e que, se observada no seu cotidiano, nos obriga a considerar a questão do tempo, e portanto, do futuro. Contratos de tempo indeterminado, trabalhos temporários, parciais, “crescimento da carga horária além do horário legal” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 249), constante troca de funções e de empregos, turnos em todo e qualquer dia da semana, inclusive feriados, flexibilização das garantias e dos direitos trabalhistas, bem como trabalhos insalubres, são acompanhados do profundo medo que tem origem nessa condição de “insegurança social” (WACQUANT, 2009). A precariedade advinda de uma vida flexível impõe como condição de existência tanto a espera, quanto o adiamento: cada vez mais são postergados planejamentos, expectativas e esperanças; essas vidas adiadas, contudo, residem na precariedade, no endividamento, na segregação e na expulsão. A ideia de que o futuro será sempre melhor perde sua força na medida em que esse futuro parece nunca chegar – e para muitos, não chega mesmo –, ao mesmo tempo que o presente é alimentado por uma imensidão de medos: do desemprego, da fome, da violência, da punição, da impotência. São futuros incertos porque “a diferença de classes consiste também nesta diferença de perspectiva”⁶⁶, “na condição de conceber um projeto de vida, de desenhar ou imaginar um futuro”⁶⁷ (GALLINO, 2012, p. 168). Gallino (2009, n.p.) retrata fielmente essa situação de insegurança social e medo proveniente da precariedade do trabalho flexível em duas passagens de um fictício diário escrito por um trabalhador flexível e encontrado no futuro:

Julho de 2016. (...) O fato é que, depois de tantos trabalhos, nem eu sei quem sou, que coisa sou.

Dezembro de 2018. A empresa, na qual sentia que estava andando bem, me dispensou. Protestei recordando que o meu contrato era por tempo indeterminado. Explicaram-me gentilmente que desde quando o estatuto dos trabalhadores foi abolido, indeterminado significa somente que a empresa é quem decide quando o contrato termina.

Esse relato expressa uma era de proliferação de incertezas, riscos e inseguranças advindas de um capitalismo ainda mais brutal. Trata-se, também, da sujeição normativa das relações sociais e de todas as demais esferas da vida à lógica empresarial que produz, em conjunto com o projeto político da globalização, a “fragmentação da classe trabalhadora e das suas formas de associação”⁶⁸ características da modernidade, como sindicatos e partidos políticos (GALLINO,

⁶⁶ “la differenza di classe consiste anche in questa differenza di prospettive”.

⁶⁷ “nella condizione di concepire un progetto di vita, di disegnarsi o immaginarsi un futuro”.

⁶⁸ “frammentazione delle classi lavoratrici e delle loro forme associative”.

2012, p. 157). Em outros termos, a era global insere uma nova condição normativa que tem por função barrar o que foi fundamental na revolução de 1848 e, de maneira geral, nas lutas sociais e políticas ocorridas desde o século XIX: perceber-se enquanto sujeito político capaz de alterar a ordem e o senso da história a partir da organização coletiva. Não apenas “todos estão convencidos e repetem coativamente que o mundo mudou, que a globalização é inevitável, que não existe alternativa para modificar o estado das coisas”⁶⁹ (GALLINO, 2012, p. 195), como também, a competitividade extrema e o trabalho flexível tornam mais árdua a percepção de interesses comuns. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 9)

a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação.

As múltiplas crises que são apontadas pelos mais diversos teóricos que observam o tempo presente tratam-se não de um colapso do modo de produção capitalista, mas de uma “mudança de gestão”, em que os interesses capitalistas encontram-se em uma nova “fase de mediação”⁷⁰ e de “mudança técnica”⁷¹, na qual há uma nova “modalidade da luta política”⁷² que acontece no interior da própria classe capitalista com o fenômeno da globalização, da mundialização e da centralização do capital (BRANCACCIO; FUMAGALLI; CAMPO, 2021, n.p). Enquanto a pequena e média burguesia nacional busca sobreviver, o proletariado vê que a “figura social do cidadão-trabalhador relativamente acomodada tende a desaparecer” (ZOLO, 2006, p. 61)⁷³ ao passo que a figura do trabalhador flexível e precário é ocultada pela do empreendedor de si, do novo sujeito neoliberal.

3.2 - OS NEXOS ENTRE A ACELERAÇÃO SOCIAL E A RAZÃO NEOLIBERAL

As mudanças que se desenvolvem no tempo presente possuem gênese econômico-política, mas também representam um impacto nos valores, na sensibilidade humana e nas suas formas de orientação e subjetivação. Por sua vez, o

⁶⁹ “Tutti sono convinti e ripetono coattivamente che il mondo è cambiato, che la globalizzazione è inevitabile, che non esistono alternative per modificare lo stato di cose”.

⁷⁰ “fase de mediazioni”.

⁷¹ “cambiamenti tecnici”.

⁷² “modalità delle lotta politica”.

⁷³ “La figura social del ciudadano-trabajador relativamente acomodado tiende a desaparecer.”

problema do tempo, e da sua aceleração, manifesta claramente a articulação entre as mudanças no nível de vida e nos modos de vida que ocorrem na era global. Segundo o sociólogo alemão Norbert Elias (1998, p. 20-3), o sentido de um “processo civilizador” é configurado e modificado por “tipos de auto-regulação e [pel]a maneira como eles são integrados”, isto é, pelo modo que os sujeitos assimilam os “modelos sociais de autodisciplina” e se orientam individual e coletivamente a partir de “símbolos reguladores”. Em síntese, o tempo é um desses símbolos, exercendo duas funções que atingem nossas pulsões e modelam nossa mentalidade: a de “meio de orientação” e a de “instrumento de regulação da conduta e da sensibilidade humana” (ELIAS, 1998, p. 30). Assim, a aceleração social possui uma dimensão normativa porque, para além de ser um processo histórico, é também uma nova forma de conhecimento, orientação e regulação específica da modernidade que impõe uma determinada “maneira do nosso *ser-no-mundo*”⁷⁴ (ROSA, 2013, p. xxx), fruto da burguesia, das revoluções industriais e do desenvolvimento da técnica a partir do século XVIII. Nesse movimento da velocidade, o mundo contemporâneo, enquanto um prolongamento da modernidade, é superaquecido, a aceleração é acelerada (ERIKSEN, 2016) e as contradições do capitalismo tornam-se cada vez mais extremas, de forma que a razão neoliberal torna-se hegemônica na nova ordem social global.

Segundo o sociólogo alemão Hartmut Rosa (2013, p. 71), a aceleração técnica é a forma “mais evidente e consequente”⁷⁵ de um processo muito mais amplo que é o da aceleração social, capaz de transformar valores, formas de relacionamento e instituições. Os regimes de tempo, que regulam e orientam as relações humanas, estão sempre vinculados às técnicas e tecnologias, isto é, aos processos de transporte, organização e comunicação característicos do modo de produção capitalista, submetido, por sua vez, em todas as suas fases, à lógica da aceleração. Por isso, a criação de novas formas de extração de valor é acompanhada da aceleração do processo produtivo, bem como do consumo de mercadorias, a partir de constantes inovações tecnológicas. Mas a aceleração social também se manifesta no ritmo da vida, em que é necessário realizar atividades cotidianas de maneira sempre mais veloz – inclusive a partir do auxílio de novos aparelhos tecnológicos –, com tempo de descanso entre atividades reduzido e, muitas vezes, realizando múltiplas tarefas ao mesmo tempo. Subjetivamente é possível perceber esse processo pelo sentimento

⁷⁴ “the manner of our *being-in-the-world*”.

⁷⁵ “most evident and consequential”.

generalizado de “falta de tempo”, pela pressão para acelerar, pelo estresse e ansiedade de não acompanhar a intensificação do ritmo de vida que, na modernidade, “*acelera constantemente*”⁷⁶ (ROSA, 2013, p. 79). Trata-se, portanto, de acordo com o filósofo italiano Remo Bodei (2006) de um “sentimento de inadequação”⁷⁷:

Dado que entre a subjetividade e a objetividade os dispositivos de sincronização nem sempre funcionam, o metrônomo da história individual se faz mais lento: os indivíduos, nesse caso, não acompanhando o ritmo dos eventos, perdem a capacidade de captar a mudança das formas e, com ela, de dar sentido à própria vida. (BODEI, 2006, p. 319)⁷⁸

Esse cenário implica um fenômeno que é típico das sociedades capitalistas contemporâneas: a dessincronização (ROSA, 2013) – ela diz respeito à necessidade que é imposta a todos os indivíduos de acompanhar e se adaptar às transformações técnicas e às constantes acelerações da vida cotidiana: “estamos sempre para trás: na internet de alta velocidade, em nosso perfil do Facebook, na nossa caixa de entrada do e-mail. Há sempre atualizações para serem feitas (...) sob constante tensão”⁷⁹ (VIRILIO, 2012, p. 47). Essas atualizações não são restritas à vida individual, mas também impactam a vida pública e o trabalho. Quando Bauman (2008) aponta para uma existência humana voltada para o consumo, ele já evidencia essa necessidade eterna de atualização dos indivíduos tal como uma mercadoria que incessantemente é aprimorada. O sujeito contemporâneo, inserido em uma nova formação social, volta e tem voltada a sua subjetividade para o ambiente de acirramento da competitividade que é constituído em consonância com a era neoliberal. A partir disso, ele sempre “deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328). Esse novo regime de tempo, acelerado e que exige do indivíduo contemporâneo frequentes adaptações técnicas, rítmicas, culturais e sociais, é fator que impacta a subjetividade humana, gerando novas condutas e produzindo novos medos, angústias e frustrações de não conseguir mais acompanhar as exigências e os imperativos oriundos do processo de trabalho e dos valores da sociedade capitalista neoliberal: ser capaz de

⁷⁶ “*constantly accelerates*”.

⁷⁷ “sentimiento de inadecuación”.

⁷⁸ “Dado que entre la subjetividad y la objetividad los dispositivos de sincronización no siempre funcionan, el metrónomo de la historia individual se hace más lento: los individuos, entonces, al no llevar el paso de los eventos, pierden la capacidad de captar el cambio de las formas y, con ella, de dar sentido a la propia vida.”

⁷⁹ “we are always behind: on high speed internet, on our Facebook profile, on our email inbox. There are always updates to be made (...) under constant tension”.

construir a si mesmo, de se adaptar às sempre novas mudanças e transformações nas práticas sociais, de ser produtivo e criativo, de vencer os testes de desempenho.

A dessincronização é, portanto, resultado direto da aceleração social, mas também da racionalidade neoliberal. Faz parte da economia capitalista revolucionar-se constantemente e alterar, por consequência e de forma sempre contínua, os modos de vida, as mentalidades, os hábitos e os comportamentos dos sujeitos. Não à toa o estadunidense Walter Lippmann, ainda no século passado, alertou para a centralidade da palavra e do valor da adaptação como integrante à revolução capitalista e à renovação neoliberal: na medida em que o modo de produção e a divisão do trabalho são modificadas, a ordem social também deve se alterar em conformidade com essas mudanças. Em outras palavras: “a política neoliberal deve mudar o próprio homem” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 91). Essa mudança não é apenas abstrata na medida em que possui uma “solidez formal”, isto é, na medida em que as crenças possuem uma “imperatividade quando produzem normas de conduta” (GRAMSCI, 1999, p. 118). A questão é a introjeção de uma “nova cultura e de uma nova filosofia” (GRAMSCI, 1999, p. 118-9) capaz de justificar o acirramento da competição e a potencialização da exploração, bem como a alienação do humano pelo humano.

Por mais que Lippmann considere o modo de vida neoliberal benéfico, é necessário tornar evidente a relação da racionalidade neoliberal com o medo não como fator de sociação, mas como elemento regressivo. Não se trata apenas do medo de não acompanhar, no que diz respeito à dessincronização e à inadequação provenientes da velocidade e da aceleração, mas também da incapacidade de compreender o sentido da vida na sua totalidade e de colher o significado profundo das coisas. Do mesmo modo que o medo “tende a atrofiar a sua capacidade de reflexão” (ZOLO, 2011, p. 36)⁸⁰, a velocidade, causa de angústias e ansiedades no ser humano, “reduz o campo de visão. Quanto mais rápido vamos, mais olhamos antecipadamente para frente e perdemos nossa visão lateral”⁸¹ (VIRILIO, 2012, p. 36-7). Isso implica uma dificuldade imensamente maior em traçar a origem e as causas do sofrimento e da exploração no mundo contemporâneo, ainda que novas expulsões, brutalizações e precarizações sejam geradas e produzidas pelo capitalismo financeiro em uma escala global e avassaladora.

⁸⁰ “tende ad atrofizzare la sua capacità di riflessione”

⁸¹ “reduces the field of vision. The faster we go, the more we look ahead in anticipation and lose our lateral vision”.

Diferente da sociedade industrial, que vinculava a identidade individual à nacional, a era global promove uma desvinculação: os indivíduos devem ser cidadãos do mundo. A justificativa neoliberal enfatiza a figura do eu livre, autônomo e soberano, ocultando que o real significado da ausência de vínculos, deveres e responsabilidades para com a sociedade recai sobre esse mesmo indivíduo. É desse modo que na sociedade capitalista da era global é possível observar a negação da fenomenologia do indivíduo plenamente livre em ser, ter e fazer o que deseja com o seu corpo na medida em que existe dentro dos limites e da lógica da economia de mercado. Trata-se, portanto, de uma falsa liberdade: o ser humano nunca foi tão incapaz de gerar novas formas de vida efetiva e substancialmente autônomas e emancipadas, conscientes de si e da realidade social, nunca esteve tão distante da capacidade de criar coletivamente novas formas de sociedade. Em contrapartida à precarização do trabalho e da vida, a autodisciplina e a resiliência são afirmadas como vetores do sucesso; não se trata de soberania e emancipação, mas da produção do “homem sem pensamento”⁸² (CECERE, 2019) na era digital, isto é, a utilização da rede enquanto um instrumento capaz de colher afetos e emoções, servindo de canal para a produção e reprodução de valores, mentalidades e comportamentos característicos da ideologia neoliberal. Em suma, o indivíduo, que deve fazer o que quer, escolher o que deseja, viver a sua “vida própria”⁸³ e ser autor, construtor e gerente da sua própria biografia, identidade e nexos sociais, se confronta com a condição elementar do risco, resultado da eletividade também enquanto condição da vida contemporânea (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2009).

Essas transformações fenomenológicas afetam tanto a formação da vida psíquica individual quanto a das relações sociais coletivas. De acordo com Rosa (2013, p. 74), a aceleração social também se constitui na mudança social em dois níveis: nas práticas e ações orientadoras, e nas “estruturas associativas e padrões de relacionamento”⁸⁴. A racionalidade neoliberal ao implementar uma nova forma de governo, também fornece uma nova norma subjetiva, por isso, segundo o sociólogo francês Alain Ehrenberg (2004, p. 147), há uma “transformação de grande amplitude da normatividade social” que diz respeito a uma passagem de época: da sociedade disciplinar (ordem, obediência, renúncia, interdição, autoridade) para a sociedade da

⁸² “uomo senza pensiero”.

⁸³ “a life of one’s own”.

⁸⁴ “associational structures and patterns of relationship”.

autonomia e da avaliação positiva, do indivíduo que deve ser plenamente capaz de decidir e agir por si próprio, de construir e eleger por si mesmo, bem como capaz de desempenhar sempre uma alta performance e um controle das emoções. Novamente, trata-se de uma questão normativa, isto é, de uma regra ou de um critério de juízo, que vai além da conduta atingindo qualquer atividade, e que não tem como necessidade um caráter coercitivo (o que a distingue das leis). A autonomia, portanto, é uma norma:

Dizendo de outra forma, a autonomia é um elemento a partir do qual somos medidos, como o era antes a disciplina. Não se tem que tomar a autonomia por uma substância, uma realidade; é uma linguagem, e como tal, é alguma coisa normativa, que implica expectativas (EHRENBURG, 2004, p. 151)

No plano ideológico, portanto, a autonomia resulta na dissolução dos vínculos existentes entre o “eu” com a classe, o partido, o sindicato e a sociedade nacional industrial. É o declínio da liberdade positiva em detrimento da ascensão da liberdade negativa (essencialmente privada), e a produção de um esvaziamento das geometrias políticas da modernidade. No curso do século XX, observamos a figura do eu dividido, entre a sua individualidade e os seus compromissos com a nação e com a sociedade; no final do século XX e no início do século XXI, testemunhamos um processo de atomização e o surgimento da figura do “eu” sem vínculos, do “eu” sem nós: o indivíduo *deve ser* plenamente livre de condicionamentos, juízos e determinações que venham da política e da sociedade, para que possa atuar de maneira fluida no mercado, sem amarras que impeçam a exploração do trabalho pelo capital. Em outras palavras, é a afirmação ideológica do indivíduo desenraizado do coletivo e enraizado apenas em si mesmo. Esse novo sujeito atomizado habita na esfera do mercado, e por consequência, a centralidade da política é esvaziada, ao mesmo tempo que se alega, veementemente, o fim da luta de classes e da própria história: não há alternativa à sociedade capitalista, conforme afirmou Margareth Thatcher. O fato é que o culto da performance e do desempenho provenientes da autonomia como condição são efetivados no contexto generalizado do trabalho flexível e precário.

Assim, a ética do indivíduo autorrealizado, produtivo, eficaz, performático, adaptável e flexível está profundamente ligada à figura do indivíduo sem vínculos, deveres e responsabilidades. O neoliberalismo, enquanto lógica normativa de proporção global possui, diferente da sua “representação ideológica”, uma “normatividade prática” que é “capaz de orientar internamente a prática efetiva dos

governos, das empresas e, para além deles, de milhões de pessoas que não têm necessariamente consciência disso”, mesmo que historicamente as políticas de austeridade tenham levado ao acirramento da desigualdade (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 15). Isso significa que o neoliberalismo “produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16), introjetando padrões de comportamento e formas de sensibilidade e socialização: o indivíduo contemporâneo é constrangido a adaptar-se a uma nova figura empreendedora para ser capaz, produtivo e para possuir valor, sob pena do rótulo do fracasso. Demanda-se obstinadamente que se abrace os valores da flexibilidade, da resiliência, da performance e do mérito individualizado, ao passo que frequentemente é afirmado o fim da figura do trabalhador:

o neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um *empreendedor*. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje, cada um é um *trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa*. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa. A luta de classes também se transforma em uma *luta interior consigo mesmo* (HAN, 2018, p. 14).

A análise que Byung-Chul Han (2018) faz sobre as “novas técnicas de poder” do neoliberalismo aponta para as novas formas de sujeição do indivíduo. De fato, as coerções e restrições características do Estado nação e da sociedade disciplinar são superadas, mas, da mesma forma que a superação da servidão do feudalismo não resultou em liberdade, e sim em uma nova forma de exploração, hoje a noção de liberdade parece cada vez mais distante de seu ideal como a emancipação do gênero humano. Han (2018, p. 10) diz que “o sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um *servo absoluto*, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo”. Mas no capitalismo a relação entre governados e governantes, exploradores e explorados, não deixou de existir, visto que o poder não é apenas uma relação entre indivíduos, mas também é uma relação entre classes. Por isso, afirmar o fim da figura do trabalhador e da sua relação dialética com a burguesia, bem como o fim da luta de classes, constitui-se um “velamento da totalidade” (LESSA, 2007, p. 11); uma vez que o trabalhador e a dialética entre as classes sociais não desapareceram, a sua afirmação trata-se da mais perspicaz luta de classes, em que o capitalismo se consagra vencedor (GALLINO, 2012).

Considerar a “estrutura produtiva da sociedade como o fundamento das classes sociais”, isto é, distinguir as suas funções nessa estrutura, permite perceber que, na verdade, hoje, o “trabalhador está sendo mais intensamente explorado” (LESSA, 2007, p. 45; 82). O modelo neoliberal de gestão da grande empresa é uma nova forma de obter lucros que vem acompanhada de novas “reivindicações de justiça” que tornam as brutalidades produzidas pelo sistema mais toleráveis a partir de uma mudança nos valores (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 29). A literatura de gestão empresarial dos anos 1990 que Boltanski e Chiapello (2009, p. 100) analisam expressa as contradições da própria sociedade capitalista: a afirmação da liberdade dos *assalariados* se mostra ilusória, limitada a sua dimensão normativa, devido a sua própria defesa do modo de “organização flexível e inventiva”. É nesse sentido que a defesa da *concorrência* se torna importante: o capitalismo é a única alternativa, mas para que ele opere corretamente é preciso competitividade, produtividade, eficiência, inovação, progresso técnico e flexibilidade. A existência de planos de carreira, estabilidade e até mesmo planejamento futuro de permanecer na mesma cidade, na mesma sede, aparecem nessa literatura sob a forma do obsoleto, da mesma maneira que a hierarquia é considerada uma forma de “autoritarismo” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 106). Desse modo, imprime-se ao *empreendedor* um papel na luta econômica pela sobrevivência que é inalterável, porque a própria ordem econômica é considerada natural. Ocultando-se a verdadeira hierarquia econômica que existe entre as classes com essa figura empreendedora, afirma-se, ao mesmo tempo, que não há nada mais artificial, e portanto maléfico ao desenvolvimento, do que a planificação, a intervenção, a regulamentação e até mesmo a sociedade.

Diferente do final do século XX, hoje o domínio da razão neoliberal encontra-se em um estágio muito mais avançado. Przeworski (1989, p. 27) afirmou precisamente que

Um traço característico da democracia capitalista consiste na individualização das relações de classe na esfera política e ideológica. As pessoas que no sistema de produção classificam-se como capitalistas ou assalariados aparecem na política como ‘indivíduos’ ou ‘cidadãos’ indistintos.

Mas um traço característico da economia política do tempo presente é que a figura do trabalhador tem sido destruída até mesmo no sistema de produção. Todos são *empreendedores de si mesmos* - é a chamada igualdade neoliberal, legalmente

sancionada por “práticas discursivas e institucionais” que instauram “uma rede de sanções, estímulos e comprometimentos que tem o efeito de produzir funcionamentos de um novo tipo”, o empresarial (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 322). No neoliberalismo, “a grande novidade reside na modelagem que torna os indivíduos aptos a suportar as novas condições que lhe são impostas, enquanto por seu próprio comportamento contribuem para tornar essas condições cada vez mais duras e perenes” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 329). Essas novas condições no trabalho de flexibilização e precarização que aparecem sob a falsa aparência dos slogans da liberdade e do progresso, individualizam os riscos produzidos por empresas irresponsáveis e são justificadas ideologicamente pela constituição de um novo conceito de justiça, não mais a social, mas a de mercado: “no novo mundo da ‘sociedade em desenvolvimento’, o indivíduo não deve mais se ver como um trabalhador, mas como uma empresa que vende um serviço em um mercado” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 335).

O neoliberalismo, portanto, tem como problema fundamental “como fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si”, abrangendo, desse modo, tanto o Estado quanto a esfera da subjetividade (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 34). Desse modo, a crise de 2007-8 não significou o fim do neoliberalismo, mas o seu fortalecimento a partir dos “planos de austeridade adotados por Estados cada vez mais ativos na promoção da lógica da concorrência dos mercados financeiros” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 13-4), bem como pela substituição do “contrato de trabalho por um contrato comercial com um prestador de serviços”, que tem como objetivo primordial “*evitar as coerções do direito do trabalho*” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 270). Aumenta-se a intensidade do trabalho sem aumentar os salários; demanda-se dedicação exclusiva e total, capacidade sempre novas de invenção e criação, habilidade de facilmente desvincular-se de qualquer relação constituída (seja pela família, cidade, classe) em nome da empresa e adaptação constante e permanente. O surgimento de uma nova figura que é a do sujeito empreendedor significa, desse modo, a fragmentação da classe trabalhadora e o aumento da capacidade de exploração do trabalho pelo capital.

3.3 - Os EFEITOS DO CAPITALISMO NEOLIBERAL E GLOBALIZADO: OS NOVOS MEDOS E O POPULISMO CONTEMPORÂNEO

O acirramento da luta de classes no mundo globalizado e financeirizado tem como decorrência paralela a intensificação do medo do futuro (e também de outros medos como o do desemprego, da perda do status social, da pobreza e da miséria, do estrangeiro e da ‘invasão’ dos imigrantes), na medida em que os riscos produzidos socialmente pelas grandes corporações transnacionais são tomados como um problema de resolução pessoal (GALLINO, 2012). Os indivíduos possuem hoje um peso muito maior nas suas costas: a responsabilidade do *sucesso individual* frente a um mundo repleto de crises sociais, econômicas, políticas e culturais. Em outras palavras, em um mundo também repleto de possibilidades, e com a promessa de uma plena autonomia de escolha, o indivíduo contemporâneo é confrontado pelos inúmeros processos de dominação capitalista, por novas formas de alienação, e também pelo imenso peso da responsabilidade por si próprio, sem nenhuma garantia ou proteção social característica do Estado social. Trata-se da privatização da “responsabilidade dos riscos” (ZOLO, 2011, p. 75)⁸⁵, que são produzidos socialmente e em escala global pela “coalização de poderes” que caracterizam o neoliberalismo – “oligarquias burocráticas e políticas, multinacionais, atores financeiros e grandes organismos econômicos internacionais” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 8). Esse processo de privatização também se revela no senso da vida pelo desenvolvimento do mercado de segurança privada e pela constante defesa da relevância deste segmento para a sociedade por organizações que se intitulam puramente técnicas e científicas, sem nenhuma forma de ideologia. Encontramos, por exemplo, no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021 a seguinte afirmação:

A diminuição constante no número de vigilantes em atividade significa menos proteção e segurança a toda a população. É a segurança privada que permite que as forças de segurança pública se concentrem no combate direto à criminalidade de forma ostensiva, uma vez que se encarrega da segurança preventiva. Nas atuais condições, a sensação de insegurança tende a aumentar. (NAZÁRIO, 2021, p. 181)

Neste trecho o papel da segurança privada para a sociedade, e por consequência, a função da segurança pública, constituem-se em consonância à

⁸⁵ “responsabilità dei rischi”.

racionalidade neoliberal em um contexto no qual a sensação de insegurança e de medo, características de um mundo cheio de violências e riscos, é utilizada frequentemente como “instrumento essencial para garantir o poder de poucos” (ZOLO, 2011, p. 74)⁸⁶. A questão securitária assume relevância porque também é um vetor da divisão da ordem social que será avaliada através da lógica de pensamento dicotômico e maniqueísta: amigos e inimigos, nós e eles, pessoas de bem e pessoas do mal. Desse modo, fica claro que este anuário manifesta duas questões fundamentais do neoliberalismo e da globalização: primeiro, a proliferação das privatizações; e segundo, “uma profunda transformação da política penal e repressiva” (ZOLO, 2011, p. 75)⁸⁷, ou seja, uma “transformação do Estado na era da desregulamentação econômica e da insegurança social” (WACQUANT, 2009, p. xi)⁸⁸. Essa transformação diz respeito à função atribuída à segurança pública e ao Estado que se voltam para a “criminalidade de estrada”, isto é, para crimes cometidos numa escala fora ou irrelevante do poder global (ZOLO, 2011, p. 77)⁸⁹.

A era da insegurança social bem como as transformações do Estado na sua conformação penal, resultam, de acordo com o sociólogo francês Loïc Wacquant (2009, p. xv), da “imposição do trabalho assalariado precário como nova norma de cidadania para aqueles presos na base da estrutura de classes polarizada”⁹⁰. É a percepção de que a penalidade é força e poder capaz de impor hierarquias e controle, ao mesmo tempo que é parte integrante da norma subjetiva neoliberal, capaz de moldar e introjetar comportamentos e mentalidades. Em suma, trata-se da:

reconstrução do Estado na era da ideologia hegemônica do mercado: a expansão penal nos Estados Unidos, e nos países da Europa Ocidental e América Latina que tem mais ou menos servilmente seguido o seu caminho, é no fundo um projeto político, um componente central do reequipamento do poder público adequado para promover o avanço do neoliberalismo (WACQUANT, 2009, p. xviii)⁹¹

A criminalização da insegurança social é, por sua vez, gerada nas grandes transformações do tempo presente: a mundialização e a financeirização do capital, o

⁸⁶ “strumento essenziale per garantire il potere di pochi”.

⁸⁷ “una profonda trasformazione delle politiche penali e repressive”.

⁸⁸ “transformation of the state in the age of economic deregulation and social insecurity”.

⁸⁹ “criminalità di strada”.

⁹⁰ “imposition of precarious wage labor as a new norm of citizenship”.

⁹¹ “remaking of the state in the era of hegemonic market ideology: penal expansion in the United States, and in the Western European and Latin American countries that have more or less slavishly followed its lead, is at bottom a *political project*, a core component of the retooling of public authority suited to fostering the advance of neoliberalism”.

trabalho flexível e precário, o acirramento das desigualdades de classe, o surgimento de novas lógicas de expulsão, bem como a individualização das responsabilidades e dos riscos produzidos socialmente. Em conjunto, formam a “máquina de medo” (ZOLO, 2011, p. 76)⁹² que fabrica socialmente a figura do inimigo, frequentemente associada a grupos sociais marginalizados: estrangeiros, desocupados e pobres. Segundo Beauvoir (2009), a categoria do outro surge junto com a própria consciência, estabelecendo-se apenas historicamente sob a forma da divisão dos sexos. Assim, a dicotomia *eu* e *outro* se manifestou em muitas outras formas, como pela divisão entre gregos e bárbaros, brancos e não-brancos, cristãos e hereges, ricos e pobres, senhores e escravos, de maneira que a primeira dicotomia entre o sujeito e o outro também abarca em si a distinção entre amigo e inimigo, pessoa e não-pessoa.

A fim de revelar o princípio constitutivo de todas as coisas, Heráclito de Éfeso, descobriu no movimento do *logos* o seu fogo primordial, isto é, Pólemos, a guerra, o conflito: “o combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres” (HERÁCLITO, 2000, p. 93)⁹³. Nesse sentido, compreender a realidade como processo significa reconhecer o movimento dialético da realidade mediante a contradição, bem como a historicidade dos conflitos sociais e dos processos de desumanização. A ideia de pessoa como ser livre, capaz de projetar-se em direção ao futuro, responsável e com direitos garantidos pelo Estado foi o ponto mais alto que o ocidente chegou. Mas as ideias de paz, liberdade, igualdade e justiça retornam à terra quando se defrontam com a sua existência material, isto é, com a impossibilidade de real emancipação do gênero humano no modo de produção capitalista. A figura do indivíduo burguês, portanto, demonstra-se profundamente paradoxal: a “burguesia se empenha em apresentar-se como classe universal. A partir da particularidade burguesa, se constituirá, pois, a ideia de Homem” (BEAUVOIR, 1972, p. 63).

Seguramente, na ideia de homem burguês sempre esteve presente a figura do outro como *inferior*, mais próximo da coisa, do objeto e do instrumento. As consequências sociais que decorrem do desenvolvimento técnico, da aceleração, bem como a ampliação do espaço mundial que é submetido ao poder do capital, no período de sua constituição, possuem no racismo um de seus pilares. O racismo é um

⁹² “macchina della paura”.

⁹³ Cf. fragmento 53, Hipólito, Refutação, IX, 9 em Os Pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários, 2000, p. 93 (Coleção Os Pensadores).

fenômeno produzido na e pela modernidade, com origem nas grandes navegações realizadas pelas potências da Europa em busca de novos territórios, o que produziu a expansão do ocidente no século XV e XVI em diante, e que, enquanto um mecanismo de discriminação sistemática (ALMEIDA, 2019), animaliza e naturaliza a figura do outro, do desconhecido e do estranho; justifica hierarquias, desigualdades e formas de não reconhecimento, impossibilitando a construção social de uma unidade do gênero humano. A constituição do sistema colonial, portanto, foi essencial para a fase mercantilista do capitalismo, de maneira que possibilitou não só o aumento de produtos comercializáveis, como a própria exploração e dominação pelo regime escravista. No desenvolvimento do capitalismo, é possível perceber aqueles que tendem a ser expulsos, discriminados, violentados e submetidos às mais insalubres condições de trabalho - classe e raça, bem como classe e gênero são intersecções fundamentais para compreender como a centralização do capital se efetua, mesmo que o neoliberalismo seja capaz de absorver as mais variadas demandas por reconhecimento e representatividade que são reivindicadas no tempo presente. O fato é que a presença de uma pequena porcentagem de grupos sociais marginalizados nas esferas de poder, ou então, nos anúncios televisivos e digitais, bem como no mundo da fama e do esporte, não significam uma melhora das condições de dominação e exploração desses grupos.

Quando a burguesia não é capaz de propiciar uma democracia substancial e concreta, ela se submete a uma espécie de dominação autocrática, que utiliza o “Estado nacional para se proteger e, especialmente, para estabelecer políticas econômicas que assegurem continuidade e aceleração do crescimento econômico sem maiores repercussões no grau de democratização” do poder (FERNANDES, 1995, p. 134). O desenvolvimento econômico, portanto, não significa um avanço político e cultural ou até mesmo moral. No Brasil, o acirramento das desigualdades pela centralização de capital e poder nas mãos de uma parcela cada vez menor da população, vem acompanhado da “revitalização de privilégios de ordem colonial ou neocolonial e criação de privilégios novos, com a marca do antigo regime”, de maneira a tornar os interesses privados da autocracia os interesses a que toda a nação deve se submeter. É visando justificar essa situação de desumanização que o racismo também se consolida como uma “estratégia discursiva”⁹⁴ ou então um “dispositivo

⁹⁴ “strategia discorsiva”.

lógico”⁹⁵ e conceitual que visa legitimar fenômenos como o da violência e que intenta naturalizar diferenças de ordem histórica e social (BURGIO, 2017).

A figura do estrangeiro, por exemplo, sempre foi causa de aversão, de medo e até mesmo de raiva, logo, sempre foi mobilizada como bode expiatório. Após a Segunda Guerra Mundial, contudo, assume um caráter positivo que aparece na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, com a garantia de reconhecimento da personalidade jurídica, com o direito de migrar e com a proibição de ser exilado arbitrariamente. Mas já na década de 1980, com o fim da democracia moderna, é possível observar não apenas a regressão do *jus migrandi*, bem como dos direitos sociais e econômicos, mas também o surgimento de novas formas de punir e segregar um tipo específico de migrante, que não é parte da burguesia transnacional, nem é o trabalhador de alta renda, mas sim os migrantes pobres. Com a globalização, os fenômenos migratórios são acelerados e o seu fluxo é aumentado por diversos fatores como a fome, a pobreza, a instabilidade política, econômica e ambiental. Por isso é comum a associação da migração com a invasão. No dia 1 de novembro de 2022, a ministra do Interior do Reino Unido, Suella Braverman, diz que a migração que ocorre pelo Canal da Mancha é uma invasão⁹⁶ - o que justamente vai contra o direito de asilo reconhecido no século passado.

O acirramento da chamada crise migratória, que tem como principais destinos a Europa e os Estados Unidos, também se torna uma forma de gerar lucro. Não é coincidência que hoje grandes corporações liderem um novo mercado que é o de centros de detenções privadas. Nos Estados Unidos, a Geo Grup e a CoreCivic fecharam contratos com o ICE, a agência governamental de Imigração e Alfândega, beneficiando-se da política de tolerância zero anunciada pelo então presidente Donald Trump em abril de 2018⁹⁷. Junto a isso, e tendo em vista as condições precárias na qual grande parte desses imigrantes é submetida, Trump disseminava uma política baseada em alarmismos em que o migrante pobre aparece de imediato como criminoso e potencial terrorista. O racismo, portanto, não é uma exceção, nem é um fenômeno vencido mas faz parte da ordem e da normalidade das sociedades capitalistas: o

⁹⁵ “dispositivo logico”.

⁹⁶ Conferir artigo completo disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/11/ministra-chama-migracao-no-reino-unido-de-invasao-e-abre-la-crise-do-governo-sunak.shtml>. Acesso em 19 dez 2022.

⁹⁷ Conferir artigo completo disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44604153>. Acesso 19 dez 2022.

racismo é “uma das estratégias através do qual a ideologia dominante (e, por consequência, o senso comum) justifica a persistência de condições e dinâmicas de exclusão, subordinação, discriminação e, no limite, perseguição”⁹⁸ (BURGIO, 2017).

Essa manipulação da (e pela) linguagem, distanciando-a do que as coisas realmente são e possibilitando um mascaramento ideológico daquilo que constitui as próprias relações sociais é, no tempo presente, profundamente afetada pela velocidade dos novos meios de comunicação e pela aceleração social. A política da insegurança e do medo identifica e nomeia processos sociais e históricos caracterizados por grandes transformações e mudanças, de maneira a produzir a figura do inimigo e do destruidor da ordem que, por consequência, exige novas políticas públicas punitivas. Trata-se de um “discurso catastrófico sobre a insegurança” que alarma, angustia e aterroriza por meio de uma divulgação massiva de imagens e vídeos, produzidos e disseminados até mesmo em tempo real. A canalização dos medos, bem como dos sentimentos de raiva, frustração e ressentimento, é então direcionada para os bodes expiatórios: aqueles considerados culpados por toda uma era de insegurança, quando na verdade, essa angústia difusa provém das grandes e profundas transformações do mundo contemporâneo que incidem não apenas no nível de vida, mas também nos seus modos e referências. Assim, a política do medo direciona a questão da segurança pública para o combate à criminalidade, nos termos da “tolerância zero”. O fato é que esse é “um conveniente pretexto e uma propícia plataforma para um redesenho mais amplo do perímetro da responsabilidade do Estado, operando simultaneamente na economia, no bem-estar social, e nas fronteiras penais” (WACQUANT, 2009, p. 29)⁹⁹.

Trata-se de um “novo governo da insegurança social” resultado de uma “mudança no balanço do poder” entre as classes sociais, em que o neoliberalismo altera o sentido e o significado do público, bem como a sua função, a partir de algumas tendências: a mercantilização dos bens públicos, o aumento do trabalho mal pago e precário, a privatização do senso da vida e a extensão do aparato punitivo para pobres por meio de prisões privadas (WACQUANT, 2009). As vidas precárias advindas de uma nova era global andam lado a lado com as dinâmicas de expulsão que provêm da entrada do capitalismo em uma nova forma avançada a partir de 1980, que alteram os

⁹⁸ “una delle strategie attraverso le quali l’ideologia dominante (e, di conseguenza, il senso comune) giustifica il persistere di condizioni e dinamiche di esclusione, subordinazione, discriminazione e, ai limiti, persecuzione”.

⁹⁹ “a convenient pretext and propitious platform for a broader redrawing of the perimeter of responsibility of the state operating simultaneously on the economic, social welfare, and penal fronts”.

mecanismos de acumulação primitiva do capital, agora “executadas por meio de complexas operações e inovação muito mais especializada, abrangendo as logísticas da terceirização até os algoritmos da finança”¹⁰⁰ (SASSEN, 2014, p. 12). Essas *expulsões*, de acordo com a socióloga Saskia Sassen, são produzidas socialmente por uma série de políticas, instituições e técnicas, das mais simples até as mais avançadas, englobando políticas de austeridade, de proteção ambiental e de finanças, e manifestando-se da maneira mais variada ao redor do globo. O fato é que essas manifestações ocorrem no interior dos países a partir de tendências sistêmicas, subterrâneas e globais que transformam e aprofundam sistematicamente as relações de produção:

hoje os oprimidos foram na sua maioria expulsos e sobrevivem a uma grande distância de seus opressores. Além disso, o “opressor” é cada vez mais um sistema complexo que combina pessoas, redes e máquinas, sem um centro óbvio (SASSEN, 2014, p. 10).

Quando a alienação é potencializada, quando a ordem econômica e social aparece como a única possível e quando a dominação do capital é complexificada, a sua superação parece mais distante: “assim, as desigualdades não são injustas, já que são dadas; a infelicidade dos homens não é um crime se ninguém é o seu ator” (BEAUVOIR, 1972, p. 103). O fato é que esse sistema abstruso de dominação e exploração é produto da própria atividade humana e produto de um processo histórico em que os sujeitos, que criam o seu próprio mundo, ao mesmo tempo, são alienados da sua atividade mais vital, e por consequência, de si mesmos. Desse modo, a dificuldade de enxergar a origem, bem como aquilo que caracteriza a desumanização contemporânea também se insere no esquecimento de que a raiz da humanidade são os próprios sujeitos humanos que possuem “o poder material de intervir no mundo. Nessa intervenção consistia a práxis” (KONDER, 1992, p. 115), conceito então fundamental, na medida em que possibilita vincular ação e teoria. Segundo Marx: “a práxis da filosofia é, ela mesma, teórica” (KONDER, 1992, p. 103), por isso, a superação das contradições postas pelo capitalismo exigem dos sujeitos a práxis, isto é, a ação revolucionária e o esforço teórico crítico.

Por sua vez, a distância projetada pela precarização da vida, bem como pelas novas dinâmicas de expulsão, também são manifestadas no espaço social, em que

¹⁰⁰ “executed through complex operations and much specialized innovation, raging from the logistics of outsourcing to the algorithms of finance”.

cidades, sobretudo as grandes cidades globais, são inseridas em uma “nova questão urbana”¹⁰¹, que diz respeito a uma nova relação entre território, sociedade e economia – não mais um “espaço de integração social e cultural”¹⁰², não mais um “lugar mágico”¹⁰³, mas sim uma “potente máquina de distinção e separação, de marginalização e exclusão de grupos étnicos e religiosos, de atividades e profissões, de indivíduos e grupos dotados de identidade e estatutos diferentes, de ricos e de pobres”¹⁰⁴ (SECCHI, 2013, p. 3). As primeiras cidades modernas surgem, portanto, como um espaço de libertação da servidão característica do sistema feudal, o que é expressado no provérbio alemão: “o ar da cidade torna o homem livre”. Mas como já apontado por Marx (2010), a libertação de um sistema resulta não na emancipação, mas em uma nova forma de dominação. As cidades não são, portanto, apenas o espaço em que tomam lugar os fenômenos da violência e exploração, como também engendram novos processos de desumanização. Na era da insegurança social e “no grande teatro metropolitano, as injustiças sociais se revelam sempre mais na forma de injustiças espaciais”¹⁰⁵ (SECCHI, 2013, p. 5). São questões habitacionais, situações de desigualdade e precariedade, problemas de acessibilidade e mobilidade, e impactos cada vez mais devastadores das mudanças climáticas. Mas o ponto é que “distinção e exclusão são aspectos inseparáveis na construção da cidade moderna”¹⁰⁶: a pobreza é diretamente vinculada à “retórica da segurança”¹⁰⁷ (SECCHI, 2013, p. 42) e o “medo do pobre, do estrangeiro, do nômade, do diverso”¹⁰⁸, em muitos contextos racializados, possibilitam a aceitação de “políticas específicas de exclusão, de controle, de expulsão ou internamento, que muitas vezes também leva à obsessiva pesquisa e estigmatização de determinados grupos sociais”¹⁰⁹ (SECCHI, 2013, p. 21).

Desse modo, o encarceramento em massa do Estado penal, a presença de imigrantes ilegais, a miséria e a pobreza são acompanhados pela proliferação dos condomínios fechados, expressando de maneira precisa esses novos processos de

¹⁰¹ “nuova questione urbana”.

¹⁰² “spazio dell’integrazione sociale e culturale”.

¹⁰³ “luogo magico”

¹⁰⁴ “potente macchina di distinzione e separazione, di emarginazione ed esclusione di gruppi etnici e religiosi, di attività e professioni, di individui e di gruppi dotati di identità e statuti differenti, di ricchi e di poveri”.

¹⁰⁵ “Nel grande teatro metropolitano le ingiustizie sociali sempre più si rivelano nella forma di ingiustizie spaziali”.

¹⁰⁶ “Distinzione ed esclusione sono aspetti inseparabili nella costruzione della città moderna”.

¹⁰⁷ “retórica della sicurezza”.

¹⁰⁸ “la paura del povero, dello straniero, del nomade, del diverso”.

¹⁰⁹ “specifiche politiche di esclusione, di controllo, di allontanamento o internamento, che hanno portato il più delle volte anche all’ossessiva ricerca e stigmatizzazione di determinati gruppi sociali”.

segregação relacionados ao medo da criminalidade de estrada e da violência urbana, bem como à sensação de insegurança. De acordo com Bernardo Secchi:

O *condomínio fechado* é a negação da cidade, mas torna-se, junto com as *favelas* e bairros pobres que inevitavelmente o acompanham, uma representação espacial das características da nova sociedade e da sua política de distinção ou, dito em outros termos, de inclusão/exclusão (SECCHI, 2013, p. 37)¹¹⁰

É nesse sentido que é possível distinguir a constituição de novos medos, singulares e intrínsecos à atual fase do capitalismo: “as novas formas de medo são, antes de tudo, consequências dos efeitos devastantes que a globalização econômica”¹¹¹ (ZOLO, 2011, p. 72) e as novas lógicas e dinâmicas de expulsão produzem na vida das pessoas (SASSEN, 2014). Ao mesmo tempo, uma nova forma de governo e uma nova norma subjetiva neoliberal impactam não só o cotidiano de cada indivíduo, ao passo que decorrem de uma transformação na própria política econômica capitalista: engendra-se uma situação de insegurança social, de maneira que os novos medos são construídos socialmente. Tendo em vista que o “sentido semântico”¹¹² do medo, bem como as suas “conotações afetivas”¹¹³ (AUGÉ, 2015, p. 59), mudam e se fundam enquanto formas inauditas em cada e determinado espírito do tempo, os novos medos são novos devido às suas especificidades históricas e na medida em que são articulados em uma nova escala: agora os medos afetam as pessoas em um contexto global de aceleração social e de grandes transformações na vida subjetiva, política e econômica do nosso tempo presente (AUGÉ, 2015; DARDOT, LAVAL, 2016; ROSA, 2013).

A globalização e o capitalismo vitorioso da Guerra Fria prometeram um futuro melhor baseado nos princípios da liberdade e da democracia, no entanto, como já vimos, as expectativas e as esperanças foram e são cotidianamente frustradas pelas novas dinâmicas de expulsão e pela precarização da vida e do trabalho. Por sua vez, as violências contemporâneas, econômicas, sociais, políticas, tecnológicas e advindas da natureza (mesmo como consequência das intervenções humanas), engendram “medos

¹¹⁰ “La *gated community* è la negazione della città, ma diviene, insieme alle *favelas* e ai quartieri poveri che inevitabilmente vi si accompagnano, rappresentazione spaziale dei caratteri della nuova società e della sua politica di distinzione o, detto in altri termini, di inclusione/esclusione”.

¹¹¹ “Le nuove forme di paura sono anzitutto la conseguenza degli effetti devastanti che la globalizzazione economica”.

¹¹² “sentido semântico”.

¹¹³ “connotaciones afectivas”.

específicos: o estresse, o pânico, a angústia”¹¹⁴ (AUGÉ, 2015, p. 10); ao mesmo tempo, se delineia um estado de mal-estar e medo do futuro generalizados. Ehrenberg (2004) indica a depressão e o sentimento de insuficiência como patologias do tempo presente. Por sua vez, o medo do futuro assume centralidade na investigação sobre o capitalismo, porque, além de ser uma forma de medo capaz de articular outros temores particulares, como o medo dos estrangeiros, da violência, do desemprego, da exclusão social e da escolha, é a manifestação histórica mais clara e ampla de um determinado tempo histórico e espaço social que produz a proliferação de inseguranças, incertezas e riscos. O medo do desconhecido, do mundo que ainda será, característico de uma sociedade em profundas transformações, também é acompanhado pelo medo proveniente dos indícios desse futuro: competitividade, precarização, segregação, violência, punição e expulsão. Assim, as grandes transformações no mundo contemporâneo colocam em xeque as bases vigentes da vida política e da organização das sociedades capitalistas modernas: os partidos políticos, os sindicatos e os Estados nacionais sofrem uma radical transformação em seu papel, escalas de hierarquias são alteradas e as identidades e os padrões de relacionamento, acelerados e complexificados.

Desse modo, os novos medos ultrapassam os limites da natureza, porque são o resultado direto da velocidade e da aceleração social produzidas pela combinação das forças econômicas e políticas do capitalismo neoliberal com as acelerações técnicas nos transportes e nas comunicações: a crise atual é múltipla (econômica, política, cultural), mas também é antropológica porque abarca todas as dimensões do ser humano. Os novos meios de comunicação e a dominação técnico-científica informacional alteram as formas de interação e de sociação, agora também digital. Com isso, as formas de “ocupação”¹¹⁵ do corpo e da mente das pessoas passam a ser produzidas em escala global com o auxílio do Big Data (VIRILIO, 2012). Diante disso, a capacidade de movimentar as paixões humanas como o medo e modificar ideias, valores, mentalidades e comportamentos é descomunalmente aumentada. É o que o filósofo francês Paul Virilio (2012, p. 30) conceitualiza como bomba informacional: “essa bomba vem de meios instantâneos de comunicação e, em particular, da transmissão de informação. Desempenha um papel proeminente no

¹¹⁴ “miedos específicos: el estrés, el pánico o la angustia”.

¹¹⁵ “occupation”.

estabelecimento de um ambiente global, pois permite a sincronização da emoção em escala global”¹¹⁶, de maneira instantânea.

Por mais que seja possível apontar para medos específicos das tendências profundas que movimentam o tempo presente – o medo proveniente da velocidade e da exploração capitalista –, também é fato que as razões e as formas de medo diferem ao redor do globo. Contudo, todos os medos hoje são “objeto de uma exploração midiática intensa”¹¹⁷ (AUGÉ, 2015, p. 60) e assim qualquer acontecimento ou história pode ter o mais pesado impacto nas emoções de milhares de pessoas: são imagens, vídeos e áudios noticiados pela nova forma de interação contemporânea, instantânea e digital. A questão é que notícias e histórias são contadas e produzidas por pessoas, grupos ou instituições munidas de interesses e visões de mundo: o medo, assim como qualquer outra emoção, pode ser tanto manipulado como induzido – novamente, é a força mágica das palavras. O medo, portanto, está diretamente relacionado ao poder e tendo em vista que o domínio do poder está ligado ao domínio da velocidade, o medo também passa a ser um princípio regulador e orientador (VIRILIO, 2012). É a produção social e a gestão do medo, da ansiedade e da angústia por meio da política do medo; em outros termos, trata-se da difusão de uma sensação de insegurança crescente e permanente - que possui a sua base concreta, derivada da intensificação da exploração do trabalho no capitalismo contemporâneo -, a partir da manipulação da figura do inimigo, estigmatizado e criminalizado.

A exploração do medo pela política tem a sua força no efeito associativo do medo, isto é, no duplo efeito de ao mesmo tempo que estimula o impulso de autoconservação individual e de grupo, dos *amigos*, induz, como resposta a esse impulso, à agressividade contra o *inimigo*. Podemos considerar essa afirmação desde a forma mais elementar da luta pela existência, como a sobrevivência do corpo, até os impulsos de conservação de valores, interesses, tradições e formas de vida. Como já vimos, o medo induz o ser humano a “se defender com todos os instrumentos que dispõe, a se esconder, a fugir ou, até mesmo, a usar a violência primeiro”, ou pelo menos legitimá-la, afinal, a agressividade é um “impulso reativo de autoconservação” (ZOLO, 2011, p. 37)¹¹⁸. Em suma:

¹¹⁶ “This bomb comes from instantaneous means of communication and in particular the transmission of information. It plays a prominent role in establishing fear as a global environment, because it allows the synchronization of emotion on a global scale”.

¹¹⁷ “objeto de un explotación mediática intensa”.

¹¹⁸ “impulso reattivo di autoconservazione”.

O medo reina em um mundo onde o homem não só está exposto aos perigos decorrentes da sua carência, da sua “desconexão” ambiental, do seu “excesso pulsional”, mas também está à mercê da agressividade de outro homem. Se trata de uma permanente “luta entre grupos” (ZOLO, 2011, p. 37-8)¹¹⁹.

Os processos de desumanização, vinculados a atos de violência e até mesmo genocídio, são acompanhados de um dispositivo linguístico que visa justificar ideologicamente a distinção entre amigo e inimigo, pessoa e não-pessoa. Mas estes mecanismos discriminatórios que se fincam no tecido das relações sociais são produzidos e desenvolvidos na vida cotidiana, no espaço da cidade e no trabalho. Em síntese, o projeto político e econômico da globalização possibilita e engendra a precarização do trabalho a partir da sua flexibilização, bem como pelo deslocamento dos capitais. O Estado assume função central nessa mudança: não apenas fornece o aparato legal para as privatizações, como viabiliza um aparato punitivo visando os crimes cometidos pelo proletariado. Trabalhadores precários são cada vez mais segregados em bairros periféricos, ao passo que um número cada vez maior de pessoas é expulsa das suas casas, dos seus bairros e da sua terra. Nesse contexto, observamos o encolhimento de diversas economias ao redor do mundo, bem como “progressivas destruições da biosfera em todo o globo, e a reemergência de formas extremas de pobreza e brutalização onde pensamos que elas haviam sido eliminadas”¹²⁰, ou em vias de serem eliminadas (SASSEN, 2014, p. 12). É a proliferação de inseguranças, incertezas e riscos produzidos socialmente, mas que recaem na figura do indivíduo e, de forma mais precisa, no trabalhador.

A centralização do capital, bem como as grandes transformações no mundo contemporâneo, a queda no nível de vida e as mudanças nos modos de vida, geram uma reação em dois níveis: do poder e das massas. De acordo com o economista italiano Emiliano Brancaccio (2020), a luta de classes acontece hoje no interior da própria classe capitalista:

os capitais mais fortes procurarão liquidar ou absorver aqueles mais fracos com base em uma tendência marxiana da centralização dos capitais em sempre menos mãos que serão ainda mais velozes que no passado; e os capitais fracos reagirão, ainda mais exasperadamente,

¹¹⁹ “La paura regna in un mondo dove gli uomini non solo sono esposti ai pericoli derivanti dalle loro carenze, dalla loro ‘disconnessione’ ambientale, dal loro ‘eccesso pulsionale’, ma sono anche in balia dell’aggressività degli altri uomini. Si tratta di una permanente ‘lotta fra gruppi’”.

¹²⁰ “escalating destructions of the biosphere all over the globe, and the reemergence of extreme forms of poverty and brutalizations where we thought they had been eliminated”.

com tentativas de ‘desglobalização’ e ‘soberanismo’ (BRANCACCIO, 2020, p. 68)¹²¹.

A ascensão global da extrema direita no século XXI acentua as desigualdades e expulsões produzidas pela centralização dos capitais e pelas políticas econômicas neoliberais, manifestando pelo fenômeno do populismo contemporâneo tendências e táticas fascistas - mesmo que hoje possuam um outro sentido e um outro significado. O populismo contemporâneo constitui-se, dessa forma, como uma reação da pequena e média burguesia à centralização do capital, mas que ao invés de lutar contra o grande capital, volta-se contra o proletariado, ao mesmo tempo que é capaz de, pela política do *catch-all*, mobilizar até mesmo parcelas desse proletariado afetado. Ainda, o populismo contemporâneo não pode ser explicado simplesmente pela “contraposição entre populismo e globalismo”: embora muitos líderes populistas se posicionem contra a globalização, no caso do imperialismo estadunidense, “Trump não coloca em discussão a globalização na medida em que coincide com o projeto imperialista americano para o século XXI” (AZZARÀ, 2017, n.p.)¹²². Assim, a disputa que ocorre hoje e que nos permite distinguir o fenômeno é aquela “entre os grandes capitais transnacionais representados pelos partidos liberais do *establishment* de um lado, e os pequenos capitais nacionais em perigo que encontraram uma saída política nas forças 'populistas' de outro” (BRANCACCIO, 2022, p. 349)¹²³. Por isso, compreender a gênese histórica do populismo contemporâneo possibilita distinguir que o fenômeno não representa a causa da atual degradação política e da incapacidade da esquerda em transformar de fato a realidade, mas o seu sintoma. O populismo contemporâneo é uma reação à economia política do tempo presente que, por sua vez, impulsiona a mesma centralização do capital e do poder político que absorve a pequena e média burguesia e coloca a classe trabalhadora em uma condição de sempre maior precariedade, ao mesmo tempo que é um movimento de massas que se constitui sobretudo a partir da esfera digital que potencializa a capacidade de manipulação e a alienação pelos líderes populistas.

¹²¹ “(...) i capitali più forti punteranno a liquidare o ad assorbire quelli più deboli in base a una tendenza marxiana verso la centralizzazione dei capitali in sempre meno mani che sarà ancora più veloce che in passato; e i capitali deboli reagiranno, ancor più esasperatamente, con tentativi di 'de-globalizzazione' e 'sovranoismo’”

¹²² “Trump non mette in discussione la globalizzazione nella misura in cui coincide con il progetto imperialista americano per il XXI secolo.”

¹²³ “(...) fra i grandi capitali transnazionali rappresentati dai partiti liberali di establishment da un lato, e i piccoli capitali nazionali in affanno che hanno trovato sbocco politico nelle forze 'populiste' dall'altro.”

4. O FENÔMENO DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

“A crise consiste, na verdade, no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno se verificam os fenômenos morbosos mais variáveis”

(GRAMSCI, 2007, p. 184)

4.1 - O POPULISMO CONTEMPORÂNEO COMO FENÔMENO INAUDITO

As grandes transformações na ordem social global, no nível e nos modos de vida, atingem profundamente a política contemporânea. Da mesma forma que o Estado social é desmantelado a partir das políticas econômicas neoliberais, não tardam a aparecer os efeitos do neoliberalismo no próprio regime democrático dos países capitalistas desenvolvidos até então considerados estáveis e consolidados. As desfigurações que as democracias capitalistas vêm sofrendo no século XXI, contudo, significam muito mais o seu desvelamento e a sua regressão, do que a ameaça a uma plena democracia que existia até então. O fato é: desde que a burguesia deixou de ser a classe revolucionária, a democracia no modo de produção capitalista sempre esteve sob ataque - “só a luta política autônoma (...) dos trabalhadores organizados nos partidos socialistas, conduziu ao progressivo alargamento do sufrágio” (AZZARÀ, 2022, s/p)¹²⁴. Assim, a afirmação de que as democracias correm risco não é falsa, mas também não explica a verdadeira relação entre o poder econômico e político e a sociedade: o fenômeno do populismo contemporâneo manifesta um momento essencial na reestruturação do poder global e na constituição de uma nova fase do capitalismo. A mundialização, bem como a centralização do capital são acompanhadas da difusão do projeto neoliberal, resultando também em uma centralização política. Segundo Brancaccio (2022, p. 363), o aumento da distância entre ricos e pobres, junto com a uniformização da classe trabalhadora, “nos aproximam a uma potencial 'catástrofe' democrática e dos direitos, porque sinalizam um processo de concentração de poder e posterior divisão social”¹²⁵.

É como produto dessa situação histórica específica que o populismo contemporâneo é capaz de expressar as diversas contradições do tempo presente

¹²⁴ “Solo la lotta politica autonoma di questi ultimi, dei lavoratori organizzati nei partiti socialisti, ha condotto al progressivo allargamento del suffragio”.

¹²⁵ “da un lato ci avvicinano a una potenziale 'catastrofe' democratica e dei diritti, perché segnalano un processo di concentrazione del potere e di ulteriore divaricazione sociale.”

advindas da centralização de capital e de poder em poucas mãos. Nesse sentido, assume relevância enquanto categoria política que revela, na sua essência, o movimento real da economia política. Enquanto um fenômeno reativo, o populismo contemporâneo deriva das grandes transformações na ordem capitalista global, evidenciando ao mesmo tempo a insatisfação perante a condição de precariedade da vida para os trabalhadores e a luta por sobrevivência da pequena e média burguesia também afetadas pelo desenvolvimento do capitalismo e o aprimoramento das formas de produção, extração e acumulação de mais valor. Por isso, o trabalho (a sua flexibilização) e a própria economia política do tempo presente, que indica um novo regime de acumulação capitalista e uma nova normatividade política, são centrais para compreender o fenômeno do populismo contemporâneo.

Tendo em vista que a nova ordem social do capitalismo global também altera os padrões de comportamento, impactando hábitos, mentalidades e valores, o discurso ideológico contemporâneo e as justificativas neoliberais produzidas por ideólogos, *think tanks*, mas também por influentes agentes políticos e econômicos, velam a origem histórica processual do modo de produção capitalista, bem como das relações sociais produzidas a partir da última década do século XX. Desse modo, o imenso caráter valorativo do populismo contemporâneo volta-se para uma moral específica que articula ao neoliberalismo aspectos do neoconservadorismo capazes de angariar os mais diversos indivíduos - uma efetiva manifestação da política do *catch-all* - que se identificam não com uma classe social, mas com a ideia de povo, de nação e, em alguns casos, até mesmo de etnia ou raça.

A velocidade e a aceleração social também produzem na política um novo caráter de imprevisibilidade e de mutabilidade. Segundo o sociólogo Dal Lago (2017, p. 11), na política digital “novos atores podem sair rapidamente à cena graças a sua capacidade de influência na mídia social”¹²⁶. Com o típico desprezo à imprensa tradicional, que também possui a sua versão digital dos jornais, o político populista expressa-se sem nenhuma mediação com o seu público, que vê e sente o mundo junto com o seu líder. É nesse novo ambiente digital que a propaganda populista tem o seu foco: se o populismo contemporâneo utiliza-se de táticas já conhecidas, como a propaganda e o marketing, ele difere tanto na sua forma, quanto no seu conteúdo. De fato, o populismo contemporâneo visa ocultar o seu real sentido, mascarando-se de

¹²⁶ “nuovi attori possono salire rapidamente alla ribalta grazie alla loro capacità di influenza nei social media”

slogans políticos tão amplos quanto abstratos - como liberdade, democracia e povo -, que pela “linguagem dos ideais virtuosos” (STANLEY, 2020, p. 37) é capaz de transformar as maiores brutalidades nas ações se não mais desejadas, pelo menos mais toleráveis. É possível dizer que as manifestações do populismo contemporâneo atualizam e ampliam uma formulação criada por Gustave Le Bon no ensaio acerca das diversas possibilidades da retórica do condutor da massa em mobilizá-las e manipulá-las politicamente: “o poder das palavras é tão grande que basta escolher bem os termos para fazer com que sejam aceitas as coisas mais odiosas” (LE BON, 2018, p. 102). Mas a propaganda populista atual é criada e difundida por meio das novas tecnologias digitais, que possibilitam uma nova forma de comunicação que modifica substancial e profundamente as formas de sentir, pensar e estar no mundo, influenciando valores e normas, resultados eleitorais, políticas econômicas de governos e disputas ideológicas.

Os novos dispositivos viabilizam a neutralização do passado histórico, da história como processo político compreendido sensata e racionalmente e, portanto, da possibilidade de superar as contradições da atual situação. A política do pleno emprego é considerada quase como uma espécie de morte fiscal da nação, o fascismo e o nazismo são vistos como parte da história da esquerda, as conquistas do socialismo são negadas e o comunismo passa de ameaça real à ameaça retórica, servindo de justificativa à falsa crença de que não existe alternativa à atual condição de servidão ao capital, do trabalhador capitalista e ao novo complexo do sistema de finanças. Tendo em vista que, “quando não organizados como classe, os trabalhadores tendem a votar com base em outras fontes de identificação coletiva: como católicos, bávaros, mulheres, francófonos, consumidores etc.” (PRZEWORSKI, 1989, p. 25-6), o populismo contemporâneo constitui a sua identificação coletiva específica não em torno das categorias e conceitos criados na modernidade, sobretudo, da classe, mas em direção a uma concepção geral de povo que, apesar de sempre considerado autêntico e verdadeiro, honesto, virtuoso e trabalhador, assume características particulares de cada país em que aparece.

Mesmo com essas diferenças é possível traçar um núcleo que fundamenta a natureza do populismo contemporâneo, um fenômeno novo, distinto do fascismo e dos outros populismos do final do século XIX na Rússia e meados do século XX na América Latina. São dois os elementos que nos possibilitam distinguir o fenômeno: o

primeiro diz respeito a sua relação com a democracia, isto é, a sua constituição enquanto um movimento reativo ao Estado social como construção histórica e política, e o segundo trata da sua gênese histórica, das suas especificidades possibilitadas pela aceleração social e técnica (os meios tecnológicos nos quais se desenvolvem como a política digital: o Twitter, o Facebook, o Instagram, o Tik Tok) e da sua relação imanente com a política econômica do tempo presente. Assim, mesmo que as causas do sucesso de líderes e governos populistas contemporâneos sejam distintas - como a própria questão da migração, que é central para compreender o populismo hoje na Itália e na França, por exemplo, mas perde relevância quando se trata do Brasil -, é “verdade que todos esses líderes usam o medo como instrumento político e vivem de conflito e polarização” (MÜLLER, 2019)¹²⁷.

Por isso, frequentemente, nos países em que um líder populista ganhou uma eleição, a mídia se mostrou surpresa. A imprevisibilidade eleitoral característica da *política digital* (DAL LAGO, 2017) mediou a eleição de Trump em 2016, Bolsonaro em 2018, Zelensky em 2019 e Meloni em 2022 - para além do longo histórico de populistas de extrema direita na Itália que passa desde Berlusconi até Salvini. O caso brasileiro, com a eleição de Jair Bolsonaro como 38º presidente da República, se insere manifestamente nesse fenômeno inaudito e expõe as tendências subterrâneas, globais e específicas, que percorrem a sociedade brasileira. Inserido no modo de produção capitalista, o Brasil é capaz de apresentar tendências ainda mais profundas que derivam desse próprio sistema: se “o desenvolvimento capitalista promove a transformação do capitalismo da periferia” (FERNANDES, 1995, p. 70), fenômenos que surgiram na Europa na passagem para o século XXI não tardam a aparecer, muitas vezes multifacetados, ao redor do mundo. O Brasil, apesar de apresentar a sua especificidade histórica, também revela o que há de profundo e essencial no fenômeno do populismo contemporâneo, aquilo que é núcleo comum do fenômeno e que é capaz de manifestar, por meio da política, o movimento e o poder das forças sociais, bem como dos processos e das ideias que movimentam a realidade presente.

A ascensão da extrema direita, portanto, e a sua composição populista específica, manifestam o atual *interregno* em que vivemos: trata-se de uma nova configuração da relação de força entre as forças sociais, do poder político exercido pelos Estados, grandes corporações transnacionais e membros da burguesia também

¹²⁷ “vero che tutti questi leader usano la paura come strumento politico e vivono di conflitti e polarizzazioni”

transnacional que, na medida em que centraliza o capital e liquida ou absorve a pequena e média burguesia, provoca uma reação, que é o atual conflito no interior da classe capitalista do qual se constitui o fenômeno do populismo contemporâneo. Ao mesmo tempo, o populismo contemporâneo é um fenômeno de massa que apesar de se mobilizar em protestos e acampamentos, se organiza, se une e se forma através da esfera digital. Os ideais compartilhados dizem respeito à redefinição da ideia de sociedade e de democracia, cada vez mais exclusiva e restrita para aqueles pertencentes ao grupo moralmente idealizado do povo verdadeiro e autêntico. Por fim, o populismo contemporâneo é um fenômeno inaudito porque permanece em parte desconhecido, uma vez que está ainda em formação, mas que já produz os mais assombrosos processos de desumanização a partir da divisão entre amigos e inimigos, virtuosos e corruptos, mas também pelas políticas econômicas que são de fato implantadas e que retiram da classe trabalhadora não só a sua identidade, como as suas conquistas históricas.

4.2 - DEFINIDO O POPULISMO A PARTIR DA IDEIA DE POVO

Uma das primeiras questões que surge na investigação do populismo contemporâneo é também a mais elementar de todas: o que é o populismo? Não é possível responder essa pergunta sem inserir uma problemática central ao tema: a sua dificuldade em ser definido, isto é, a sua inconsistência. Abarcando uma linha temporal e um espaço geográfico amplo, muitos foram os líderes políticos chamados de populistas. Um fenômeno que apareceu primeiro na Rússia, na década de 1870, referindo-se aos *narodniks*, passando pela América Latina, entre as décadas de 1930 e 1960 - Vargas no Brasil, Cárdenas no México, Perón na Argentina -, chegando no mundo contemporâneo a partir da figura de Silvio Berlusconi na Itália, e se desenvolvendo em um novo populismo marcado pelo forte uso das redes sociais digitais e que, muitas vezes, aparece como sinônimo de fascismo, de maneira que líderes como Trump ou Bolsonaro podem ser chamados por ambos os termos - populista e (neo)fascista. Os populismos também podem ser de esquerda ou de direita, abarcando os mais variados espectros e as mais diversas especificidades de cada país ou região em que emerge. E por isso, apesar da vasta literatura sobre o tema, ainda hoje, a sua indefinição persiste.

Em *Italia Populista*, Marco Tarchi (2015, p. 24-5), declara a possibilidade de apreender um “núcleo substancial e constante do populismo”¹²⁸, que diz respeito ao apelo ao povo como fonte de justiça e legitimidade da ordem econômica e política, mesmo que não seja possível identificar um tipo de populismo considerado puro. O populismo, portanto, possui algumas características básicas que se vinculam a uma determinada visão de mundo que perpassa noções como a de comunidade, ordem natural, tradição, autenticidade e organicidade do povo, constituindo-se mais precisamente em um tipo de *forma mentis*, isto é, de mentalidade (TARCHI, 2015). Segundo Tarchi (2014, p. 33), e com base nas concepções de Geiger e Linz, mentalidade é “um modo de sentir e de pensar mais emotivo que racional”, não é um conteúdo, mas sim “uma atitude intelectual ‘subjetivada’ dependente de uma predisposição psíquica, desprovida de formas cristalizadas, flutuantes, cujas modalidades de reação a diferentes situações não são codificadas e todavia orientam a ação”¹²⁹. Esse conceito evidencia o caráter multiforme do populismo que, ao longo da história, não constituiu um programa político organizado em todos os seus expoentes.

Assim, a mentalidade populista conecta-se a “uma visão de ordem social em cuja base está a crença na virtude inata do povo, em cujo domínio assenta a fonte de legitimação da ação política e de governo abertamente reivindicado”¹³⁰ (TARCHI, 2015, p. 52). Nesse sentido, o que o cientista político alemão Jean-Werner Müller (2016) enfatiza é que o populismo, enquanto uma *imaginação moral da política*, não é qualquer apelo ao povo, mas sim a alegação de representação exclusiva do que o verdadeiro e autêntico povo sente, pensa e necessita. A figura do povo, contudo, vem acompanhada da figura do inimigo, que destrói a ordem, a coesão e a harmonia características da comunidade: o populismo é profundamente maniqueísta - articula-se a partir da dicotomia povo e não-povo (TARCHI, 2015), de maneira que a contraposição entre trabalho e corrupção é uma das formas que essa dicotomia pode aparecer: o povo, que é puro e inocente, trabalha duro, enquanto o não-povo constitui-se dos parasitas, preguiçosos e corruptos (MÜLLER, 2016).

¹²⁸ “nucleo sostanziale e costante del populismo”.

¹²⁹ “un atteggiamento intellettuale ‘soggettivizzato’ dipendente da una predisposizione psichica, privo di forme cristallizzate, fluttuante, le cui modalità di reazione a differenti situazioni non sono codificate e tuttavia orientano all’azione”

¹³⁰ “una visione dell’ordine sociale alla cui base sta la credenza nelle virtù innate del popolo il cui primato quale fonte di legittimazione dell’azione politica e di governo è apertamente rivendicato”.

O conceito de povo também pode assumir diversas formas: a) povo enquanto *demos*, o povo soberano de um regime democrático; b) povo enquanto *ethnos*, o povo-nação; c) povo enquanto *plebe*, o povo que é explorado pelas elites; e d) povo enquanto *gente*, o povo como pessoa comum (ARDENI, 2020). Ou então, o povo unido, simples, étnico, soberano, classe, nação, inteiro, autêntico (TARCHI, 2015). Mesmo não existindo uma forma pura de povo, na mentalidade específica do populismo, o povo é individuado

como uma totalidade orgânica artificialmente dividida por forças hostis, que lhe confere naturais qualidades éticas, tais como o realismo, a capacidade de trabalho e a integridade, contraposta à hipocrisia, ineficiência e à corrupção das oligarquias políticas, econômicas, sociais e culturais e que reivindica a primazia, como fonte de legitimidade do poder; além de toda forma de representação e mediação (TARCHI, 2015, p. 77)¹³¹.

Esse conflito que existe entre o povo e as elites mostra como a antipolítica e o antipartidarismo se constituem como características do populismo, um fenômeno distinto (TARCHI, 2015). Para Müller (2016, p. 19), a “particular imaginação moral da política”¹³² populista é marcada por um antielitismo generalizado que abarca a noção de uma elite não só política e econômica, mas também cosmopolita multicultural. No entanto, o antielitismo populista é restrito: o que está em causa é muito mais a necessidade de uma elite apropriada, capaz de promover a agenda política necessária ao resgate daquela comunidade orgânica e de representar os ideais populares, do que uma ordem capaz de superar essa distinção entre povo e elite: os “populistas não têm nenhum problema com a representação desde que eles sejam os representantes; similarmente, eles estão bem com as elites, desde que eles sejam as elites liderando o povo”¹³³ (MÜLLER, 2016, p. 30). Assim, além de antielitista, é antipluralista: “populistas alegam que eles, *e somente eles*, representam o povo”¹³⁴; trata-se de uma “forma moralizada de antipluralismo” que implica um líder capaz de falar em nome do povo e que constitui uma sombra da democracia representativa (MÜLLER, 2016, p. 20).

¹³¹ “*come una totalità organica artificialmente divisa da forze ostili, gli attribuisce naturali qualità etiche, ne contrappone il realismo, la laboriosità e l'integrità all'ipocrisia, all'inefficienza e alla corruzione delle oligarchie politiche, economiche, sociali e culturali e ne rivendica il primato come fonte di legittimazione del potere, al di sopra di ogni forma di rappresentanza e di mediazione*”.

¹³² “a particular moralistic imagination of politics”.

¹³³ “populists have no problem with representation as long as they are the representatives; similarly, they are fine with elites as long as they are the elites leading the people”.

¹³⁴ “populists claim that they, *and only they*, represent the people”.

O populismo, portanto, é “um jeito moralmente distinto de imaginar o mundo político e necessariamente envolve uma reivindicação à representação moral exclusiva”¹³⁵ (MÜLLER, 2016, p. 38), de caráter simbólico e não empírico, que contrasta “o povo moralmente puro e seus oponentes”¹³⁶ (MÜLLER, 2016, p. 25). Por isso, a derrota eleitoral não significa a perda da legitimidade moral do povo verdadeiro e autêntico, bem como de seus líderes, mas sim a confirmação do poder, e também da ameaça, que o establishment político possui e representa. Nesse sentido, é possível traçar no populismo uma determinada forma de percepção do domínio político que configura a noção de povo de maneira ficcional e idealizada, isto é, uma “representação simbólica do ‘verdadeiro povo’”¹³⁷ (MÜLLER, 2016, p. 27), “moralmente puro e totalmente unificado”¹³⁸ (MÜLLER, 2016, p. 19).

Analizando a *política do “nós” e “eles”*, o filósofo Jason Stanley (2020, p. 14) utiliza “o rótulo ‘fascismo’ para qualquer tipo de ultranacionalismo (étnico, religioso, cultural), no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome”, inserindo neste conceito líderes como Donald Trump, Marine Le Pen, Alexander Gauland e Viktor Orbán. Stanley (2020) explicita que a utilização de táticas políticas fascistas não significam necessariamente a existência de um Estado fascista, e por isso é possível ver a sua presença no populismo contemporâneo. Mesmo que se constituam como fenômenos distintos, ambos são capazes de produzir desumanizações e, em casos mais extremos, genocídios e extermínios que se fundamentam na divisão da população.

A ideia de povo, portanto, vem acompanhada de um mecanismo de ficção fundamentado em um passado nacional mitológico ameaçado hoje pelo “globalismo”, pelo “cosmopolitismo liberal” e pelo “respeito por ‘valores universais’, como a igualdade” (STANLEY, 2020, p. 20). O objetivo desse mito é provocar naqueles que escutam o discurso político uma reação emotiva de maneira a possibilitar a construção do passado mitológico na realidade presente. A reação é emotiva porque esse passado de fato nunca existiu, mas ainda assim é capaz de exercer uma mobilização prática dos sujeitos. Nesse “passado glorioso”, a “pauta cultural e econômica” é escolhida pelo verdadeiro povo que constitui a nação (STANLEY, 2020, p. 27), de maneira que as

¹³⁵ “a distinctly moral way to imagine the political world and necessarily involves a claim to exclusive moral representation”.

¹³⁶ “the morally pure people and their opponents”.

¹³⁷ “symbolic representation of the ‘real people’”.

¹³⁸ “morally pure and fully unified”.

questões de gênero, de raça e de religião assumem extrema relevância na constituição da comunidade nacional como um mito. O apagamento do passado histórico acontece, desse modo, de maneira a deformar também o tempo presente pelo resgate do orgulho perdido a partir da “emoção da nostalgia” e de uma “escolha seletiva do passado” (STANLEY, 2020, p. 33) que termina por simplificar a realidade e justificar as desumanizações legalmente sancionadas.

Duas questões assumem relevância neste aspecto. Primeiro, que as contradições do tempo presente, longe de serem compreendidas na sua origem histórica, são formuladas em termos de restauração de uma comunidade que representa a ordem natural das coisas, e que foi corrompida e degenerada pelas lutas sociais e políticas empregadas pelo não-povo. E segundo, que a homogeneidade característica do povo autêntico não é indiferenciada (TARCHI, 2015); muito pelo contrário: o seu alicerce é a distinção de papéis e funções dentro de uma hierarquia de valor considerada natural e, por isso, estática, mas capaz de “obter e reter poder” (STANLEY, 2020, p. 90). Segundo Stanley (2020, p. 96), os mitos que legitimam essa hierarquia são considerados “fatos imutáveis”, originados e justificados por uma “lei natural, que estabelece certas tradições, das mais poderosas, sobre outras. A lei natural supostamente coloca homens acima de mulheres, e membros da nação escolhida do fascista acima de outros grupos”.

A partir disso, é possível perceber que o populismo contemporâneo é profundamente antidualético: primeiro, porque naturaliza relações sociais e de produção, que são produto da atividade humana, respectivamente, a partir de uma noção mítica de povo natural e a partir da crença na impossibilidade de oferecer alternativas políticas que superem o capitalismo. E segundo, porque se recusa a reconhecer a realidade enquanto processo, negando a profundidade e a complexidade do real. De acordo com Tarchi (2015, p. 61), “a pedra angular da mentalidade populista é a desconfiança verso tudo aquilo que não pode ser inserido na dimensão do imediato, da simplicidade, da relação direta e visível com a realidade, com os hábitos e as tradições”¹³⁹. É nesse sentido que o discurso dos líderes e partidos populistas apresenta a boa vontade e o bom senso enquanto virtudes condutoras da ação política correta: trata-se da “ênfase em um bem comum singular que é claramente

¹³⁹ “La chiave di volta della mentalità populista è la diffidenza verso tutto ciò che non può essere racchiuso nella dimensione dell’immediatezza, della semplicità, del rapporto diretto e visibile con la realtà, delle abitudini e delle tradizioni”.

compreensível ao senso comum e capaz de ser articulado como uma política singularmente correta que pode ser coletivamente desejada”¹⁴⁰ (MÜLLER, 2016, p. 26). Não apenas a realidade torna-se simples, imediata e evidente, como todos aqueles que discordem da virtude da sua moralidade tornam-se inimigos do povo - uma noção restrita que carrega a distinção entre povo verdadeiro e autêntico e não-povo.

Desse modo, a relação direta com o líder aparece como elemento central no fenômeno do populismo contemporâneo: “um senso de conexão e identificação direta precisa estar lá. Populistas sempre querem eliminar o intermediário, por assim dizer, e confiar o menos possível em organizações partidárias complexas como intermediárias entre cidadãos e políticos”¹⁴¹ (MÜLLER, 2016, p. 35). Essa verticalização da política na figura do líder representa a capacidade que o populismo contemporâneo possui em compreender e utilizar um novo meio de obtenção e conquista da hegemonia ideológica. Segundo Florestan:

A ideologia das nações dominantes converte-se na ideologia das nações dominadas. O imperialismo penetrou fundo em todos os recantos da terra: na razão e na percepção da realidade; nos padrões de vestuário e nos estilos de vida; nos hábitos de comer e de morar, etc. (FERNANDES, 1995, p. 70)

Da mesma forma, a política econômica neoliberal, mas também a sua ideologia, penetra na mentalidade e nos padrões do tempo presente. O fenômeno do populismo contemporâneo, filho do fim de um conflito histórico em que o capitalismo se consagra vitorioso, representa uma reação a esse mesmo processo, uma insatisfação generalizada frente ao acirramento da exploração capitalista. Por sua vez, as desfigurações na democracia moderna revelam não apenas a essência da relação entre poder e política, como também o que há de novo e inaudito na política do tempo presente: a sua difusão digital. É no espaço da rede que ocorre a produção social das ideias e a manifestação de uma “humanidade inconsciente da sua própria história” (ARON, 1985, p. 103). O monstruoso impacto da técnica, da razão instrumental, na Segunda Guerra Mundial, bem como a sua capacidade de aniquilamento de vidas tornaram o humano um ser objetual, debilitando a experiência e produzindo a ausência de memória histórica (BENJAMIN, 2012). Hoje, a inferiorização e a desumanização

¹⁴⁰ “emphasis on a singular common good that is clearly comprehensible to common sense and capable of being articulated as a singular correct policy that can be collectively willed”.

¹⁴¹ “a sense of direct connection and identification needs to be there. Populists always want to cut out the middleman, so to speak, and to rely as little as possible on complex party organizations as intermediaries between citizens and politicians”.

do outro assumem novas formas: no populismo digital, é a noção restritiva de povo que acaba por restringir a própria noção de humanidade.

Mas o meio digital também apresenta o seu caráter alienante: o distanciamento e o isolamento entre grupos para além de produzir a intolerância, também produz a incompreensão. Quando a realidade que nós mesmos construímos se torna incompreensível, aprofunda-se uma reação emotiva imediata em que o medo, tanto pela sua especificidade, quanto pela sua primazia na sensibilidade humana, irrompe enquanto categoria central para investigar o populismo digital e desvendar a relação entre o poder e a política contemporâneos. Logo, o mito do povo como unidade orgânica mascara a atual condição humana: resultado da aceleração social, da mundialização do capital, dos novos meios de comunicação, da ausência de consciência de classe, do enfraquecimento da identidade nacional, o povo constitui-se não como uma unidade harmônica e coesa, mas como “uma miríade de fragmentos atomizados e competitivos” (REVELLI, 2019, p. 149)¹⁴². Para o cientista político Marco Revelli (2019, p. 157), a categoria do povo tem se tornado um “vestígio fantasmagórico”¹⁴³ na medida em que os vínculos sociais característicos da modernidade, como a classe, o partido, a família, a nação, a comunidade de destino, são dissolvidos e em que as desigualdades sociais são aumentadas. O mundo aparece cada vez mais de forma fragmentada e insegura e com a centralidade do medo as emoções se destacam no espaço da política digital.

4.3 - EXAMINANDO O POPULISMO CONTEMPORÂNEO A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE LOGOS E EMOÇÃO

Uma outra questão central na literatura do populismo contemporâneo é tentar nomeá-lo a partir de uma característica que o especifique: populismo emocional para Eva Illouz, turbo populismo para Marco Revelli, populismo digital para Alessandro Dal Lago, populismo apocalíptico para Wendy Brown. Para todos, um problema é essencial: qual o motivo de milhares de pessoas votarem em líderes populistas e como esses líderes são capazes de mobilizar grande parcela da população? Tendo em vista que as redes sociais digitais constituem-se como os novos meios de comunicação e interação, a linguagem também é acelerada, simplificada e deformada. A reflexão

¹⁴² “una miriade di frammenti atomizzati e competitivi”

¹⁴³ “traccia fantasmatica”

crítica é por consequência afetada e a razão, “faculdade por intermédio da qual concebemos, julgamos e raciocinamos, isto é, refletimos, pensamos” (COSTA, 1980, p. 2) é debilitada. Enfraquecida a capacidade de distinguir o verdadeiro do falso, de distinguir os nexos causais que constituem a realidade, e de tornar a experiência ordenada e inteligível, as emoções, as pulsões e os impulsos reativos se sobressaem e, de maneira não sistemática, produzem uma sensação generalizada de desorientação que alimenta o sentimento do medo que preenche as categorias que criamos para explicar o mundo de opiniões imediatas, nem sempre verdadeiras e frequentemente desumanizantes. Como destaca o matemático brasileiro Newton da Costa:

“a maneira pela qual efetivamente pensamos é deveras complexa: as inferências que fazemos, por exemplo, dependem de analogias inconscientes, de nossa experiência em sentido amplo, de tendências estéticas, de inspirações momentâneas etc., sendo, pois, difícil analisar e codificar o processo real do pensamento” (COSTA, 1980, p. 4).

Isso torna-se ainda mais complexo quando consideramos que seres humanos, e portanto a política, não são feitos apenas de pensamentos, mas também de sentimentos. E é essa relação entre como pensamos e como sentimos o mundo que constitui o fenômeno do populismo enquanto um fenômeno de massa. Assim, simpatizantes e eleitores de líderes populistas expressam tanto uma reação agressiva à queda no nível de vida e à precariedade do trabalho, quanto uma atitude emotiva fundamentada em uma nostalgia ilusória de um passado livre dos impasses e flagelos característicos do tempo presente (BROWN, 2020). Ao mascarar a realidade, líderes populistas, por meio da linguagem, vídeos e imagens, incitam repetitivamente três paixões específicas que Brown (2020) foi capaz de distinguir nos eleitores de Donald Trump (mas que também aparecem em outros países): 1) o “medo” do futuro e do futuro imediato; 2) a “raiva” do sistema político e econômico das políticas públicas voltadas para as minorias; e 3) a “frustração” em relação às transformações que o processo e fenômeno da globalização provocaram. Respectivamente, as reações são de desejo por estabilidade, “segurança e ordem”, desejo por “destruição e vingança” e desejo de retornar ao passado e restabelecer uma ordem que, na verdade, se fundamenta no mito da nação gloriosa.

Assim, retomamos o conceito de mentalidade para caracterizar o populismo contemporâneo porque ele é capaz de evidenciar a relevância de estímulos emocionais frente às considerações argumentativas que elencam fatos e dados empíricos, isto é,

das atitudes frente às posições articuladas e justificadas (TARCHI, 2015). Nesse sentido, “a política é feita de comunidades negativas, e não simplesmente de comunidades de preferências” (ROSANVALLON, 2019, p. 48)¹⁴⁴. Essas comunidades de “repulsa” ou “aversão” movimentam as ideias, segundo o historiador francês, de maneira que o apoio a líderes populistas manifesta o medo, a raiva e o ressentimento característicos de seus apoiadores. Salvo casos de violência física direta, essa cólera é canalizada no meio digital e por meio do voto a partir de procedimentos democráticos, sendo a própria “ordem liberal” a “incubadora do Trumpismo e de outros autoritarismos” (MISHRA, 2018)¹⁴⁵.

Tendo em vista que a razão, de acordo com o linguista e cientista cognitivo estadunidense George Lakoff (2008), também possui um aspecto corporal que interage com as emoções a partir dos circuitos neuronais, a forma como vemos, sentimos e pensamos o mundo estará vinculada com a forma como o nosso cérebro funciona - o que inclui uma estrutura mental que também é metafórica e simbólica, que diz respeito ao “inconsciente cognitivo”¹⁴⁶ (LAKOFF, 2004, p. xv). A partir disso, o linguista é capaz de distinguir duas visões de mundo opostas nos Estados Unidos que carregam valores do neoconservadorismo e do campo progressista tendo vista duas concepções distintas de família. O que interessa aqui é a forma como a concepção de família neoconservadora está profundamente vinculada com a noção de nação, de como ela deve ser governada e com a própria lógica neoliberal.

Segundo Lakoff (2004), o neoconservadorismo se estrutura em uma concepção de família que tem como base a figura do pai rigoroso: o mundo é visto como um lugar perigoso, ao mesmo tempo que extremamente competitivo; por consequência, o pai, autoridade moral, ensina o que é certo e errado mediante punição, e a desobediência se constitui como uma das maiores infrações. O valor da disciplina adquire centralidade na medida em que é requerida para o sucesso no mundo difícil e competitivo; isto é, se as pessoas são disciplinadas e perseguem seus próprios interesses nesta terra de oportunidade, elas se tornarão prósperas e autossuficientes. Desse modo, o modelo do pai rigoroso liga a moralidade com o senso de prosperidade. A mesma disciplina que você precisa para ser moral é o que te permite prosperar.

¹⁴⁴ “la politique est faite de communautés négatives et pas simplement de communautés de préférences”.

¹⁴⁵ “liberal order”; “the incubator for Trumpism and other authoritarianisms”.

¹⁴⁶ “cognitive unconscious”.

Apesar de existirem líderes populistas mulheres, como Le Pen ou Meloni, o patriarcado exerce uma função importante: “o líder é o pai da nação, e sua força e poder são a fonte de sua autoridade legal, assim como a força e o poder do pai da família no patriarcado supostamente são a fonte de sua suprema autoridade moral sobre seus filhos e esposa.” (STANLEY, 2020, p. 22). Fundamentado na figura de um provedor, seja ele líder ou pai, o populismo contemporâneo visa redefinir o sentido da ordem social atribuindo um novo significado restritivo de sociedade e democracia compostas apenas pelo verdadeiro e autêntico povo dos bons cidadãos hierarquicamente e naturalmente ordenados. Para isso, o líder deve aparecer como um salvador da atual crise nos valores, um político capaz de representar os anseios populares sem fazer concessões às elites, sejam elas econômicas ou culturais. Portanto, o líder deve, pelo menos, aparentar ser moralmente rigoroso: “tão simples são os homens, e obedecem tanto às necessidades presentes, que aquele que engana sempre achará a quem enganar” (MAQUIAVEL, 2000, p. 110).

De acordo com Maquiavel, as pessoas são levadas pela aparência de maneira que o príncipe deve mostrar ter as seguintes qualidades: prudência, fé na religião cristã e bondade, honra e integridade; por isso “deve preferir ser reputado piedoso e não cruel” (MAQUIAVEL, 2000, p. 105). Essa observação de Maquiavel é interessante para pensar sobre a figura do líder na mentalidade populista: de fato, o líder populista deve aparentar ter todas essas qualidades, mas apenas para aqueles que merecem; do contrário, deve se mostrar forte e impiedoso, porque não aceita injustiças e nem conciliação com os desviantes e destruidores da ordem. Desse modo, a noção de crueldade mascara-se pela nova ideia de justiça punitiva, que tolera o extermínio de jovens negros nas favelas brasileiras em nome da tolerância zero com as drogas e os crimes, novamente, considerados do baixo escalão no poder global. Não é a fama de cruel, portanto, mas a de não deixar passar impune bandidos, criminosos e corruptos que se associa benéficamente à figura do líder como homem forte, capitão capaz de conduzir a nação rumo ao progresso.

Retomando, na concepção conservadora de família duas questões são importantes: a intervenção (familiar ou governamental), que não é bem vista - “é imoral dar às pessoas coisas que elas não conquistaram, porque então elas não desenvolverão disciplina e se tornarão dependentes e imorais”¹⁴⁷ (LAKOFF, 2004, p.

¹⁴⁷ “It is immoral to give people things they have not earned, because then they will not develop and will become both dependent and immoral”.

8-9); e a autoridade moral (do pai ou do líder político) que deve ser, sem exceção, obedecida e respeitada: “se você é uma autoridade moral você sabe o que é certo, você tem poder, e você o usa”¹⁴⁸ (LAKOFF, 2004, p. 10). Essas duas questões nos permitem traçar tanto a base neoliberal do neoconservadorismo, quanto o fundamento moral que constitui a política populista contemporânea. Assim, a linguagem populista possui uma dimensão altamente emotiva, acionando por meio de palavras e imagens, os valores da sua visão de mundo, e por isso, é necessário compreender a emoção que fundamenta a política e que conduz a forma como as pessoas sentem e percebem a vida. Por que vítimas de desastres ambientais votam a favor da desregulamentação governamental do meio ambiente? Por que trabalhadores votam em empresários? Em suma: por que as pessoas, muitas vezes, votam contra seus próprios interesses?

Essa última questão merece atenção: de que interesses estamos falando e como são constituídos? O indivíduo age e escolhe racionalmente na política visando a obtenção de fins, mas muitas vezes se vê restrito a interesses de curto prazo, interesses parciais que se formam a partir de desejos imediatos. Afirmado o fim da luta de classes e enfraquecida a consciência de classe pelos múltiplos processos de alienação no mundo contemporâneo, outras identificações coletivas dominam os sujeitos, formando outros valores e outros interesses. Por isso, a pergunta pode ser formulada e respondida da seguinte maneira: por que trabalhadores votam contra os seus interesses de classe? Porque votam de acordo com outros interesses morais e identitários. Além disso, a realidade efetiva das coisas não é óbvia, nem imediata: é necessário um esforço constante para desvendar os seus nexos e causalidades, bem como para compreender os seus funcionamentos e funções. A política, portanto, se fundamenta em um campo de disputa não só de força e poder, mas também de ideologia. Nesse sentido, a linguagem populista demonstra como a realidade pode ser ocultada, velada e manipulada, e como indivíduos podem ser movidos, orientados e conduzidos por seus valores e paixões. Trata-se de compreender a complexa vinculação entre interesses e valores, entre a capacidade racional dos sujeitos políticos e as suas emoções. Não à toa os discursos políticos não são formados apenas por palavras aleatórias, mas por palavras que acionam ideias, valores e também emoções: “hoje, a grande burguesia não detém apenas o monopólio da produção material, da produção das ideias, mas também o da produção das emoções” (LOSURDO, 2020, p. 16).

¹⁴⁸ “If you are a moral authority you know what is right, you have power, and you use it”.

Nesse sentido, a socióloga estadunidense Arlie Russell Hochschild (2016) evidencia, na obra *Estranhos na sua própria terra*, a relevância da questão moral na política e a centralidade da fé, dos impostos e da honra para compreender a direita de seu país: frente ao medo da queda no nível de vida “o que ele sentia que estava sendo dado era dinheiro dos impostos para pessoas não trabalhadoras e não merecedoras - e não só impostos, mas honra também” (HOCHSCHILD, 2016, p. 61)¹⁴⁹. Assim, a socióloga desenvolve uma categoria chave para compreender e representar as emoções, sentimentos, afetos e paixões na vida daqueles que foram entrevistados: seus medos e esperanças, orgulhos e vergonhas, frustrações, ressentimentos e ansiedades, mas também expectativas e desejos. Trata-se da “história profunda”, uma resposta à frustração do tão desejado sonho americano que não chega para muitos:

Uma história profunda é uma história de *sentir-como-se* - é a história que os sentimentos contam, na linguagem dos símbolos. Ela remove o julgamento. Elimina os fatos. Diz-nos como as coisas sentem. Tal história permite que aqueles de ambos os lados do espectro político se afastem e explorem o *prisma subjetivo* através do qual o partido do outro lado vê o mundo (HOCHSCHILD, 2016, p. 135)¹⁵⁰.

Essa categoria assume relevância na medida em que, a partir dos anos 1960, uma série de movimentos sociais, de demanda por reconhecimento de direitos e estima, abalam a sociedade civil ocidental. Protestos, reivindicações, debates públicos e discussões teóricas são produzidas e desenvolvidas em número cada vez maior. Esse ativismo vai se intensificando de maneira que, a partir de 1980, a própria esquerda que antes representava a classe operária, volta-se para os direitos das minorias sociais, que tornam-se cada vez mais amplas (ILLOUZ, 2017): a luta das mulheres, dos indígenas, os movimentos anticoloniais, decoloniais, pós-coloniais, o movimento LGBT, que hoje recebe a sigla LGBTQIAPN+. As lutas emancipatórias hoje adquirem cada vez mais a cara do pós-modernismo, da fragmentação, menosprezando a importância e necessidade da luta de classes, e o neoconservadorismo, por sua vez, articula-se na promessa de resgatar valores supostamente perdidos pela chamada revolução cultural, sexual e racial, retirando a legitimidade desses processos emancipatórios que são essenciais na história da humanidade. Trata-se de, a partir da crítica ao Estado máximo

¹⁴⁹ “What he felt was being given away was tax money to non-working, non-deserving people - and not just tax money, but honor too.”

¹⁵⁰ “A deep story is a *fell-as-if* - it's the story feelings tell, in the language of symbols. It removes judgment. It removes fact. It tell us how things feel. Such a story permits those on both sides of the political spectrum to stand back and explore the *subjective prism* through which the party on the other side sees the world.”.

e da restauração da fé em Deus, resgatar a honra no trabalho, nos valores da família, em ser cristão e na história profunda: “muitos se tornaram desencorajados, outros depressivos. Eles anseiam por orgulho, mas têm sentido vergonha. Sua terra não parecia mais sua. Junto com outros iguais, eles agora se sentem esperançosos, alegres, exaltados” (HOCHSCHILD, 2016, p. 225)¹⁵¹.

Dessa forma, as grandes transformações também marcam uma ruptura na centralidade da política econômica, deslocando a linguagem política para uma nova geometria: essencialmente particular e identitária, e que nega o valor social da igualdade. Se o projeto populista visa ressignificar e recompor o sentido da ordem social, a linguagem populista e o seu discurso público de caráter emotivo, são ampliados e, em certa medida, até mesmo possibilitados, pelo desenvolvimento dos novos meios de comunicação: não mais o jornal, o rádio e a televisão, mas as novas redes sociais digitais, o Twitter, o Facebook, o TikTok, o Telegram, o WhatsApp, dentre muitas outras que vão surgindo. Assim, a “política digital” viabilizada pela aceleração tecnológica, proporciona não uma autonomia do sujeito político que se relacionaria em espaços de transparência e em relação direta com o líder, mas formas mais profundas de alienação (DAL LAGO, 2017). Por sua vez, o populismo digital, ao difundir e introjetar valores neoliberais, “afasta os interesses e os alvos reais dos olhos de majorias que estão prontas a ouvir sem entender e a dissimular-se atrás do silêncio que consente” (FERNANDES, 1995, p. 156).

A partir da década de 1970, o paradigma marxista é substituído: trata-se do “fim das grandes narrativas universalistas, e a entrada na era do pós-modernismo, do fragmento e do indivíduo”¹⁵² (AMSELLE, 2018, p. 138). Da mesma forma que a filosofia do imperialismo afasta-se “das questões sociais, dos problemas da economia e da vida política” (LUKÁCS, 1979, p. 38), concentrando-se em uma crítica cultural e moral individual, hoje, o populismo não faz uma crítica econômica: “dentro da esfera política, ideológica e cultural, as questões de classe e de exploração desaparecem amplamente em benefício da raça, da nação e do gênero, sejam de direita ou de esquerda”¹⁵³ (AMSELLE, 2018, p. 139) - como se de fato não houvesse alternativa.

¹⁵¹ “Many have become discouraged, others depressed. They yearn to feel pride but instead have felt shame. Their land no longer feels their own. Joined together with others like themselves, they now feel hopeful, joyous, elated.”

¹⁵² “fin des grands récits universalistes, et l’entrée dans l’ère du postmodernisme, du fragment et de l’individu”.

¹⁵³ “Dans la sphère politique, idéologique et culturelle, les questions de classe et d’exploitation ont donc largement disparu au profit de la race, de la nation et du genre, que ce soit à droite ou à gauche”.

4.4 - O QUE É E QUAL O SENTIDO DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO?

Por fim, uma terceira questão da qual não é possível fugir ao se investigar o populismo contemporâneo é a sua distinção do fascismo enquanto fenômeno histórico. Apesar do populismo utilizar táticas fascistas, como a distinção elementar entre “nós” e “eles”, “amigos” e “inimigos”, a política do medo e a propaganda - instrumentos que também aparecem nos mais diversos tempos históricos e fenômenos políticos -, é possível evidenciar a especificidade do populismo contemporâneo. O termo, se apenas utilizado de forma pejorativa como um insulto, ou então como sinônimo de fascismo, perde a sua capacidade de definir um momento essencial da luta entre forças no tempo presente: “se tudo é fascismo, na verdade, nada é efetivamente mais fascismo” (AZZARÀ, 2022, n.p.)¹⁵⁴. O populismo contemporâneo, com a sua especificidade histórica, representa o conflito que existe no interior da classe capitalista pelo processo de mundialização e financeirização do capital, ao mesmo tempo que manifesta o “retorno”¹⁵⁵ de ideias e valores restritivos, do revisionismo histórico, da limitação das proteções sociais do Estado e da exclusão de determinados grupos sociais da categoria de pessoa.

Isso não significa que o fascismo e os regimes totalitários não deixam de ser uma ameaça, mas não são o populismo, mesmo que este utilize táticas fascistas: a militarização da sociedade civil, a violência física, os discursos agressivos, intolerantes e discriminatórios. Hoje, o fascismo clássico não é o único perigo à vista: “o perigo provém (...) de formas autoritárias que agitam a bandeira da democracia” (LOSURDO, 2020, p. 21). Assim, o populismo se insere no interior da ordem democrática liberal, tendo no tempo presente uma nova forma pós-moderna, contraposta à do século passado e que é exclusivista e restritiva, bonapartista e de direita, que neutraliza as contradições sociais e culturais e que legitima a concentração de renda e de poder, novas hierarquias, particularismos e privilégios (AZZARÀ, 2022). Segundo Losurdo (2020, p. 18), o surgimento de novas forças sociais - que analisamos aqui como o fenômeno do populismo contemporâneo - têm dividido a sociedade, “mas não é o fascismo (...), seria errado confundir essa direita com o fascismo tradicional. E seria também perigoso, no plano político, porque corre-se o

¹⁵⁴ “Se tutto è fascismo, infatti, nulla è effettivamente più fascismo”.

¹⁵⁵ O termo retorno é utilizado entre aspas porque, de fato, essas ideias, valores e fenômenos nunca deixaram de existir, embora tenham sido politicamente contidos no período da democracia moderna.

risco de dar uma patente de antifascismo a forças reacionárias”, como muitas vezes ocorre com os partidos tradicionais que empenham guerras neocoloniais.

Assim, a luta de classes que existe hoje ocorre também no interior da classe capitalista: “se trata do encontro entre o grande capital transnacional representado pelos partidos liberais do *establishment* de um lado, e o pequeno capital nacional em perigo que encontram uma saída política na força ‘populista’ do outro” (BRANCACCIO, 2022, p. 349)¹⁵⁶. Por isso, visando distinguir os dois fenômenos, é necessário evidenciar do que o populismo contemporâneo é constituído, quais são as suas bases, a sua essência e o seu sentido. Essas questões já foram esboçadas por Trotski acerca do fascismo, e é a partir da sua análise que iremos também tentar respondê-las tendo em vista o caso brasileiro.

4.4.1 - O que é o fascismo? O que é o populismo?

Segundo Trotski (2019, p. 55), o “movimento fascista na Itália foi um movimento espontâneo de grandes massas, com novos líderes de base”. Do mesmo modo, o populismo contemporâneo é um movimento de massas, com novos líderes que se intitulam *outsiders* da política tradicional, mas que possui como meio de associação e comunicação as redes sociais digitais. Isso não significa o fim da chamada política de rua: milhares de manifestantes, apoiadores de Jair Messias Bolsonaro foram protestar, participaram de carreatas e motociatas e, até mesmo após a vitória de Lula em 2022, alguns ainda acamparam na frente do quartel general do exército no Distrito Federal, pedindo intervenção militar. Mas com o surgimento de novos meios de comunicação, a mobilização digital passa a possibilitar a comunicação direta com o líder, de maneira a verticalizar a política e potencializar as formas de idolatria dessa figura como salvadora e defensora da pátria a partir de inúmeras postagens que permitem a disseminação de imagens e vídeos que tem o intuito de pôr em movimento parcela da população em torno de um novo projeto de sociedade. A ideia de um messias, libertador do povo, fundamenta-se numa concepção imediata da realidade que:

fornece por este motivo soluções elementares e até grosseiras a problemas complexos, construindo de tempos em tempos um fácil

¹⁵⁶ “Si tratta dello scontro fra i grandi capitali transnazionali rappresentati dai partiti liberali di *establishment* da un lato, e i piccoli capitali nazionali in affanno che hanno trovato sbocco politico nelle forze ‘populiste’ dall’altro”.

bode expiatório e um inimigo externo comum a todos os estratos; um inimigo que possa encarnar um chave geral de explicação dos fenômenos e a qual possa ser imputado todo o sofrimento da sociedade (AZZARÀ, 2022, n.p.)¹⁵⁷.

O inimigo externo também possui as suas raízes no interior da comunidade desmantelando-a a partir de atitudes consideradas moralmente incorretas que caracterizam o modo de agir do não-povo. O empobrecimento econômico e cultural, junto com a ausência de memória histórica, faz com que determinados grupos sociais sejam mais facilmente determinados por “tendências particularistas e conservadoras, soberanistas e social chauvinistas” de maneira que, se líderes e partidos de esquerda voltam-se para o centro com as suas políticas neoliberais, posicionando-se mais à direita, a direita não se volta para a esquerda, na verdade, posiciona-se “sempre mais a direita com programas políticos sempre mais reacionários” (AZZARÀ, 2022, n.p.)¹⁵⁸. O capitalismo torna-se hoje a única alternativa porque não existe mais nenhuma oposição consolidada ao neoliberalismo e muito menos ao neocolonialismo: é a *esquerda ausente* da qual Domenico Losurdo (2020, p. 13) fala, distinguindo-a das “forças autenticamente comunistas que tenham presentes os ensinamentos leninistas”, mas que são minoria no tempo presente. No caso brasileiro isso fica claro quando o Partido dos Trabalhadores (PT), que possuía na sua origem uma base proletária e um líder da classe trabalhadora, não realiza a revolução proletária ao alcançar o poder com a eleição de Lula em 2002:

“O socialismo comprometido com a democracia burguesa ainda é uma forma de reprodução do sistema capitalista de poder. A revolução proletária volta-se para a emancipação coletiva dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores. Ou o PT decifra a solução correta dessa necessidade histórica na cena brasileira ou ele engrossará as fileiras dos partidos reformistas imantados à ‘reforma capitalista do capitalismo’, ao ‘capitalismo melhorado’ ou ao ‘capitalismo do bem-estar social’.” (FERNANDES, 1995, p. 252).

A esquerda petista é, portanto, também ausente, o que torna-se cada vez mais claro com as contínuas políticas de acesso ao consumo, mas com a inexistência de um programa político que vise uma real mudança no modo de produção. Ainda, em 2022, quando Lula é eleito pela 3ª vez como presidente da República, é possível perceber a

¹⁵⁷ “fornisca perciò soluzioni elementari e persino rozze a problemi complessi, costruendo di volta in volta un facile capro espiatorio e un nemico esterno comune a tutti gli strati; un nemico che possa incarnare una chiave complessiva di spiegazione dei fenomeni e al quale possa essere addossata tutta la sofferenza della società”

¹⁵⁸ “tendenze particolaristiche e conservatrici, sovraniste e socialscioviniste”; “sempre più a destra con programmi politici sempre più reazionari”.

retórica do “fascismo à porta” como “argumento propagandístico principal usado pela mídia de orientação liberal-democrático” (AZZARÀ, 2022, n.p.)¹⁵⁹. Bolsonaro não implantou um governo fascista, assim como Lula não é comunista: estamos diante de um perigo que se consolida e amplia no interior da ordem democrática, ainda que carregado de elementos regressivos e táticas desumanizantes.

Como demonstrou Trotski (2019, 92), “em todos os países em que o fascismo foi vitorioso, houve, antes do seu crescimento e vitória, uma onda de radicalismo das massas”. Apesar de Bolsonaro só ter sido eleito em 2018, que foi quando ficou mais conhecido, mesmo que já fosse da classe política desde 1988 quando se elegeu como vereador do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão, as insatisfações populares em relação a essa classe política considerada corrupta, e à precariedade da saúde e da educação datam, pelo menos, desde junho de 2013. Os protestos que começaram com o “movimento passe livre”, quando o transporte público sofreu um aumento de 20 centavos, ampliaram-se em pautas que se tornaram difusas, abrangendo até a crítica da realização da Copa no país, e ficando conhecidos por um slogan que demonstrava o poder do povo nas ruas: “o gigante acordou”.

Mas, tendo em vista que “o fascismo surge apenas quando a classe operária demonstra total incapacidade para tomar nas mãos o destino da sociedade” (TROTSKI, 2019, p. 93), as Jornadas de Junho culminaram, junto com a Operação Lava Jato, no acirramento da já polarizada relação entre PT e PSDB e, posteriormente, na ascensão da extrema direita no Brasil a partir da figura de Jair Messias Bolsonaro. Não houve uma revolução brasileira e o que apareceu sob o slogan da mudança, constitui-se muito mais como um retrocesso nas políticas e serviços públicos por meio de políticas econômicas neoliberais de privatização e redução dos investimentos públicos nos serviços sociais, bem como uma regressão democrática que revela as ainda presentes fantasias fascistóides do povo brasileiro sem a memória histórica do seu próprio passado fascista.

4.4.2 - A essência do fascismo e do populismo contemporâneo

Quando um Estado se torna fascista, isso não significa apenas que as formas e métodos de governo mudam de acordo com os padrões estabelecidos por Mussolini (...), mas significa em primeiro lugar e

¹⁵⁹ “fascismo alle porte”; “l’argomento propagandistico principale usato dai media di orientamento liberaldemocratico”.

basicamente que as organizações dos trabalhadores serão aniquiladas; que o proletariado será reduzido a um estado amorfo e que será criado um sistema de administração que penetre fundo nas massas e sirva para frustrar a cristalização independente do proletariado. Precisamente aí reside a essência do fascismo... (TROTSKI, 2019, p. 57).

De início, é importante ressaltar que o Estado brasileiro sob o governo de Bolsonaro não é um Estado fascista, ainda que tenha o objetivo de reduzir o poder da classe trabalhadora. Assim, se fascismo não é apenas uma “reação ao capitalismo”, mas possui “traços peculiares” que são “oriundos da mobilização da pequena burguesia contra o proletariado” (TROTSKI, 2019, p. 60-1), o populismo contemporâneo também não é apenas um movimento reativo ao período da democracia moderna, mas também ao fenômeno da globalização, da mundialização do capital e da sua centralização que coloca a pequena burguesia em uma posição que ameaça a sua própria existência e que por isso volta-se contra o proletariado a fim de garantir os seus privilégios e manter o seu lugar na ordem hierárquica. Portanto, o populismo contemporâneo apesar de ser um movimento de massa que carrega consigo parcelas da classe trabalhadora, tem na sua essência a neutralização do poder da mesma a partir de uma reação pequeno burguesa: é a “ilusão do populismo interclassista” (BRANCACCIO, 2022, p. 364)¹⁶⁰. Logo, é um fenômeno que de maneira complexa relaciona luta de classes, neoliberalismo, soberanismo e conservadorismo. Todavia, o governo Bolsonaro não é o marco inicial do neoliberalismo no Brasil, na verdade, ele emerge em um país cujo avanço neoliberal data pelo menos da última década do século passado:

O Estado neoliberal no Brasil, construído na década de 1990 com as reformas de base dos governos Collor, Itamar e FHC, não foi alterado em seu núcleo orgânico, pelos governos de coalizão do PT (2003-2016). (...) Pelo contrário, modernizaram o Estado político-oligárquico do capital construído pela ditadura civil-militar, preservado incólume pela Constituição de 1988 e reformado pela ótica gerencial na década neoliberal (ALVES, 2016, n.p.).

Por isso, no governo de Michel Temer é possível observar uma retomada do avanço neoliberal: a PEC 241, do Teto dos Gastos Públicos, que congela os gastos do Estado com educação, saúde, moradia etc. por 20 anos, junto com a reforma trabalhista e a terceirização, constituem “o eixo principal da contrarreforma do capitalismo brasileiro” (ALVES, 2016, n.p.). Nesse sentido, a eleição de Bolsonaro

¹⁶⁰ “illusioni del populismo interclassista”.

significa o aprofundamento do neoliberalismo no Brasil, com a reforma da previdenciária e a flexibilização e precarização do trabalho no contexto pandêmico, enfraquecendo dentro do regime legal uma série de instituições e órgãos públicos como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)¹⁶¹, todos com os seus investimentos reduzidos; além de consolidar um projeto de privatizações: TAG (Transportadora Associada de Gás), BR Distribuidora e Liquigás, ações do IRB (Instituto de Resseguros do Brasil) e Neoenergia Campos de petróleo da Petrobras Codesa (Companhia Docas do Espírito Santo) e colocar também na mira os Correios, a Eletrobras, a Casa da Moeda, a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, dentre outros¹⁶².

Ainda, o governo de Bolsonaro e a política econômica de Paulo Guedes deixam para a população brasileira um legado de redução dos seus rendimentos ao passo que é aumentada a concentração de riqueza como parte de uma tendência global. Na pandemia de Covid-19:

A fortuna dos dez homens mais ricos do mundo dobrou, ao passo que a renda de 99% da humanidade decaiu em virtude da Covid-19. (...) A desigualdade econômica torna a pandemia mais letal, mais prolongada e mais prejudicial aos meios de subsistência. A desigualdade de renda é um indicador mais assertivo para saber se você morrerá de Covid-19 do que a idade (AHMED, 2022, p. 16).

Não é coincidência que o então presidente brasileiro tenha negado os perigos do coronavírus e instaurado uma política de contaminação da população a fim de alcançar a “imunidade de rebanho”, cientificamente comprovada como insuficiente para combater a pandemia e até mesmo como causa do aumento de contaminações e mortes. Bolsonaro desqualificou autoridades da saúde, como a OMS (Organização Mundial de Saúde), demitiu ministros da saúde que defendiam o isolamento social, fez piadas sobre “gripezinha” e “virar jacaré” ao tomar a vacina, estimulou a produção de cloroquina como falso tratamento e ainda relacionou a vacina à AIDS. Como resultado, o Brasil foi o país com o segundo maior número de mortes no mundo por

¹⁶¹ Conferir:

<https://infoamazonia.org/2022/10/25/bolsonaro-cortou-orcamento-do-ibama-icmbio-e-inpe-orgaos-chave-para-combate-ao-desmatamento/>

¹⁶² Conferir:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/04/01/privatizacoes-de-bolsonaro-o-que-ficou-na-primeira-e-o-que-virou-privado.htm>

Covid, atrás apenas dos Estados Unidos. Mas quem morre? “A pandemia não é a mesma para todos: negros – pretos e pardos, de acordo com a denominação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – morrem mais do que brancos em decorrência da covid-19 no Brasil”¹⁶³. Por isso, a relação entre desigualdade e raça no Brasil não pode ser esquecida:

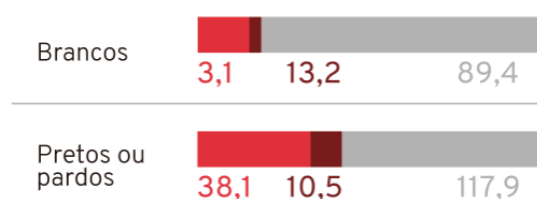
Raio-X

A última edição da Síntese de Indicadores Sociais, ampla pesquisa feita pelo IBGE, ajuda a definir melhor o perfil das pessoas pobres no Brasil. Entenda quem eram os pobres no país em 2019: a maioria é formada por mulheres, negras e de baixa escolaridade.

● Extremamente pobres (renda per capita até US\$ 1,90) ● Pobres (renda per capita até US\$ 5,50)



Por Cor ou Raça



Fonte: Gazeta do Povo¹⁶⁴

¹⁶³ Conferir:

<https://www.epsvj.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-rec-ebem-vacinas-no-brasil>

¹⁶⁴ Conferir:

<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/quem-sao-os-pobres-no-brasil-sexo-cor-instrucao/>

É fato, portanto, que o Brasil é um país extremamente desigual, de maneira que o seu passado colonial e escravista reverbera até hoje na sociedade brasileira no que diz respeito à renda, mortalidade, qualidade de vida e oportunidades. E é fato também que a situação contemporânea não tem previsão de melhora para a miséria mundial: o que temos visto é a consolidação de uma nova fase oligárquica do capitalismo, a centralização do capital e do poder, o surgimento de novas formas de extração de valor, o trabalho flexível e precário, as expulsões. De acordo com Laval (2018, n.p.), o “neoliberalismo gera rancor, conflitos, ressentimentos, e, diferentemente do que se esperaria, ao invés de essas reações negativas contra o neoliberalismo se expressarem através da esquerda, elas se expressaram através da direita e da extrema direita”. Assim, os futuros incertos de milhões de brasileiros não resultaram em uma insatisfação com consciência de classe, e o voto no candidato “cristão”, que “valoriza a família” e que “defende a pátria”, teve como consequência um retrocesso imenso: hoje, “mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau” (GUEDES, 2022, n.p.).

Por isso, “a finalidade verdadeira desta tendência é impedir o descontentamento engendrado pela crise, de se voltar contra as bases da sociedade capitalista” (LUKÁCS, 1979, p. 44). É claro que o filósofo húngaro não se referia ao neoliberalismo e sim à filosofia do imperialismo marcada pela doutrina da fatalidade de Kierkegaard e Nietzsche, mas o mesmo fim é possível de ser percebido no tempo presente. O populismo contemporâneo é capaz de mobilizar pessoas dos mais variados estratos sociais porque oculta a gênese histórica das desigualdades e a sua própria posição enquanto pequena burguesia lutando para sobreviver: “sob o peso da crise, a pequena burguesia mudou de rumo, não na direção da revolução proletária, mas em direção à mais extrema reação imperialista, trazendo atrás de si parcelas do proletariado” (TROTSKI, 2019, p. 64). Desse modo, o populismo contemporâneo produz bodes expiatórios a partir do deslocamento das questões de classe para as questões culturais e morais: o problema não são mais os capitalistas (até porque os próprios populistas fazem parte e defendem essa classe), mas sim os imigrantes, a ideologia de gênero, o comunismo ou o marxismo - e tudo isso enquanto afirmam defender o povo trabalhador! Assim, ao passo que a esquerda concentra-se na pauta identitária, é a direita populista que resgata o valor da pátria e da nação, sem contudo

visar uma real mudança no modo de produção, apenas de regime, de maneira a garantir o seu lugar entre os donos do poder.

4.4.3 - *O sentido do fascismo e do populismo contemporâneo*

O crescimento gigantesco do nacional-socialismo é a expressão de dois fatores: uma profunda crise social, desestabilizando as massas da pequena burguesia, e a carência de um partido revolucionário que seja visto pelas massas do povo como um líder revolucionário reconhecido. Se o Partido Comunista é o *partido da esperança revolucionária*, o fascismo, como movimento de massa, é o *partido do desespero contrarrevolucionário* (TROTSKI, 2019, p. 64).

Tal como o fascismo, o populismo contemporâneo é a expressão de dois fatores: uma profunda crise social advinda da centralização do capital que desestabiliza a pequena burguesia, e a ausência não só de um partido, mas de um movimento revolucionário. Uma das bases do hábito neoliberal, a ideia de que trabalhadores são, na verdade, empreendedores de si, tem como resultado o esvaziamento da forma partido como núcleo de organização. O deslocamento de capitais também influiu nesse sentido, na medida em que a organização consolidada em partidos e sindicatos nos Estados Unidos e na Europa é enfraquecida com a desindustrialização do Ocidente e a consequente produção em países cuja mão de obra é mais barata e onde os direitos e proteções trabalhistas são quase inexistentes. Nesse sentido, a fragmentação da classe trabalhadora, a carência de uma consciência de classe e a debilidade de uma oposição revolucionária ao capitalismo, fazem com que o populismo contemporâneo seja o movimento do *desespero contrarrevolucionário*, ao mesmo tempo que se mostra como a *única esperança* para mudança. Não é, portanto, o partido tradicional, mas o movimento da contrarrevolução verticalizado na figura do líder, como fica claro no caso de Bolsonaro que já passou pelos mais diversos partidos ao longo de sua carreira política: Partido Democrata Cristão (PDC), de 1988 a 1993, Partido Progressista Reformador (PPR), de 1993 a 1995, Partido Progressista Brasileiro (PPB), de 1995 a 2003, Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de 2003 a 2005, Partido da Frente Liberal (PFL), em 2005, Partido Progressista (PP), de 2005 a 2016, Partido Social Cristão (PSC), de 2016 a 2018, Partido Social Liberal (PSL), de 2018 a 2019, e Partido Liberal (PL), desde 2021.

No entanto, é necessário distinguir uma diferença central no sentido do populismo: segundo Trotsky (2019, p. 77), “a função histórica do fascismo é esmagar a

classe operária, destruir suas organizações e sufocar liberdade políticas quando os capitalistas se veem incapazes de governar e dominar com a ajuda da máquina democrata”; em contrapartida, a função histórica do populismo contemporâneo é esmagar a classe trabalhadora, enfraquecendo as suas organizações e ameaçando liberdades políticas a partir do regime democrático. Bolsonaro, por exemplo, tentou emplacar a Medida Provisória 873, que não foi votada e prescreveu, mas que tinha como objetivo alterar a Consolidação das Leis do Trabalho e proibir o desconto facultativo da contribuição sindical direito na folha salarial, que já havia deixado de ser obrigatória pela Reforma Trabalhista que ocorreu em 2017. Ainda, o governo de Bolsonaro ataca os valores básicos como a liberdade de expressão, a separação de poderes e a proteção dos direitos humanos: apesar de se declarar o defensor da liberdade de expressão no país, Bolsonaro realizou diversos ataques à jornalistas considerados da oposição, ao ordenamento institucional, tendo como foco principal o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Supremo Tribunal Eleitoral (STE), e ao direitos humanos a partir do desmonte de diversos organismos voltados para políticas públicas.

O fato é: a forma clássica do fascismo não é mais necessária hoje porque o populismo contemporâneo abre “brechas no interior da estrutura de representação democrática”¹⁶⁵ (REVELLI, 2019, p. 167). Trata-se, portanto, não de um regime totalitário, mas de um “processo de de-emancipação substancial da classe subalterna e a procura de formas alternativas, pós-modernas e mais exclusivistas, de democracia” (AZZARÀ, 2022, n.p.)¹⁶⁶. Considerando que em “uma sociedade de classes, nem o desenvolvimento econômico nem a democracia constituem um fim em si e para si”, Florestan Fernandes indica como “a democracia se equaciona, como realidade histórica viva, ao nível dos privilégios econômicos, sociais e políticos” das classes dirigentes, constituindo-se como uma “democracia restrita” (FERNANDES, 1995, p. 129). Trata-se de uma condição dos países capitalistas subdesenvolvidos (ou “atrofiados”, como diz o sociólogo brasileiro) que não realiza a revolução nacional, mas transforma, a partir da “sua contenção e esvaziamento”, o “Estado nacional em instrumento político institucionalizado” da dominação burguesa (FERNANDES, 1995, p. 126). No Brasil, portanto, é possível observar ao mesmo tempo em que se acelera o desenvolvimento econômico, a “contra-revolução pura e simples no plano político”,

¹⁶⁵ “voragini all’interno della struttura di rappresentanza democratica”.

¹⁶⁶ “processo di deemancipazione sostanziale delle classi subalterne e alla ricerca di forme alternative, postmoderne e più esclusive, di democrazia”.

isto é, a constituição de um “Estado policial-militar ultra-repressivo” (FERNANDES, 1995, p. 128).

Mas diferente da Ku Klux Klan, o populismo contemporâneo não atua de maneira secreta, nem faz um “apelo aberto à força”¹⁶⁷ como o fascismo (DU BOIS, 1926, p. 294). Mesmo com os mais diversos processos de desumanização e repressão, é importante para o líder populista manter a aparência de defensor de uma liberdade geral - que como vimos é a liberdade capitalista - tendo em vista os procedimentos democráticos, como é possível de ser observado em dois *tweets* de Bolsonaro publicados no dia 8 de janeiro de 2023:

- Ao longo do meu mandato, sempre estive dentro das quatro linhas da Constituição respeitando e defendendo as leis, a democracia, a transparência e a nossa sagrada liberdade.
- Manifestações pacíficas, na forma de lei, fazem parte da democracia. Contudo, depredações e invasões de prédios públicos como ocorridos no dia de hoje, assim como os praticados pela esquerda em 2013 e 2017, fogem à regra.

Isso não significa que o populismo contemporâneo não conviva, produza ou reforce violências: não se trata mais dos campos de extermínio, mas de uma política de tolerância zero que a partir da guerra às drogas e ao crime acaba por *punir os pobres*. De acordo com Wacquant, trata-se do surgimento do “estado penal” que difunde uma “cultura racializada de vituperação pública de criminosos endossada pelas mais altas autoridades do país e retransmitida por uma indústria cultural alimentando(-se) do medo de criminosos”¹⁶⁸. A prisão, bem como as favelas no Brasil, representam, desse modo, uma divisão não apenas econômica e social, mas também racial. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022)¹⁶⁹, o Brasil é um país extremamente violento, dispondo de 20,4% dos homicídios mundiais, sendo 77,9% das vítimas negras, e com uma letalidade policial de 2,9 a cada 100 mil habitantes, sendo 84,1% negros. Esses dados não são aleatórios e a existência de uma burguesia autocrática no Brasil explica como “a acumulação capitalista converte-se em realidade política e é garantida (...) pelo emprego sistemático do poderio policial-militar dos governos” (FERNANDES, 1995, p. 140).

¹⁶⁷ “open appeal to force”.

¹⁶⁸ “a racialized culture of public vituperation of criminals endorsed by the highest authorities in the land and relayed by a cultural feeding (off) the of felons”.

¹⁶⁹ Conferir: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>

Portanto, o fenômeno do populismo contemporâneo se constitui enquanto um fenômeno novo que expressa o movimento global que retoma uma “tendência bonapartista que ressurgiu depois do fim da Guerra Fria e depois da vitória de sistema de um liberalismo que não tem mais adversários estratégicos capazes de condicioná-lo” (AZZARÀ, 2022, n.p.)¹⁷⁰. Essa forma política bonapartista tinha como intuito a neutralização do sufrágio universal pós 1848, esvaziando “a democracia eleitoral pelo interior através da instauração de uma ligação direta e imediata entre o líder carismático e a massa que entrava na política, que foi privada, assim, de toda autonomia ideológica e organizativa” (AZZARÀ, 2022, n.p.)¹⁷¹. O populismo contemporâneo, por sua vez, significa o deslocamento à direita da política do tempo presente, ao mesmo tempo que, como fenômeno inaudito que surge enquanto o velho capitalismo ainda não morreu, possui os seus traços característicos que o constituem como um fenômeno morboso, carregado de elementos regressivos oriundos da reação pequeno burguesa e das suas manifestações fascistóides.

¹⁷⁰ “tendenza bonapartista che è riemersa dopo la fine della Guerra Fredda e dopo la vittoria di sistema di un liberalismo che non ha più avversari strategici in grado di condizionarlo”.

¹⁷¹ “la democrazia elettorale dall’interno tramite l’instaurazione di un rapporto diretto e immediato tra il leader carismatico e le masse entrate in politica, le quali venivano private, così, di ogni autonomia ideologica e organizzativa”.

5. POPULISMO DIGITAL: APARÊNCIA E ESSÊNCIA DA POLÍTICA DO TEMPO PRESENTE

“A natureza ama esconder-se”

(HERÁCLITO, 123DK)¹⁷²

A passagem para o século XXI marca um período de profundas transformações na economia, na política e na cultura. São muitos os fenômenos que constituem essa mudança: a aceleração social, o deslocamento de capitais, a globalização, o neoliberalismo, os novos meios de comunicação, o trabalho flexível, as expulsões, os novos grupos identitários. Configura-se um novo momento na história do capitalismo e por isso, mesmo sendo o mesmo, o capitalismo hoje aparece de maneira diferente: são novas capacidades exploratórias, novas formas de dominação e novas ameaças à democracia. O populismo contemporâneo é, desse modo, uma manifestação específica do movimento do real; não é a causa da política do tempo presente, mas uma de suas determinações; não está na gênese da exploração, mas representa uma reação da pequena e média burguesia frente a essa tendência capitalista; é, na sua essência, o desdobramento de uma luta de classes que acontece também no interior da própria classe capitalista que vem se transformando, centralizando capital e poder. Mas como fenômeno social ele não poderia ser estático: o populismo contemporâneo também produz mudanças na forma política, não apenas pela formação da opinião nas redes sociais digitais, que viabilizam uma qualificação da técnica de propaganda populista (fortemente influenciada por aquela fascista), mas também pelo desvelamento daquilo que é a sua essência, ou seja, o caráter reacionário e burguês da democracia.

A relação entre forma e conteúdo, aparência e essência não deve ser compreendida de maneira dicotômica, mas dialética. De fato, a aparência não coincide na sua plenitude com a essência, ela não é capaz de esgotar o fenômeno: ao mesmo tempo que revela, oculta, mas de maneira que “os problemas da forma remetem sempre, inexoravelmente, aos problemas do conteúdo” (KONDER, 1991, p. 46). Isso significa que “não só a essência [*Wesen*], mas também a aparência [*Schein*] é objetiva” (LENIN, 2011, p. 106). Em Kant, a objetividade é determinada pelo entendimento, sendo que o *noúmeno*, a coisa em si, é distinguida do fenômeno, a coisa tal como ela aparece para nós: “verdade ou ilusão não estão no objeto, enquanto é intuído, mas no juízo sobre ele, enquanto é pensado” (KANT, 2000, p. 229). Reformulando o conceito

¹⁷² “φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ”.

de dialética até então visto como arte retórica ou como ilusão lógica inevitável, Hegel (2017, p. 37) demonstra como a “aparência não é um externo, um outro com respeito à essência, mas sua aparência própria”. Essa relação entre aparência e essência é construída de maneira dialética porque é a contradição que movimenta o pensamento e a realidade. Não se trata, contudo, de uma contradição lógica em que uma coisa ou é ou não é sob o mesmo aspecto, mas de uma contradição real objetiva do constante devir do ser ao nada e do resultado desse movimento. Segundo Hegel (2017, p. 41):

os momentos da aparência são (...) os momentos da própria essência: não está presente uma aparência do ser na essência ou uma aparência da essência no ser; a aparência dentro da essência não é a aparência de um outro, mas é a aparência em si, a aparência da própria essência.

Em outras palavras, “a aparência é a essência em *uma* das suas determinações, em *um* de seus aspectos, em *um* de seus momentos. A aparência é o aparecer da própria essência nela mesma” (LENIN, 2011, p. 126). Por isso é relevante tanto analisar o populismo contemporâneo como ele mesmo se apresenta na política, quanto analisá-lo como a manifestação própria da essência da política do tempo presente em um determinado momento do desenvolvimento capitalista. No primeiro sentido, consideramos que “tudo o que é social aparece sensivelmente, portanto esteticamente” (CARNEVALI, 2012, p. 115)¹⁷³ e por isso, a análise da estética social inclui revelar a partir dos estilos de vida, hábitos, representações, linguagem e manifestações públicas aquilo que por essa mesma aparência é ocultado. De acordo com a filósofa italiana Barbara Carnevali (2012, p. 116)¹⁷⁴, a estética social inclui 1) o “dispositivo retórico”, a forma e o conteúdo do discurso, 2) a “intervenção cosmética”, aquilo que uma pessoa visa revelar e ocultar e 3) a “preocupação com a cortesia”, a boa ou má maneira nas formas de interação e nas regras de comportamento.

Os valores, as aspirações e os projetos que os líderes populistas manifestam publicamente por meio da produção de discursos e imagens é capaz de revelar o núcleo antiemancipatório que eles querem ocultar. O uso estratégico da comunicação digital pelo populismo contemporâneo, mesmo que caracterize uma nova forma de comunicação política que altera a constituição da esfera pública, não deixa de expressar o movimento que se realiza no interior da classe capitalista. Isso significa que pela aparência do fenômeno é possível compreender não só a sua essência

¹⁷³ “Tutto ciò che è sociale appare sensibilmente, dunque esteticamente”.

¹⁷⁴ “accorgimento retorico”; “intervento cosmetico”; “preoccupazione di cortesia”.

enquanto mentalidade específica, mas também apontar para uma essência que é própria da política do tempo presente, visto que as modificações que o fenômeno do populismo digital causa nas democracias contemporâneas são, na verdade, uma mudança na “figura externa da democracia de uma forma visível”¹⁷⁵ (URBINATI, 2014, p. 6) porque não altera o seu conteúdo, mas revela como “qualquer governo em uma sociedade capitalista é dependente do capital” (PRZEWORSKI, 1989, p. 60).

5.1 - A PROPAGANDA POPULISTA E A POLÍTICA DIGITAL

- "Não tenhas medo, porque eu estou contigo" Isaías 41:10
- A força de vontade dos que querem destruir a liberdade é grande, mas jamais será maior do que a determinação e a coragem daqueles que estão dispostos a protegê-la de todo o mal!
- Bom dia a todos!

(Jair Bolsonaro, *tweet* de 21 de outubro de 2022)

Apesar dos primeiros escritos que adotaram a noção de indivíduo como personalidade datarem apenas do século VI com Boécio, o conceito de indivíduo como algo concreto aparece, pelo menos, desde a concepção atomista de Demócrito (ADORNO; HORKHEIMER, 1969). A ideia do humano como um ser social também é antiga: segundo Aristóteles, o homem é um animal político e é nesse sentido que a “política não passa da realização de si, uma vez que o ‘si’ é relação com o outro” (WOLFF, 1999, p. 14). Desse modo, o indivíduo aparece socialmente mediado, de maneira que “só surge nessa relação de uma autoconsciência com outra” (ADORNO; HORKHEIMER, 1969, p. 54)¹⁷⁶, inserindo-se na totalidade social a partir de instâncias intermediárias como os grupos. O grupo, seja ele primário ou secundário, aberto ou fechado, organizado ou não, oferece ao indivíduo um senso de identificação e de pertencimento e, por isso, com o desenvolvimento das sociedades capitalistas, baseadas no “laço frio do interesse” e “nas águas geladas do cálculo egoísta” (MARX; ENGELS, 2010, p. 42), também é possível observar o surgimento de sempre novos movimentos sociais que reivindicam a comunidade como ordem orgânica e harmônica a ser restaurada - como foi o caso do fascismo e é o do populismo contemporâneo.

De acordo com o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (2009, p. 5), as relações que se constituíram nas sociedades pré-capitalistas fundamentavam-se em uma forma

¹⁷⁵ “external figure of democracy in a way that is visible”.

¹⁷⁶ “só surge en esa relación de una autoconciencia con otra”.

específica de associação que pode ser determinada como comunidade (*Gemeinschaft*), cuja base era uma “vida orgânica e real”¹⁷⁷, enquanto a sociedade (*Gesellschaft*), um fenômeno social recente, consolida-se sobre uma “estrutura imaginária e mecânica”¹⁷⁸. Essa distinção das formações sociais aparece de uma forma específica na mentalidade populista na medida em que considera que o povo constitui uma comunidade orgânica e homogênea, ao passo que a sociedade é vista como uma imposição artificial, porém maléfica, porque vai contra a ordem e degenera as tradições populares. O fato é que a união do povo na comunidade, mesmo que ilusoriamente harmônica, não deixa de ser diferenciada nas suas funções: a “natureza impõe hierarquias de poder e dominação” (STANLEY, 2020, p. 85) que estão sendo profundamente ameaçadas por agentes patogênicos - não se trata apenas da elite política e econômica, complementamente corrupta e formadora do *establishment*, mas também de uma elite cultural degenerada que se opõe aos valores cristãos e ao bom senso com a ideologia de gênero, o marxismo e a exaltação das minorias.

O aumento das desigualdades, a perda de privilégios, bem como o fenômeno das expulsões (SASSEN, 2014), propiciam manifestações emotivas como a raiva, o ódio e a indignação em direção a bodes expiatórios, uma vez que as reais causas da centralização de capital e poder são constantemente deformadas e ocultadas. Tal como no fascismo, a propaganda populista “ataca fantasmas [*bogies*], e não oponentes reais” (ADORNO, 2015, p. 143), e apesar das diferenças elementares entre o fascismo e o populismo contemporâneo, não é possível negar que “os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram” e configuram um potencial *radical* aos novos movimentos de direita (ADORNO, 2020, p. 45). A propaganda é, desse modo, um elemento constitutivo de ambas formas políticas, fascismo e populismo, justamente pela influência de seus métodos e táticas - segundo Adorno (2020, p. 55), “nesses movimentos de direita radical, a propaganda constitui (...) a substância da política”. Combinada com o velamento da realidade social de maneira a tornar a sua finalidade abstrusa, a propaganda fascista “nivela a diferença (...) inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos” (ADORNO, 2020, p. 54) de maneira que os interesses econômicos e políticos da pequena e média burguesia são ocultados pela crítica moral e cultural característica da mentalidade populista contemporânea.

¹⁷⁷ “vida orgánica y real”.

¹⁷⁸ “estructura imaginaria y mecánica”.

Os slogans da liberdade e da democracia são deformadamente utilizados ao passo que os discursos políticos são feitos para inflamar as massas a partir de um “sentimento de catástrofe social” (ADORNO, 2020): frente a um ordenamento degenerado e à beira do colapso, a figura do líder emerge dando voz a todo um descontentamento, bem como dota de sentido e significado não só o passado, mas a ação presente rumo à transformação do futuro pela restauração da sociedade a partir dos valores populistas. O medo, “comandante supremo de todas as emoções”¹⁷⁹ (ILLOUZ, 2022, n.p.), torna-se uma útil ferramenta política de dominação, sendo “criado e sustentado por líderes políticos ou ativistas que querem ganhar algo, ou porque o medo os ajuda a conquistar um específico objetivo político, ou porque reflete ou suporta suas crenças morais e políticas.” (ROBIN, 2004, p. 16)¹⁸⁰. A propaganda visa alcançar e afetar os aspectos psicológicos dos sujeitos, sobretudo as suas emoções e sentimentos, de maneira que a linguagem populista, mesmo que formada pelo *logos* - visto que os discursos políticos e as manifestações estéticas são estrategicamente formuladas -, visa debilitá-lo. Para aqueles que escutam (ou leem), o discurso populista possui um efeito muito mais emotivo do que racional - no seu sentido reflexivo e crítico - porque é o seu objetivo velar e negar a totalidade dos fenômenos sociais, vistos como caóticos e fragmentados, ao mesmo tempo que enfatiza uma forma imediata de sentir a realidade social. Isso evidencia que o fenômeno do populismo contemporâneo possui a sua base objetiva, a sua gênese histórica e o seu fundamento econômico, ao mesmo tempo que os seus mecanismos subjetivos. Segundo Adorno (2015, p. 186),

Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas.

No aspecto subjetivo, portanto, o mesmo acontece com a mentalidade populista: uma estrutura afetiva típica comove e movimenta a imaginação popular a partir de quatro emoções centrais, o medo, a repugnância, o ressentimento e o amor, que permanecem dentro de uma visão de mundo dicotômica em que são contrapostos amigos e inimigos, bons e maus, justos e injustos, pessoas e não pessoas (ILLOUZ,

¹⁷⁹ “commandant en chef de toutes les émotions”; (Capítulo 1 - La peur et la démocratie sécuritariste, p. 26 do arquivo digital).

¹⁸⁰ “created and sustained by political leaders or activists who stand to gain something from it, either because fear helps them pursue a specific political goal, or because it reflects or lends support to their moral and political beliefs”.

2022). Essa identificação e distinção dos sujeitos e das forças sociais que são consideradas ameaças e perigos para a pátria tende, no populismo contemporâneo, a produzir permanentes desumanizações dos adversários políticos e de qualquer pessoa ou grupo que faça alguma objeção ao líder ou a sua moralidade. A essência subserviente das massas em relação ao líder, isto é, a “submissão cega a suas ordens, impossibilidade de discutir seus dogmas, desejo de difundi-los, tendência a considerar inimigos todos os que se recusam a admiti-los” (LE BON, 2018, p. 7), viabiliza, a partir da repetição de que existem perigos catastróficos para a nação advindos de agentes patogênicos que se encontram tanto no exterior quanto no interior da sociedade, o estabelecimento de diferenças intransponíveis entre o povo e o não-povo e

apresenta hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do status dominante. Esse sentimento de perda, que é genuíno, é manipulado na política fascista, transformado em vitimização e ressentimento e explorado para justificar formas de opressão passadas, atuais ou novas (STANLEY, 2020, p. 102).

Desse modo, a ideia de direitos humanos é transformada em uma “antítese da segurança”¹⁸¹ (ILLOUZ, 2022, n.p.). Já em 1967, quando profere a conferência na Universidade de Viena, Adorno (2020, p. 57) percebe a existência de um *novo radicalismo de direita* e que com esse movimento “não se deve operar com apelos éticos, com apelos à humanidade”: são visões de mundo, concepções de família e moralidades distintas, de modo que a defesa dos direitos humanos, longe de produzir uma comoção, é mais frequentemente traduzida pela indignação, uma vez que associada à fraqueza e até mesmo à corrupção. A personificação da política na figura do líder como homem forte possibilita, com auxílio da política do medo, a justificação do uso da violência e a neutralização de princípios morais ao passo em que estimula a manifestação sem limites - e até mesmo em nome da liberdade de expressão - de pulsões agressivas e comportamentos políticos carregados de elementos regressivos: a exclusão, os particularismos, a violência.

A manipulação da linguagem também constitui a “prática discriminatória e racista”: a justificação da inferioridade de certos grupos ou pessoas tem como consequências “a discriminação, a subordinação, a segregação” e até mesmo “a

¹⁸¹ “antithèse de la ‘sécurité’” (Capítulo 1 - La peur et la démocratie sécuritariste, p. 27 do arquivo digital).

perseguição, o extermínio” (RIVERA, 2003, p. 12)¹⁸². A estigmatização que ocorre de moradores das favelas brasileiras, por exemplo, serve para legitimar as violências produzidas nesses espaços, frequentemente, pelas próprias forças da ordem do Estado penal - na concepção de segurança populista o uso de violência contra aqueles considerados criminosos e inimigos não é um problema: as operações militares com mortes são frequentemente consideradas de sucesso na medida em que são capazes de eliminar o inimigo ou neutralizar a ameaça, ainda que essa seja uma pessoa que estava dentro da sua própria casa¹⁸³. A violência produzida por essas operações no Brasil é imensa: só no Rio de Janeiro, 103 crianças foram baleadas num período de 5 anos, a sua maioria em confrontos entre traficantes e policiais militares (que delimitam a sua atuação dentro da própria lei)¹⁸⁴. E apesar de toda brutalidade, a lógica racista é fortalecida no curso dos últimos anos e ocultada pelo valor da segurança, ao mesmo tempo em que as forças de esquerda são colocadas como manipulatórias e traidoras do povo. Como disse Bolsonaro em um *tweet* do dia 25 de maio de 2022:

- A esquerda não quer que você se dê conta da realidade do narcotráfico no Brasil. Demonizam policiais e suavizam criminosos como se fossem vítimas e não bandidos cruéis fortemente armados, que desprezam as leis, oprimem, extorquem, ameaçam e matam qualquer um sem o menor receio.

A questão da segurança é demasiada complexa: a existência de um sistema jurídico que determina aquilo que é legal ou não, ao mesmo tempo que estabelece penas para delitos cometidos faz parte do processo civilizatório e frequentemente significou profundos avanços para a humanidade; mas também permitiu e operou diversos processos de brutalização e desumanização. Tendo em vista que a linguagem é um elemento central tanto nesse ordenamento jurídico quanto na capacidade individual e coletiva de pensar e entender a própria realidade, o surgimento das novas redes sociais digitais potencializa a capacidade manipulatória das palavras e das imagens e aprimora a propaganda populista otimizando o seu alcance, ao mesmo tempo em que colhe cada vez mais profundamente impressões, sentimentos,

¹⁸² “costruzione dell’ideologia, del discorso”; “pratiche discriminatorie e razzista”; “la discriminazione, la subordinazione, la segregazione”; “la persecuzione, lo sterminio”.

¹⁸³ Conferir:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/bolsonaro-elogia-operacao-policial-que-deixou-22-mortos-na-vila-cruzeiro-rj.shtml>

¹⁸⁴ Conferir:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/em-5-anos-103-criancas-foram-baleadas-e-30-morreram-vitimas-da-violencia-no-rio/>

concepções e valores dos milhares de navegadores digitais de qualquer espectro político que interagem, publicam e reagem às manifestações dos mais diversos atores políticos e culturais.

Um dos elementos que constitui a atual forma de comunicação que é desenvolvida com os novos meios digitais é a *desmediatização*, isto é, a produção, o envio e o recebimento de informação sem nenhuma mediação (HAN, 2018). A direita, e sobretudo o populismo contemporâneo, constituem-se como pioneiros no uso das redes sociais digitais de maneira a possibilitar não apenas a rápida ascensão de novos atores políticos, mas também a constituição de um novo tipo de comunicação direta entre o líder e a massa. São duas as consequências desse processo: a primeira é a reivindicação da direita como uma única força social capaz de permitir ao povo o acesso direto à verdade, considerada como indiscutível, visível e facilmente atingida pelo bom senso; e a segunda é a “pressão para o conformismo” e a “uniformização da comunicação” (HAN, 2018, p. 40). Para o filósofo italiano Paolo Ercolani (2018, n.p.), a antropologia contemporânea, permeada e modificada pelas inovações tecnológicas, acaba por difundir uma idiotice generalizada, e assim, a etimologia do termo idiota deve ser evidenciada: com origem grega, “significa literalmente ‘pessoa sem cargo público’, sem instrução e socialmente isolada da ‘polis’ porque despida daquela faculdade que permite uma relação profícua e dialógica com o mundo externo”¹⁸⁵.

É válido considerar que o conceito de cidadão era bem limitado na Grécia antiga e que a sua democracia era, de fato, direta, bem diferente do caso das democracias capitalistas contemporâneas. Todavia, a constituição da “esfera pública enquanto mundo comum” (ARENDT, 2007, p. 62) tem sido debilitada com a consolidação de uma liberdade negativa sem limites. A existência em um mundo com recursos e bens escassos é um dos grandes desafios da humanidade e a constituição do Estado faz parte do processo de estabelecer uma condição de igualdade dentro da sociedade - uma igualdade de classes, e não cultural ou absoluta. Nesse sentido, o processo de privatização dos riscos que são produzidos socialmente pelas grandes corporações multinacionais, bem como a responsabilização completa ou quase total da própria vida, enfraquece a constituição de uma esfera política no seu sentido coletivo.

¹⁸⁵ “significa letteralmente “persona priva di cariche pubbliche”, senza istruzione e socialmente isolata dalla “polis” poich  spogliata di quelle facolt  che consentono una relazione proficua e dialogica con il mondo esterno”.

A comunicação midiática e digital constitui, desse modo, um ponto fundamental de diferença da propaganda fascista e populista. Apesar de ambos os fenômenos se constituírem enquanto um movimento de massas, e por isso apresentarem características semelhantes, como as que destaca Freud (2011, p. 25-6):

a massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza.

O fascismo é caracterizado por uma “pobreza informativa”¹⁸⁶ - como foi possível de ser observado de modo mais explícito na grande queima de livros que ocorreu na Alemanha nazista em maio de 1933 - enquanto que o populismo contemporâneo situa-se na era da “opulência informativa”¹⁸⁷ (ERCOLANI, 2013). Segundo Victor Klemperer (2009, p. 51), “tudo o que se dizia e se imprimia na Alemanha seguia as normas oficiais do partido. O que se desviasse dos modelos não chegava ao público”, constituindo, por sua vez, uma “uniformidade absoluta da linguagem escrita” e da fala. Já o novo “desenho coercitivo do poder”¹⁸⁸, mesmo que também produza uma uniformização, se caracteriza por uma forma de impedir a visão do todo, não tanto pela censura, mas pelo excesso de notícias, pelo bombardeamento constante de palavras, imagens e vídeos, podendo transformar a mente daqueles para quem a propaganda é voltada (ERCOLANI, 2013). Segundo Le Bon (2018, p. 69), a imagem é um elemento central para compreender como a explicação a-histórica dos fenômenos sociais afeta as massas:

Tudo o que afeta a imaginação das multidões apresenta-se sob a forma de uma imagem comovente e clara, desprovida de interpretação acessória ou não tendo outro acompanhamento senão alguns fatos admiráveis: uma grande vitória, um grande milagre, um grande crime, uma grande esperança. É importante apresentar as coisas em bloco, sem jamais indicar sua gênese.

Mas é fato que o meio digital fornece um novo potencial à imagem que tem como consequência a atrofiação da “elaboração cognitiva”¹⁸⁹, faculdade fundamental para compreender a realidade social para além do olhar imediato (ERCOLANI, 2013).

¹⁸⁶ “indigenza informativa”.

¹⁸⁷ “opulenza informativa”.

¹⁸⁸ “disegno coercitivo del potere”.

¹⁸⁹ “elaborazione cognitiva”.

De acordo com Ercolani (2013, n.p.), o poder tem sofrido uma metamorfose e por mais que o filósofo se refira às transformações do capitalismo vitorioso da guerra fria e da globalização, na distinção do fascismo e do populismo contemporâneo também é possível observar a passagem “do Poder que esconde, censura, manipula ou restringe o fluxo de informação (ou desinformação), àquele que ama esconder-se, transfigurar o próprio mecanismo de funcionamento e influência, mascarar o lugar do próprio habitar e operar”¹⁹⁰. A necessidade do colapso da democracia para que o fascismo possa operar é contraposta ao populismo contemporâneo que governa no interior dessa mesma democracia como meio de obtenção de poder. Ainda que o populismo provoque transformações nas democracias representativas - e ainda que em muitas situações se transformem em governos realmente totalitários, como é o caso da Hungria de Orbán -, a reivindicação populista de verdadeiros defensores da democracia visa promover uma concepção mais restrita e exclusivista do que àquela do *Welfare State keynesiano*. Essa conformação dos novos movimentos de direita à legalidade, mesmo que nas suas brechas, altera os “modos de comportamento” e, dessa maneira, “desaparece o que é abertamente antidemocrático. Pelo contrário: evocam sempre a verdadeira democracia e acusam os outros de antidemocráticos” (ADORNO, 2020, p. 64).

O declínio da propaganda a partir da produção e divulgação pelos meios tradicionais de comunicação, como os jornais, o rádio e até mesmo a televisão, se alastra ao mesmo tempo em que ocorre a ascensão “da rede como ambiente dominante da comunicação política” (DAL LAGO, 2017, p. 13)¹⁹¹ e da formação de opinião. Isso não significa nem que os antigos meios de comunicação deixam de existir (há ainda quem lê o jornal, escuta o rádio e se informa pela televisão) e nem que os fenômenos de massa sejam impossibilitados: “milhares de indivíduos separados podem em um dado momento, sob a influência de certas emoções violentas, um grande acontecimento nacional, por exemplo, adquirir as características de uma multidão psicológica” (LE BON, 2018, p. 30), visto que a unidade da massa se configura a partir dos laços afetivos que se constituem entre os indivíduos e desses com o líder. Para Tönnies, a unidade e coesão da comunidade são mantidas pelas relações diretas entre pais e filhos, marido e mulher, irmãos e irmãs, “de maneira que a ideia de

¹⁹⁰ “dal Potere che nasconde, censura, manipola o coarta il flusso delle informazioni (o disinformazioni), a quello che ama nascondersi, transfigurare i propri meccanismi di funzionamento e influenza, mascherare i luoghi del proprio abitare e operare.”

¹⁹¹ “della rete come ambiente dominante della comunicazione politica”.

comunidade (...) se encontra representada de maneira altamente adequada na paternidade e no patriarcado” (TÖNNIES, 2009, p. 11)¹⁹². A figura do líder é fundamental para compreender o populismo contemporâneo na medida em que se constitui como a figura de autoridade nessa mentalidade específica. Tal como o pai da família, o líder da nação tem a obrigação de prover os seus dependentes ao mesmo tempo que impõe uma ordem hierarquicamente organizada. Segundo Tönnies (2009), na comunidade, são os laços afetivos familiares que ligam um indivíduo a outro, enquanto que, de acordo com Freud (2011, p. 45), são os “laços de sentimento” que constituem “a essência da alma coletiva”, isto é, a ligação afetiva dos indivíduos da massa entre si e com o líder. Em ambos os casos, o que existe é um contágio de sentimentos capaz de criar uma estrutura que designa tanto “uma experiência social partilhada por membros de um mesmo grupo social” (ILLOUZ, 2022, n.p.)¹⁹³, quanto a capacidade de dar forma e conduzir as emoções, dirigindo, por meio da linguagem, os modos de ver e sentir o mundo.

É assim que os estudos sobre a massa vão adquirir relevância enquanto um fenômeno que surge com a modernidade, frequentemente percebida como um mundo que se desintegra numa multiplicidade caótica de acontecimentos. O sentimento moderno é o da desorientação porque a passagem do mundo rural para as grandes cidades consolida o surgimento de novos empregos e de uma nova forma de vida que aparece cada vez mais sem sentido à medida que o seu propósito é perdido com o aumento da alienação da vida humana pelo trabalho que deforma. Em *Júlia ou a Nova Heloísa* é possível perceber o sentimento de desorientação que a turbulência da vida moderna causa a partir de uma carta de Saint-Preux à Júlia:

eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar (ROUSSEAU *apud* BERMAN, 1986, p. 18).

Por mais que a massa seja composta por “homens que não se conhecem, ou que se conhecem apenas superficialmente” (ADORNO; HORKHEIMER, 1969, p. 76-7), ela é capaz justamente de reativar nos indivíduos o senso de identificação e

¹⁹² “De manera que la idea de autoridad (...) se encuentra representada de manera altamente adecuada en la paternidad y en el patriarcado”.

¹⁹³ “une expérience sociale partagée par les membres d’un même groupe social” (Introduction, p. 12 do arquivo digital).

pertencimento, isto é, de fazer com que eles saibam quem são, qual o seu lugar, a sua finalidade. De acordo com Freud (2011, p. 14), esse mecanismo de identificação é essencial na própria constituição da sociedade: “o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário”. Esse senso de identificação, no populismo contemporâneo, é criado por meio da comunicação digital direta entre o líder e a massa nas redes sociais, isto é, sem a mediação de qualquer outra pessoa ou órgão, como os jornalistas que selecionam e filtram as informações divulgadas. O líder populista pode, a partir das suas palavras, do seu discurso e da sua aparência social, transformar a angústia, o mal-estar generalizado que atinge os sujeitos contemporâneos, em medo, ou seja, identificando e delimitando a ameaça e o inimigo, mesmo que ele seja falso. Além de produzir explicações deformadas sobre a realidade, em acordo com a propaganda fascista, líderes populistas também desenvolvem uma “propaganda *personalizada*, essencialmente não objetiva” (ADORNO, 2015, p. 138) que, não só idealizam o líder como homem forte, uma espécie de *lobo solitário* no meio político contra *tudo que está aí*, como glorificam uma ideia de renascimento que justifica qualquer meio para alcance dessa reconstrução nacional.

Ainda, a partir da exposição da vida individual (fotos do passado, com a família, em atividades de lazer) e da sua rotina enquanto ator político, o líder populista consegue, em redes como o Instagram e o Twitter, afirmar os seus valores e a sua visão de mundo através de atitudes e posicionamentos facilmente acessados. Devido à importância da ideia de povo tanto no fascismo quanto no populismo, Adorno (2015, p. 171) mostra que “embora apareça como super-homem, o líder precisa, ao mesmo tempo, operar o milagre de aparecer como uma pessoa mediana, tal como Hitler posava como uma união de King Kong e barbeiro suburbano”. Nesse sentido, Bolsonaro é tanto líder da nação, homem forte capaz de conduzir o povo rumo ao progresso e abrir o *caminho da prosperidade*, quanto homem comum, nascido do povo e que permanece próximo a ele mesmo pertencendo à classe política e mesmo atingindo a sua superioridade enquanto *capitão*. Nas imagens abaixo é possível perceber a manifestação estética de Bolsonaro nesses dois aspectos que constituem a relação do líder com a massa:



Fonte: Instagram @jairmessiasbolsonaro, publicação de 3 de outubro de 2022



Fonte: Instagram @jairmessiasbolsonaro, publicação de 23 de junho de 2022

O uso estratégico de fotografias potencializa a capacidade dos líderes em “criar a fê, quer se trate de fê religiosa, política ou social, de fê numa obra, numa ideia” (LE BON, 2018, p. 113) e complementa o poder das palavras em produzir um “contágio mental” e uma “sugestionabilidade” de sentimentos (LE BON, 2018, p. 35). A velocidade, “função espaço-temporal típica da rede”¹⁹⁴ (DAL LAGO, 2017, p. 62) no contexto da aceleração social modifica não só a identidade social dos sujeitos, acelerando o fluxo de emoções e sentimentos, como também interfere na própria realidade. Apesar disso, a rede “produz uma ilusão de independência a qual corresponde uma sujeição inconsciente” (DAL LAGO, 2017, p. 17)¹⁹⁵. A estrutura da internet não é livre, mas condicionada por padrões que são inseridos no seu desenvolvimento, uma vez que a criação dos modelos inclui a decisão do que é ou não importante: “os pontos cegos de um modelo refletem os julgamentos e prioridades dos

¹⁹⁴ “funzione spazio-temporale tipica della rete”.

¹⁹⁵ “la rete produce un’illusione di indipendenza a cui corrisponde una soggezione inconsapevole”.

seus criadores”¹⁹⁶ (O’NEIL, 2016, p. 21). Mas não são apenas os algoritmos das redes sociais digitais, como o Google, Facebook, Instagram, Twitter e Tik Tok que são determinados pelas variáveis selecionadas, mas também sistemas que Cathy O’Neil (2016) denomina como “armas matemáticas de destruição”¹⁹⁷ e que possuem a característica nefasta de “punir os pobres”¹⁹⁸. Segundo a matemática estadunidense, “muitos desses modelos codificaram prejuízo humano, mal-entendidos, e tendências nos sistemas de software que de modo crescente gerenciou nossas vidas”¹⁹⁹ (O’NEIL, 2016, p. 3) - são programas que podem definir com base em critérios opacos, frequentemente obstruídos, quem pode ser uma “má contratação, um devedor de risco, um terrorista, ou um professor miserável”²⁰⁰ (O’NEIL, 2016, p. 10).

O impacto do desenvolvimento técnico pelas redes sociais, na internet, também produz a falsa sensação de que a partir de posicionamentos constantes sobre questões sociais consideradas relevantes é possível ser um cidadão ativo. Contudo, a condução da vida pública pela “opinião digital” (DAL LAGO, 2017)²⁰¹, por vezes, demonstra-se não formadora, mas deformadora. Em suma, de acordo com Dal Lago (2017, p. 19), são duas as ilusões: a “de ser livre na rede” e a de “decidir na rede”²⁰². Apesar de todo tipo de informação estar disponível na internet, quando a utilizamos, padrões e regras de associação são estabelecidos de modo a surgirem espaços de conteúdo e valores delimitados no qual navegamos: “no aquário digital (...) um sujeito pode acreditar mover-se livremente e de modo criativo, ignorando que o seu espaço de movimento é possibilitado e controlado pelos padrões da *Web*”²⁰³ (DAL LAGO, 2017, p. 19). Considerada como um espaço no qual as mais diversas opiniões e personalidades conviveriam mutuamente, a internet se demonstra um não lugar no qual são produzidos círculos cada vez mais segregados e em que o contato com o outro é radicalmente modificado: ao selecionarmos aqueles que seguimos ou aceitamos como amigos, os sites que acessamos ou não, a tendência é a interação em um ambiente cujas visões de mundo são semelhantes; ao mesmo tempo, os grupos de

¹⁹⁶ “A model’s blind spots reflect the judgments and priorities of its creators”.

¹⁹⁷ “weapons of math destruction”.

¹⁹⁸ “punish the poor”.

¹⁹⁹ “many of these models encoded human prejudice, misunderstanding, and bias into the softwares systems that increasingly managed our lives”.

²⁰⁰ “bad hire, a risk borrower, a terrorist, or a miserable teacher”.

²⁰¹ “opinione digitale”.

²⁰² “di *essere liberi* in rete”; “di *decidere* in rete”.

²⁰³ “Nell’acquario digitale (...) un soggetto può credere di muoversi liberamente e in modo creativo, ignorando che il suo spazio di movimento è reso possibile e controllabile dai padroni del Web”.

identificação cultural são multiplicados e relacionados, muitas vezes, de maneira independente.

Mesmo no funcionamento das redes sociais essa tendência de interação permanece: “as publicações que aparecem primeiro no Feed são influenciadas pelas suas conexões e atividade no Facebook”²⁰⁴, ou seja, são importantes as postagens que cada pessoa tem mais chance de engajar, curtir, compartilhar e comentar. O Facebook é capaz de desenvolver um sistema que busca prever os gostos de milhares de indivíduos, e não é tão claro assim como esse sistema funciona. No Twitter, acontece o mesmo: “a página inicial veicula Tweets de contas e tópicos que você segue, além de Tweets recomendados”, nesse caso, “quando identificamos um Tweet, uma conta para seguir ou outro conteúdo que seja popular ou relevante, podemos adicioná-lo à sua timeline”²⁰⁵. No caso do Google, é possível encontrar no *Guia detalhado sobre como a Pesquisa Google funciona* a seguinte afirmação:

Quando um usuário faz uma consulta, nossas máquinas pesquisam o índice de páginas correspondentes e retornam os resultados com maior qualidade e mais relevantes para a consulta dele. A relevância é determinada por centenas de fatores, que podem incluir informações como a localização, o idioma e o dispositivo do usuário (computador ou smartphone)²⁰⁶.

Em grande parte dos casos, encontramos palavras como *importante* ou *relevante* para definir os critérios de seleção de informações ou exibição de conteúdos. Mas essas palavras em si não definem nada e a resposta muitas vezes aparece apenas como uma multiplicidade de variantes. De fato são: a quantidade de dados acessados e codificados de cada pessoa que utiliza a internet é imenso, mas esses dados não são apenas números, eles são capazes de colher inclinações, emoções, tendências de comportamento, opiniões, valores e visões de mundo. E a internet não é um espaço ausente da dominação capitalista: são inúmeras pessoas produzindo e acessando, mas também são empresas mediando os ambientes de comunicação e de pesquisa. Além disso, a tendência de produzir espaços de interação e informação também se mostra como um terreno fértil para a proliferação de elementos regressivos da humanidade: a linguagem que desumaniza, as discriminações sistemáticas, os revisionismos

²⁰⁴ Conferir: <https://www.facebook.com/help/327131014036297>.

²⁰⁵ Conferir: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/twitter-timeline>

²⁰⁶ Conferir: <https://developers.google.com/search/docs/fundamentals/how-search-works?hl=pt-br#:~:text=A%20Pesquisa%20Google%20é%20um,serem%20adicionadas%20ao%20nosso%20índice>.

históricos, a organização de movimentos reacionários, os perigos reais à segurança e à privacidade.

A mídia digital, justamente pela sua velocidade, possibilita uma “descarga de afetos instantânea” (HAN, 2018, p. 15), como os *shitstorms*, ou tempestades de indignação, e mais recentemente, os cancelamentos. “As ondas de indignação são eficientes em mobilizar e compactar a atenção” (HAN, 2018, p. 21), assim como os cancelamentos; no entanto, ao invés da construção de uma consciência de classe o que observamos é a renovação das táticas de propaganda, da manipulação e do marketing, de maneira que os movimentos da direita e da extrema direita, como o populismo contemporâneo, consolidam canais de comunicação e informação direta com o seu público alvo. A agressividade da linguagem populista e a sua tendência a animalizar e discriminar aqueles considerados inimigos, bem como deformar a realidade social, tem gerado inúmeras críticas e indignações, mas sendo a rede um espaço desregulamentado, o banimento de uma ou outra rede social, por mais influente que ela seja, não é o suficiente, uma vez que a migração de uma rede para outra é sempre possibilitada. Ainda, não é pouco o número de redes sociais que afirmam ser defensoras da liberdade de expressão e que permitem qualquer tipo de conteúdo - a *Parler*, lançada em 2018, diz: “Fale livremente. Parler é o principal aplicativo de mídia social guiado pela Primeira Emenda. Liberdade de expressão, segurança e privacidade se tornam realidade em nossa plataforma de mídia social”²⁰⁷. A *GETTR*, criada em 2021, de maneira semelhante diz:

Liberte-se das Big Techs e entre para uma plataforma de mídia social estimulante, inspiradora e positiva para todos! Ao defender o livre pensamento e combater a censura política, a GETTR pretende resgatar o lazer da sua experiência nas redes sociais²⁰⁸.

Também não são poucos os canais de notícia e produção de conteúdo que afirmam revelar a verdade: é característico do populismo contemporâneo criticar a grande mídia, também presente no formato digital, uma vez que para Bolsonaro não é apenas a Globo, mas também o Uol, a Folha de São Paulo e o Estadão que visam desgastar o governo em prol do *establishment* político brasileiro, de maneira que o Partido dos Trabalhadores (PT) aparece como principal articulador da degeneração da sociedade. Em um *tweet* de 7 de outubro de 2018, Bolsonaro diz:

²⁰⁷ Conferir: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.parler.parler>.

²⁰⁸ Conferir: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.gettr.gettr&hl=pt_BR&gl=US.

O Partido dos Trabalhadores financiou ditaduras via BNDES; anulou o legislativo no mensalão; tem tesoureiros, marketeiros e ex-presidente na cadeia por corrupção; quer acabar com a Lava Jato, além de controlar a mídia e internet. Se alguém ameaça a democracia, esse alguém é o PT!

Nesse mesmo sentido, o *Brasil Paralelo*, fundado em 2016, afirma que é “uma empresa de entretenimento e educação” orientada “pela busca da verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos, e sem qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo”²⁰⁹, enquanto o *Brasil sem medo*, que se intitula “um jornal conservador que tem como objetivo noticiar sempre a verdade dos fatos” assume como missão “fazer um jornalismo sério, alinhado com os valores da população brasileira e com a democracia e liberdade do país”²¹⁰. Contudo, não é possível esquecer que a Liberdade, enquanto uma mera abstração valorativa, tal como a igualdade e a justiça, “é uma fraude se se opõe à emancipação do Trabalho da opressão do Capital” (LENIN, 1980, p. 25-6). A ideologia da extrema direita, frequentemente articulando neoliberalismo e conservadorismo, como acontece nos casos estadunidense, israelense e brasileiro, tem como sustentação uma política econômica profundamente antiemancipatória justamente pela sua concepção de liberdade, igualdade e justiça ser aquela capitalista, pela sua democracia ser aquela burguesa, cada vez mais restritiva, exclusivista e com hábitos particularistas, que não são tão facilmente superáveis - “com sorte, podem esmagar-se rapidamente as instituições, mas o hábito nunca poderá ser esmagado de um momento para o outro, mesmo com sorte” (LENIN, 1980, p. 42).

Ainda, se considerarmos a questão da *desmediatização*, observamos que a comunicação direta que é estabelecida entre líder e massa, sem a mediação de representantes ou informantes de segunda mão, é contraposta ao surgimento de uma experiência que não é aquela direta face a face. A mediação não é feita mais por um indivíduo, mas a partir de uma tela, eficiente instrumento na constituição do processo de alienação do tempo presente, porque se apresenta como cada vez mais independente daquele que a produz. Nesse sentido, o filósofo Jacques Ellul (1968, p. 83) afirma que “as escolhas técnicas se efetuam por si mesmas” porque o ser humano perde a sua capacidade de ação livre; logo, ao utilizarmos a técnica, é pressuposto aceitarmos “a autonomia de seus fins, a totalidade de suas regras – que nossos desejos e aspirações em nada podem modificar.” (ELLUL, 1968, p. 144). Mas retirar daquilo

²⁰⁹ Conferir: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>.

²¹⁰ Conferir: <https://brasilsemmedo.com>.

que é produto humano a sua própria raiz histórica e social, tem como resultado a confusão de contradições que são próprias do modo de produção capitalista vigente como se fossem contradições universais e atemporais. De fato, o uso da técnica produz consequências ao mesmo tempo positivas e negativas, mas ao ocultar da realidade social a essência humana do seu movimento elimina-se o caráter potencialmente revolucionário do seu uso:

No mais profundo da essência do pensamento de Marx, a sociedade socialista e a sociedade comunista devem basear-se num *completo domínio da técnica*, num completo desenvolvimento das forças produtivas, de modo que o homem possa criar os bens materiais em quantidade suficiente para que cada um possa satisfazer as suas necessidades (CASTRO, 2015, p. 25, *grifo meu*).

E para isso apenas uma crítica cultural não é o suficiente, é necessário uma crítica econômica que seja capaz de conciliar a atividade produtiva e a atividade política, convertendo a teoria em força material. Segundo Marx (2010, p. 151), “a teoria é capaz de se apoderar das massas tão logo demonstra-se *ad hominem*, e demonstra-se *ad hominem* tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem”. Nesse sentido, escolhemos o termo *extremo* para definir os movimentos da direita, e não radical, porque são profundamente antidialéticos: ocultam dos fenômenos a sua gênese histórica e retiram do horizonte o potencial revolucionário da práxis. São, portanto, movimentos extremistas porque atingem o mais alto grau de desumanização e, se fogem ao habitual ou ao racional, não é pela sua natureza capitalista, mas pela brutalidade das suas consequências.

Quando o fim da luta de classes é anunciado, a direita não é a única a movimentar-se: com a dissolução da União Soviética em 1991, a esquerda inicia um processo de deslocamento à direita, ao mesmo tempo que assume a liderança na defesa de pautas identitárias que não possuem o seu vínculo com a classe. Quando as leis econômicas passam a ser vistas sem a sua historicidade e quando a política econômica capitalista passa a ser considerada não apenas a única possível, mas também natural, “os operários tornam-se menos propensos a identificar-se como membros da classe e, conseqüentemente, a votar como operários” (PRZEWORSKI, 1989, p. 42). Sem um partido e sem um projeto socialista de sociedade, eles votam como cristãos, como nacionalistas, como democratas, como ambientalistas, e assim por diante. E sem uma

educação política e filosófica, os indivíduos aumentam a sua propensão de serem conduzidos pela propaganda.

É importante evidenciar que nem a propaganda, nem o estado afetivo que é criado na massa são capazes de criar e produzir sentimentos e pensamentos naqueles sujeitos avessos à ideologia facista ou à mentalidade populista. É preciso que haja já no indivíduo as propensões para essas pulsões, viabilizando que as mentalidades sejam conduzidas e moldadas. Mas também é necessário considerar as complexas e tênues fronteiras que se estabelecem entre a ação consciente e inconsciente, refletida e não refletida. Apesar de dizer nunca ter cometido qualquer ato aberto de violência, Adolf Eichmann admite “ajudar e assistir” (ARENDT, 1999, p. 33) na aniquilação de judeus, e essa é a característica incomum do crime que foi cometido: “a própria lei que os havia transformado a todos em criminosos” (ARENDT, 1999, p. 167). As perguntas das motivações para atos tão bárbaros como a de um integrante da SS-Obersturmbannführer são, ainda hoje, repetidas por parcela considerável da esquerda que se depara com um fenômeno que carrega muitas semelhanças com o fascismo: “trata-se de um caso exemplar de má-fé, de auto-engano misturado a ultrajante burrice?” (ARENDT, 1999, p. 65).

Se considerarmos aqueles que se privilegiam da política econômica populista não fica difícil reconhecer que se trata da busca pela satisfação de interesses econômicos específicos - o populismo contemporâneo é uma reação da pequena e média burguesia em busca de poder e capital. Mas e enquanto movimento de massas que mobiliza parcelas do proletariado? Nem sempre a má-fé, mas uma mentalidade que comporta a naturalização de dominações; não apenas o auto-engano, mas também a crença em uma ação moralmente correta específica de um projeto de sociedade em que a igualdade de classe é considerada injusta e artificial; e talvez não apenas a ausência de instrução e memória histórica e social, mas um complexo de casos que variam desde o apoio consciente até aquele irrefletido, sem conhecimento da totalidade das relações sociais, da sua gênese histórica e das consequências brutais da economia política.

Apesar de não se constituir enquanto um regime totalitário - e essa questão é essencial para a distinção do fascismo e do populismo -, o populismo contemporâneo implementa e viabiliza dinâmicas de exclusão, expulsão, segregação e até mesmo genocídio legalmente sancionados e moralmente justificados. E ainda que algumas

atitudes populistas sejam condenadas não só por lideranças da esquerda, mas também de uma direita mais moderada, a base neoliberal do populismo contemporâneo passa frequentemente impune de qualquer questionamento. As diversas formas de punir os pobres, de aumentar a capacidade de exploração do trabalhador e o acirramento da competitividade são consideradas justas, imutáveis e naturais. O fascismo, o nazismo e o populismo contemporâneo são manifestações das próprias contradições da sociedade capitalista, da sua tendência à centralização, e enquanto não houver objeção ao seu fundamento econômico, continuarão aparecendo, mesmo que sob sempre novas formas.

Em uma tentativa deformadora de resgate dos símbolos nacionais, de defesa de um povo considerado verdadeiro, autêntico, puro e harmônico, o populismo contemporâneo apropria-se da identidade do povo enquanto trabalhador, mas retirando do trabalho a luta de classes. Ao afirmar os slogans da democracia e da liberdade, o populismo contemporâneo se consolida enquanto um expoente do capitalismo e representa a ilusão do povo que “não compreende que a liberdade e a Democracia, até hoje, foram a liberdade e a Democracia dos proprietários e meras migalhas para os sem-propriedade” (LENIN, 1980, p. 31). Em suma: oculta-se que a liberdade, a igualdade e a democracia que os líderes populistas tanto defendem é, na sua forma e essência, aquela liberdade de explorar característica da democracia burguesa.

5.2 - A LINGUAGEM DO POPULISMO CONTEMPORÂNEO

As eleições de 2018 tornaram-se um marco na história brasileira: não apenas modificou a forma de fazer campanha política com o uso dos novos meios de comunicação, como representou o encerramento do “ciclo político que organizou o presidencialismo de coalizão brasileiro nos últimos 25 anos” (ABRANCHES, 2019, p. 11) e a consolidação do fenômeno do populismo contemporâneo no Brasil. A então polarização entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) é alterada e um candidato cujo partido político era inexpressivo e o tempo de campanha na televisão quase nulo (8 segundos diários) ultrapassa, com 46,03% dos votos no segundo turno, Geraldo Alckmin (PSDB) que, com 5 minutos e 32 segundos de horários eleitoral diários na televisão, alcançou apenas 4,76% dos

votos no primeiro turno²¹¹. O PT também é impactado por essa reconfiguração eleitoral: sem Lula parece não haver nenhuma outra figura de relevância capaz de derrotar Bolsonaro nas urnas.

O ano de 2018 mostrou-se um ano eleitoral atípico porque até então no Brasil a campanha tradicional, que inclui o tempo de televisão e a participação nos debates presidenciais, mediados pelas redes televisivas Bandeirantes e Globo, por exemplo, tendia a definir o resultado eleitoral. Para muitos a vitória de Bolsonaro foi uma surpresa; embora a de Trump nos Estados Unidos também tenha sido. O fato é que o fenômeno do populismo contemporâneo vem se alastrando pelo mundo desde o final do século passado com Berlusconi na Itália e passando pelos mais diversos países como Inglaterra, Alemanha, França, Índia, Israel e Hungria. Logo, a eleição de Bolsonaro não pode ser classificada como atípica se considerado o contexto global de ascensão da extrema direita e de reação à reestruturação também global do poder. Apesar das suas particularidades, Jair Bolsonaro, seus filhos e seus líderes de campanha orientaram o então candidato a partir de diversas táticas de propaganda já desenvolvidas em diversos outros países, por outros líderes e em outros períodos da história.

Todavia, o fenômeno do populismo possui uma característica elementar nas suas diversas manifestações contemporâneas: em todos os casos a comunicação digital é o recurso político comunicativo fundamental. No Brasil, o WhatsApp, como recurso de disparo de mensagens em massa, se consolidou como um dos principais meios de campanha: “apesar de subterrâneo, o WhatsApp compõe uma rede de circulação de conteúdo eleitoral em interface com outras plataformas, já que YouTube, Facebook, Instagram e Twitter representam 65,2% dos links postados nos grupos” (PIAIA; ALVES, 2020, p. 138). O rádio e a televisão já haviam transformado a linguagem e a política, mas os novos meios de comunicação do século XXI potencializam a “espetacularização do discurso político”²¹² (ANTONELLI, 2017, p. 45) e o uso estratégico do poder. Não à toa é possível perceber como Bolsonaro acompanha o crescimento da política digital e o surgimento de novas redes sociais: em 2018, divulga como sites oficiais 5 links, dentre eles a sua página do Twitter, Instagram, Youtube, Facebook e o seu site; em 2022, esse número é 7 vezes maior, são 35 links

²¹¹ Conferir: a- horários eleitorais em 2018:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/graficos/tempo-de-tv-dos-candidatos-presidente/>;
b- eleições 2018: https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/home?p0_ano=2018.

²¹² “spettacularizzazione del discorso politico”.

com uma variedade de sites: desde redes sociais como GETTR, Twitter, Facebook, Parler, Instagram, Youtube, LinkedIn, TikTok, Flickr e Kwai, passando por páginas do Partido Liberal (PL), pelo blog da família Bolsonaro e pelo canal do Telegram "Influenciadores pró Bolsonaro", com 94.813 inscritos²¹³, até sites e páginas não oficiais que utilizam expressões como “pelo bem do Brasil”, “fatos do Mito”, “Bolsonaro sincero”, “verdades do Bolsonaro” e “uma só voz”.

Por isso, a escolha de analisar o discurso de Jair Bolsonaro por meio do Twitter se justifica: as redes sociais digitais se constituem como os principais meios de propaganda do populismo contemporâneo. Segundo Dal Lago (2017, p. 86), o Twitter tem como particularidade a brevidade das suas mensagens (no máximo 280 caracteres), o que se vincula com a “comunicação instantânea”²¹⁴ característica da política digital; mas para além disso, “o uso desta rede social explica perfeitamente como, na assim chamada comunidade virtual, um líder hábil, bem aconselhado e sem escrúpulos pode criar a ilusão de uma ligação direta com os seus próprios apoiadores”²¹⁵ e ascender rapidamente.

O fenômeno do populismo contemporâneo, como expressão de uma luta pela existência que se estrutura no interior da classe capitalista, estabelece uma disputa econômica que tem como uma de suas principais batalhas a conquista da hegemonia ideológica e a obtenção do consenso eleitoral rápido. Nesse sentido, é possível apontar para a relevância da construção da figura de Jair Bolsonaro enquanto mito na sua ascensão como líder político:

A criação das lendas que circulam tão facilmente entre as multidões não é somente o resultado de uma credulidade completa, mas também das prodigiosas deformações que os acontecimentos sofrem na imaginação de indivíduos reunidos. O mais simples acontecimento visto pela multidão rapidamente se converte num acontecimento desfigurado. Ela pensa por imagens, e a imagem evocada, por sua vez, evoca uma série de outras sem qualquer ligação lógica com a primeira. (LE BON, 2018, p. 43-4)

Mesmo com diversos indícios de corrupção pela família de Bolsonaro os seus apoiadores não o desvinculam da imagem de um político honesto; mesmo já fazendo

²¹³Conferir:

<https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2018/2022802018/BR/280000614517>; e <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2022/2040602022/BR/280001618036>.

²¹⁴ “comunicazione istantanea”.

²¹⁵ “L’uso di questo social network spiega perfettamente come, nelle cosiddette comunità virtuali, un leader abile, ben consigliato e spregiudicato possa creare l’illusione di un rapporto diretto con i propri sostenitori”.

parte da política brasileira desde 1988, ainda é visto como *outsider*; e justamente pela sua linguagem, por *falar o que pensa* e confrontar a cultura do politicamente correto, Bolsonaro foi capaz de se converter rapidamente em um líder político de relevância na direita brasileira. A construção da sua imagem, contudo, não é espontânea: há anos que Bolsonaro participa de entrevistas e reportagens posicionando-se de maneira inflamada; além disso, em 2017, o filho de Bolsonaro, Flávio, publica um livro chamado *Jair Messias Bolsonaro: mito ou verdade*, mas o blog da família, destinado a divulgar “informações exclusivas”, tem postagens que datam pelo menos de 15 de setembro de 2010²¹⁶. A família Bolsonaro, composta pelo pai Jair e pelos seus três filhos Eduardo, Carlos e Flávio, também inseridos da política brasileira, marca a sua presença nas mais diversas redes sociais, possibilitando que uma série de pessoas independentes participem dessa construção da figura do mito. Isso é possível de ser percebido sobretudo a partir da eleição em 2018 em que começam a surgir um série de produtos personalizados, desde camisetas e canecas até a criação de uma linha de vinho “Il Mito”, em 2019, por dois empresários que se autodenominam “patriotas” na descrição do site²¹⁷; mas também, inúmeras páginas nas redes sociais são destinadas à publicação de notícias, imagens e vídeos que contêm tanto conteúdos de exaltação do líder, como de escárnio com os considerados inimigos. No Instagram, o perfil @bolsonaromitooficial, em apoio à Bolsonaro, divulga uma série de imagens nesse sentido: respectivamente, o líder como homem forte, o líder como pessoa simples e a chacota como forma de ataque.



²¹⁶ Conferir: <https://familiabolsonaro.blogspot.com/?m=1>.

²¹⁷ Conferir:

https://www.vinhobolsonaro.com.br/collections/vinhos-bolsonaro-il-mito?gclid=Cj0KCCQiAz9ieBhCIA RIIsACB0oGJrL7hvv63w5I9xELWU3b52nwVV_ulsQ0Sn7rHq8WoCe2Annu1r03saAnHYEALw_wcB

Assim, a linguagem populista é utilizada tanto por Bolsonaro quanto por seus apoiadores mais ferrenhos. O sentido e o significado das palavras que são escolhidas e utilizadas caracteriza uma manifestação específica da mentalidade populista contemporânea: a partir dela não são apenas valores que são defendidos e difundidos, mas sentimentos que são induzidos de modo a conduzir uma determinada forma de sentir e de pensar o mundo. A linguagem é central porque é a partir dela que pensamos e que expressamos, mesmo que nunca de maneira plenamente equivalente, aquilo que os sentimentos e as emoções causam em nosso corpo e em nosso espírito. Isso significa que as palavras e as imagens que associamos a elas não servem apenas para explicar, mas também para comover e persuadir. Ainda, o uso da palavra, pela sua própria relação dialética com o nosso pensamento, não só revela, mas também oculta: partindo da linguagem populista, daquilo que Bolsonaro decide mostrar àqueles que o escutam e daquilo que os ouvintes e leitores replicam e reproduzem, é possível chegar ao núcleo da mentalidade populista e desvelar o seu caráter intrinsecamente burguês.

Apesar de ser possível distinguir uma linguagem populista, é próprio do uso da linguagem em geral a potencialidade de enganação e persuasão. A arte da retórica é criticada pelo menos desde a Grécia antiga: em *Prometeu Acorrentado*, Io diz que “não pode haver no mundo mal mais repugnante que uma linguagem recoberta pelo engano” (ÉSQUILO, 895-6) e também Sócrates já indicava os perigos à democracia pela desvinculação das palavras do ser das coisas, isto é, daquilo que elas realmente são. As palavras, portanto, paralisam a política quando se constituem como “palavras sem as coisas”²¹⁸, aumentando o espaço das emoções e diminuindo aquele do pensamento (ANTONELLI, 2017, p. 11). Essa capacidade de deformar a realidade é característica do uso da linguagem: “o poder das palavras está ligado às imagens que evocam e é completamente independente de seu significado real”, de maneira que “as opiniões e as crenças propagam-se pelo mecanismo do contágio e muito pouco pelo do raciocínio” (LE BON, 2018, p. 98; 120).

Nesse mesmo sentido, o linguista italiano Giuseppe Antonelli (2017), analisando a linguagem populista, afirma que a partir dos anos 1970 a linguagem política sofre uma transformação característica de uma sociedade voltada para o consumo e, portanto, para a publicidade. O *storytelling* e o uso de “emologismos”, isto é, “palavras, frases, fórmulas que funcionam como emoticon ou emoji”

²¹⁸ “parole senza le cose”.

(ANTONELLI, 2017, p. 6) ²¹⁹, quando usados de maneira abstrata, são típicos de uma linguagem em que a argumentação torna-se subsidiária à fábula. A narração, diferente do diálogo, não visa acessar a natureza das coisas porque fundamenta a sua explicação do mundo em uma convenção na qual o juízo é suspenso, a gênese histórica é neutralizada e é instaurado como hábito a limitação do pensamento ao evidente e imediato. Todavia, “não devemos esquecer, nunca, que a palavra *dialética* é irmã gêmea da palavra *diálogo*: elas nasceram do prefixo *dia* (que indica reciprocidade) e do verbo *lêgein* ou do substantivo *logos*, que se refere ao discurso da razão” (KONDER, 1992, p. 138-9). Assim, a linguagem populista se mostra antidialética em dois sentidos: primeiro, porque é sustentada pela narração e não pelo discurso racional e, segundo, porque não permite a construção coletiva da ação política como práxis, isto é, como “atividade que, para se tornar mais humana, precisa ser realizada por um sujeito mais livre e mais consciente (...) que precisa da teoria” (KONDER, 1992, p. 116).

Não só o populismo contemporâneo não possui uma teoria política fundamental e própria, como é avesso às explicações teóricas da realidade: líderes populistas associam a teoria a um tipo de conhecimento característico das elites e por isso a contradição se reduz à dicotomia, a complexidade se perde no incompreensível e o raciocínio na abstração vazia de conteúdo. Ainda, o pensamento teórico é associado à mentira, enganação, falsidade e má fé. Em contraposição, a linguagem populista é simples e verdadeira. Mesmo que possua um “estilo histriônico, exagerado, frequentemente desbocado” - porque “visa (...) envolver *emotivamente* os seguidores-espectadores”²²⁰ (DAL LAGO, 2017, p. 104) -, para aqueles que são comovidos pelo discurso populista, essa linguagem é sinônimo de honestidade, bom senso e boa vontade característicos de um líder político que é também um cidadão indignado com a situação degenerada da nação.

Situada no contexto desregulamentado da rede, “importantes eventos políticos são encenados *como* um espetáculo”²²¹ (GIACCHE, 2011, p. 24) de maneira que a linguagem populista é capaz de instrumentalizar os medos e as inquietações de parcela da população facilitando com que, mesmo sem “fundamento real”²²², notícias operem

²¹⁹ “emologismi”; “parole, frasi, formule che funzionano come emoticon o emoji”.

²²⁰ “stile istrionico, esagitato, spesso sboccato”; “mira (...) a coinvolgere *emotivamente* gli spettatori-seguaci”.

²²¹ “ormai importanti eventi politici sono inscenati *come* uno spettacolo”.

²²² “fondamento reale”.

como se fossem verdadeiras (DAL LAGO, 2017, p. 64). Acompanhando a mudança no desenho coercitivo do poder, não é mais preciso convergir todos os esforços em censurar informações se é possível redirecionar a atenção, falsificar os significados e oferecer chaves de leituras e quadros interpretativos que deformam a realidade (ERCOLANI, 2013). Essa metamorfose torna a relação entre a verdade e a mentira mais complexa: ao mesmo tempo que surgem teorias pós-modernas que afirmam ou a impossibilidade de distinção entre o verdadeiro e o falso ou o seu caráter totalitário, a linguagem populista, distorcendo e mascarando a realidade social, é proclamada como correspondente da verdade do povo porque é simples e sincera. Mas o fato é que se constitui como “uma linguagem elementar, refratária ao raciocínio, que ao logos prefere o logo. Uma linguagem infantil, que - renunciando interpretar a complexidade do mundo - simplifica em uma série de desenhos estilizados”²²³ (ANTONELLI, 2017, p. 7).

A linguagem do populismo contemporâneo é então configurada enquanto um mecanismo de poder, um “instrumento de consciência” (ZAGREBELSKY, 2010, p. 7)²²⁴ que deforma o processo histórico porque retira do movimento do real as contradições e os conflitos sociais advindos da luta de classes, canalizando-os para uma batalha cultural entre o bem e o mal. Para isso, a mentalidade populista reveste-se de uma série de palavras apropriadas a sua moralidade específica: não é necessário criar novas palavras, embora estas também possam exercer um papel importante, se for possível ressignificar palavras já existentes (como democracia e liberdade) a partir de uma nova ênfase emotiva. De acordo com Le Bon (2018, p. 120), “o contágio é poderoso o bastante para impor aos homens não somente certas opiniões como também certos modos de sentir”, por isso, não é só formativa a capacidade da língua, mas também modeladora e orientadora da consciência de maneira que os significados que são atribuídos às palavras carregam não apenas formas de pensar, mas de sentir e de ver o mundo. Ao mediar boa parte da interação entre os indivíduos, viabilizando o pensamento coletivo e político, a língua mostra a sua “força conformadora do senso comum, operante mesmo sem que se perceba”²²⁵ (ZAGREBELSKY, 2010, p. 57). De acordo com Lakoff (2008, p. 15) o inconsciente desempenha um papel fundamental:

²²³ “Un linguaggio elementare, refrattario al ragionamento, che ao logos preferisce i loghi. Un linguaggio infantile, che - rinunciando a interpretare la complessità del mondo - la semplifica in una serie di disegni stilizzati”.

²²⁴ “strumento di coscienza”.

²²⁵ “data la sua forza conformatrice del senso comune, operante anche senza che ce ne accorgiamo”.

A linguagem obtém seu poder porque é definida em relação a quadros [conceituais], protótipos, metáforas, narrativas, imagens, e emoções. Parte do seu poder vem com os seus aspectos inconscientes: nós não estamos conscientemente cientes de tudo que elas evocam em nós, mas está lá, escondido, sempre funcionando. Se nós escutarmos a mesma linguagem uma e outra vez, nós iremos pensar mais e mais em termos dos quadros e metáforas ativadas por aquela linguagem. E não importa se você está negando palavras ou as questionando, os mesmos quadros e metáforas serão ativados e, por isso, fortalecidos.²²⁶

Lakoff (2008) constata que as palavras, os slogans e as ideias carregam significados e quadros interpretativos mais abrangentes do que parecem, mas também menos refletidos do que se acredita: quando ouvimos uma determinada palavra, como democracia ou liberdade, não podemos deixar de pensar a partir de uma determinada visão de mundo, mesmo que esta não seja explícita. Isso acontece porque as associações de sentido que fazemos das palavras vinculam-se com a nossa capacidade de cognição e pela maneira que os nossos sentimentos se estruturam. Na medida em que a linguagem populista volta-se para a massa no ambiente digital, é capaz de potencializar a sua performance emotiva - tal como destaca Freud (2011, p. 27) sobre a psicologia das massas: “quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa”. A linguagem política, formulada por frases breves, de efeito e hiperbólicas, demarcam um “empobrecimento linguístico”²²⁷ (ANTONELLI, 2017, p. 54) porque além de imediata, ocultando a complexidade do real e deformando a história, é agressiva, belicosa, bruta e vulgar. Segundo o linguista italiano:

Hoje, a eloquência de muitos políticos pode ser definida *vulgar* por parte do uso distorcido que faz da palavra e do conceito de *povo*. Um uso do qual deriva quase sempre uma retórica do rebaixamento. No momento em que se mistifica o povo soberano, o trata na verdade como um povo gado (ANTONELLI, 2017, p. 17)²²⁸.

²²⁶ “Language gets its power because it is defined relative to frames, prototypes, metaphors, narratives, images, emotions. Part of its power comes from its unconscious aspects: we are not consciously aware of all it evokes in us, but it is there, hidden, always at work. If we hear the same language over and over, we will think more in terms of the frames and metaphors activated by that language. And it doesn’t matter if you are negating words or questioning them, the same frames and metaphors will be activated and hence strengthened”.

²²⁷ “impoverimento linguístico”.

²²⁸ “Oggi, l’eloquenza di molti politici può essere definita *volgare* proprio a partire dall’uso distorto che fa della parola e del concetto di *popolo*. Un uso dal quale discende quasi sempre una retorica dell’abbassamento. Nel momento stesso in cui si mitizza il popolo sovrano, lo si tratta in realtà come un popolo buio”.

Nesse sentido, a eloquência de Jair Messias Bolsonaro é vulgar não apenas por ser rude e agressiva com aqueles considerados inimigos, produzindo uma série de justificativas para processos reais de desumanização, mas também porque em nome de um povo brasileiro que não existe, moralmente idealizado e considerado autêntico e verdadeiro, empenha uma luta de classes truculenta e autoritária que marca a história brasileira com a precarização do trabalho e da vida, a miséria, a fome, e milhares de mortes, ao mesmo tempo em que expande a liberdade capitalista e desvela o caráter burguês e restritivo da sua democracia.

6. O DISCURSO E A DEMOCRACIA DE JAIR MESSIAS BOLSONARO: O “CAPITÃO DO POVO”

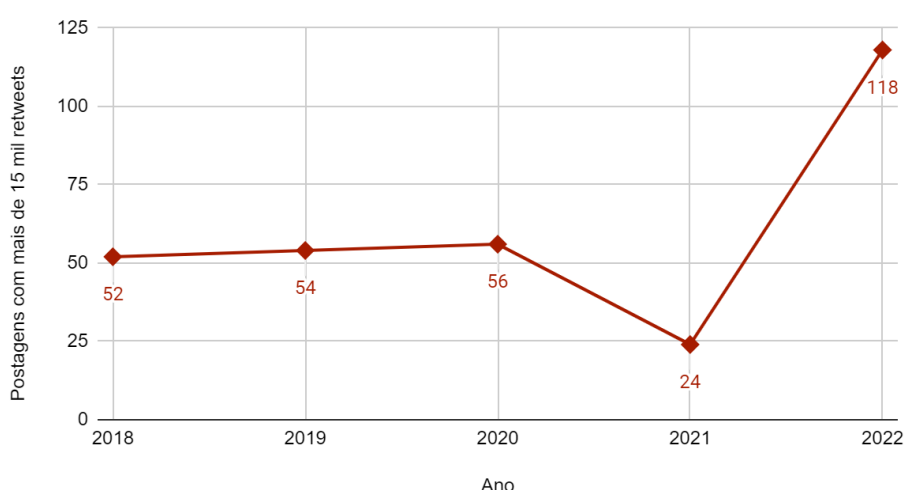
“Em ter vários senhores nenhum bem sei,
Que um seja o senhor, e que um só seja o rei.
dizia Ulisses em Homero, falando em público”

(LA BOÉTIE, 1999, p. 11)

6.1 - O QUE OS TWEETS DE JAIR BOLSONARO REVELAM

A fim de compreender a mentalidade populista de Jair Messias Bolsonaro selecionamos 304 *tweets* do ex-presidente brasileiro, todos aqueles que do período de 6 de setembro de 2018, dia em que o então candidato sofreu uma tentativa de assassinato por Adélio Bispo de Oliveira, até o dia 31 de dezembro de 2022, último dia do seu mandato, alcançaram mais de 15 mil *retweets*. O critério de *retweets* possibilita visualizar aquelas postagens que mais ressoam na rede de apoio de Bolsonaro, as temáticas que mais geram comoção e os eventos que mais provocam indignação. De maneira geral, alguns dados podem ser destacados: o primeiro é que tanto o número de postagens com mais de 15 mil *retweets*, quanto a quantidade de *retweets* nas postagens aumentou de 2018 a 2022, com exceção do ano 2021 que foi marcado pelo impacto negativo que a pandemia do coronavírus, cujo primeiro caso foi confirmado no país no dia 26 de fevereiro de 2020, produziu no governo, aumentando o grau de insatisfação da população em relação à qualidade de vida²²⁹:

Postagens com mais de 15 mil retweets versus Ano



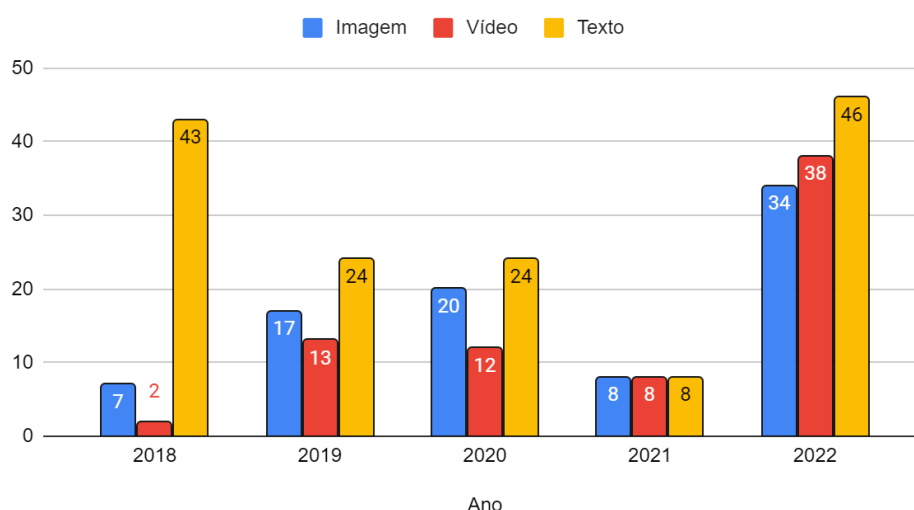
Fonte: Própria (2023)

²²⁹ Conferir:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/02/26/datasenado-detecta-aumento-da-insatisfacao-com-situacao-do-pais>

Como o gráfico indica, o ano de 2022, ano eleitoral, foi marcado por um aumento, se não significativo, pelo menos considerável na interação digital entre o líder e a massa. A utilização de vídeos e imagens também adquirem maior relevância se comparadas com a sua inexpressividade no ano de 2018:

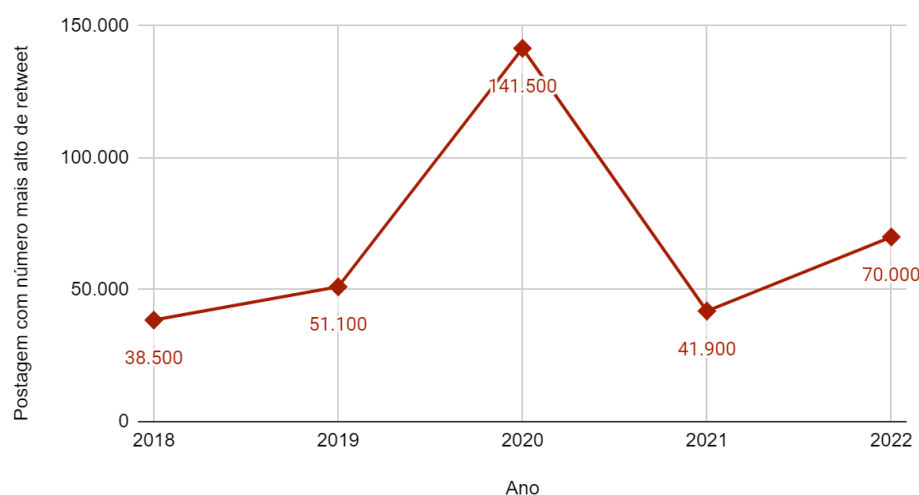
Divisão das postagens com imagem, vídeo ou apenas texto



Fonte: Própria (2023)

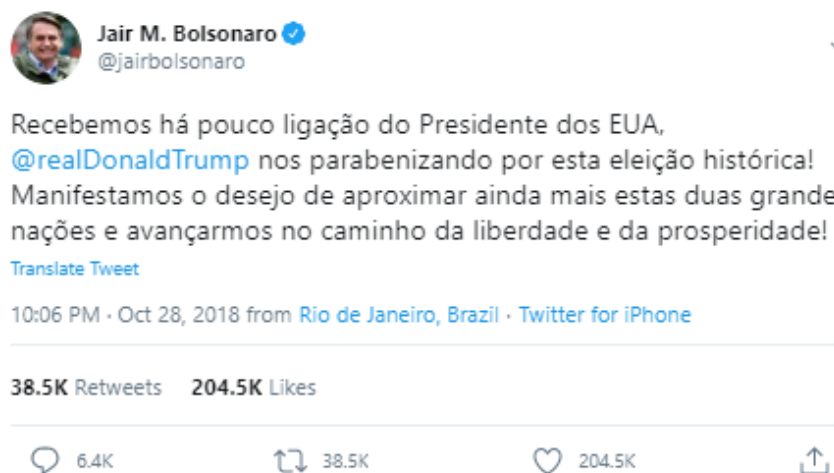
A fim de analisar o desenvolvimento da linguagem populista no Twitter de Bolsonaro, partiremos das temáticas obtidas a partir das 5 postagens com o maior número de *retweets* de cada ano que puderam ser resumidas e agrupadas em três temáticas: interação, fatos e conquistas, e inversão de valores.

Postagem com número mais alto de retweet versus Ano



Fonte: Própria (2023)

6.1.1 - Interação



O surgimento de novos meios de comunicação com o desenvolvimento da rede possibilita uma nova forma de sociação que é realizada no meio digital e que extrapola as “interações *duradouras*” como “Estado, família, corporações, igrejas, classes, associações” (SIMMEL, 2006, p. 16). Ainda são relações mútuas que ligam os indivíduos uns aos outros, mas estas acontecem agora independente da localidade, da proximidade, do idioma e da interação pessoal. Como forma de se situar e se posicionar no meio digital, Bolsonaro interage com diversas personalidades, o que constitui parte importante da sua política digital: em todos os anos foram feitas menções diretas à líderes políticos (Donald Trump e Narendra Modi), ministros do governo (Abraham Weintraub e Tarcísio), contas oficiais (Exército), jornalistas (Tucker Carlson e Ben Shapiro), empresários (Elon Musk) e podcasts (Inteligência Ltda de Rogério Vilela). Essas menções de Bolsonaro visam mostrar o apoio que recebe de importantes atores políticos e da parte considerada séria da mídia, ao mesmo tempo em que evidencia o culto ao progresso pelo estabelecimento de negócios e aumento da competitividade do Brasil no mercado mundial. Bolsonaro também costuma apoiar famosos que defendem as mesmas perspectivas que a sua: o caso da liberdade de expressão e do politicamente incorreto, com Danilo Gentili, ou o caso do uso da hidroxicloroquina para o combate ao coronavírus, com Gustavo Lima²³⁰.

²³⁰ Conferir:

<https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/gusttavo-lima-defende-uso-da-cloroquina-para-cov-id-19-cura>.

No estabelecimento de uma comunicação direta com os seus apoiadores, frequentemente responde homenagens que lhe foram feitas e divulga fotos suas com a família ou em passeios, montagens, vídeos jogando vídeo games, dentre outros:



Fonte: Twitter @jairbolsonaro, 2 de maio de 2019 e 18 de outubro de 2020, respectivamente.



Fonte: Twitter @jairbolsonaro, 16 de outubro de 2022 e 5 de maio de 2019, respectivamente.



Fonte: Twitter @jairbolsonaro, 25 de julho de 2019.



Fonte: Twitter @jairbolsonaro, 7 de julho de 2019.

Mas as interações de Bolsonaro não se limitam aos seus “amigos”, também responde “inimigos” a partir de uma “linguagem do escárnio” (ZAGREBELSKY, 2010, p. 32)²³¹: Anitta, Joe Rogan, Macron, Mark Ruffalo e Leonardo DiCaprio tiveram mensagens que beiram a agressividade e o insulto, com o prevalecimento de um “estilo hiperbólico e ofensivo de debate”²³² (DAL LAGO, 2017, p. 84). No caso em que o ator e cineasta estadunidense crítica o caráter antidemocrático do governo de Bolsonaro, este responde em inglês em um *tweet* do dia 9 de junho de 2022:

- Querido Mark Ruffles, se acalme! Eu tenho certeza que você nunca leu a Constituição Brasileira, mas eu posso te assegurar que não é nada com os complicados roteiros de Hulk que você tem que

²³¹ “linguaggio dello scherno”; “linguaggio di un’intollerabile presunzione”.

²³² “stile iperbolico e offensivo dei dibattiti”.

memorizar: “AHGFRR”. Leia e você perceberá que eu não só estou respeitando, mas protegendo o estado de direito brasileiro.²³³

Dentre todas essas interações, amigáveis ou não, é possível perceber a narração como parte central da linguagem populista: nas manifestações de Bolsonaro “as palavras miram golpear o instinto dos eleitores, o seu sentimento” ao passo que “as argumentações são deixadas à parte, para apontar direto às emoções”²³⁴ (ANTONELLI, 2017, p. 5), mesmo quando as postagens aparecem no formato de notícias e informações oficiais.

6.1.2 - *Fatos e conquistas*

Embora a linguagem populista vise muito mais as emoções do que o raciocínio de seus eleitores, é importante para Bolsonaro evidenciar eventos do seu governo como conquistas, distorcendo dados e apresentando-se como interlocutor da verdade: “quaisquer que sejam as ideias sugeridas às multidões, só podem se tornar dominantes na condição de adotarem uma forma muito simples e estarem representadas em seu espírito sob o aspecto de imagens” (LE BON, 2018, p. 62). Nesse sentido, a distinção é clara: o governo petista representa a corrupção, o medo, a degeneração e a baixa qualidade de vida enquanto que Bolsonaro simboliza a construção do progresso:



Fonte: Twitter @jairbolsonaro, 1 de novembro de 2019

²³³ “- Dear Mark Ruffles, calm down! I'm sure you have never read the Brazilian Constitution, but I can assure you it's nothing like the complicated Hulk scripts you have to memorize: "AHGFRR". Read it and you'll find out I'm not only respecting, but protecting Brazil's rule of law”.

²³⁴ “Le parole mirano a colpire l’istinto degli elettori, i loro sentimenti”; “Le argomentazioni sono lasciate da parte, per puntare dritto alle emozioni”.

Aproveitando-se de uma ausência de espírito crítico, as urnas eletrônicas são retratadas não como conquista, mas como resultado de um dispositivo de poder da elite vigente que engana e que é avessa à transparência, viabilizando uma série de fraudes no sistema eleitoral brasileiro. Enquanto isso, o voto impresso, que na realidade é mais propenso às fraudes, é mostrado como um método simples e mais seguro de contagem de votos:



Fonte: Twitter @jairbolsonaro, 30 de junho de 2021.

Se o DataFolha indica que o governo chega a sua pior aprovação²³⁵, Bolsonaro publica como o povo está ao seu lado - e aproveita para reiterar o seu slogan: “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”, como no *tweet* de 12 de junho de 2021:



²³⁵ Conferir:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/datafolha-aprovacao-a-bolsonaro-recua-seis-pontos-e- chega-a-24-a-pior-marca-do-mandato-rejeicao-e-de-45.shtml>

Se a mídia o acusa de ser machista, genocida ou racista, Bolsonaro rebate:



Fonte: Twitter @jairbolsonaro, 2 de dezembro de 2022 e 9 de junho de 2021, respectivamente.

Publicando a seguinte imagem, Bolsonaro escreve no dia 30 de abril de 2021, no Twitter: “Nossa maior virtude é a união. Em nós carregamos todos os povos do mundo. Independente de cor, sexo, classe social, somos todos iguais, o que importa são os nossos valores e o nosso caráter”.



E se com a derrota nas urnas, jornais começam a indicar o legado negativo desses últimos 4 anos da política econômica de Paulo Guedes para o Brasil, Bolsonaro passa a listar inúmeras melhorias, como no *tweet* de 26 de dezembro de 2022:

- PREÇO DA GASOLINA CAI NO BRASIL PELA QUINTA SEMANA CONSECUTIVA:
- A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis anunciou a 5ª redução seguida no preço da gasolina.
- O relatório da agência é divulgado semanalmente e, desta vez, a queda foi de 0,20% nas bombas.

Não são, portanto, “os fatos em si que afetam a imaginação popular, mas o modo como se apresentam” (LE BON, 2018, p. 70) e no discurso de Bolsonaro eles se apresentam a partir de uma determinada mentalidade em que a realidade é estruturada a partir de uma dicotomia: o povo, orgânico e unido em suas tradições, e o não-povo, isto é, todos aqueles que invertem os valores populares e impedem a restauração da sociedade.

6.1.3 - Inversão de valores

A proposta de plano de governo que Bolsonaro disponibiliza em 2018 tem como temáticas centrais a liberdade e a verdade, de modo a evidenciar que a sua candidatura representa uma mudança: trata-se de “um governo que defenda e resgate o bem mais precioso de qualquer cidadão: a Liberdade. Um governo que devolva o país aos seus verdadeiros donos: os brasileiros”²³⁶. Por isso, um dos tópicos é denominado valores e compromissos, abarcando os seguintes slogans: “o fruto da vida é sagrado”, “liberdade e fraternidade”, “direitos e deveres”, “imprensa livre e independente” e, por fim:

²³⁶ Conferir:

https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf

BRASIL ACIMA DE TUDO
DEUS ACIMA DE TODOS

A NOSSA BANDEIRA É VERDE-AMARELA

- Nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira.
- Queremos um Brasil com todas as cores: verde, amarelo, azul e branco.

PRECISAMOS NOS LIBERTAR!

VAMOS NOS
LIBERTAR!

Fonte: Proposta de Plano de Governo - O caminho da prosperidade

Os valores defendidos por Bolsonaro não se limitam à defesa de um Estado que não intervenha na vida de seus cidadãos e ao caráter sagrado da propriedade privada, mas abrangem toda a concepção de família que Lakoff (2008) caracteriza como conservadora: trata-se de

uma hierarquia autoritária baseada em vastas concentrações e controle de riqueza; ordem baseada no medo, intimidação, e obediência; (...) prioridades deslocadas do setor público para os setores corporativo e militar; responsabilidade deslocada da sociedade para o indivíduo; (...) e valores da família patriarcal projetados na religião, política, e mercado (LAKOFF, 2008, p. 1)²³⁷.

O tema da educação aparece, portanto, de maneira central na medida em que as escolas e universidades são consideradas um dos principais focos das ideias socialistas. Diferente da ideologia de esquerda e do marxismo cultural que visam controlar a mente dos jovens, a educação do governo de Bolsonaro visa a formação para a cidadania e para o trabalho:

Por muito tempo nossas instituições de ensino foram tomadas por ideologias nocivas e inversão de valores, pessoas que odeiam nossas cores e Hino. Hastear uma bandeira do Brasil não tem relação com política, mas com o orgulho de ser brasileiro e a esperança de tempos melhores (Bolsonaro, *tweet* de 2 de novembro de 2018).

²³⁷ “an authoritarian hierarchy based on vast concentrations and control of wealth; order based on fear, intimidation, and obedience; (...) priorities shifted from the public sector to the corporate and military sectors; responsibility shifted from society to the individual; (...) and patriarchal family values projected upon religion, politics, and the market”.

O Ministro da Educação @abrahamWeinT estuda descentralizar investimento em faculdades de filosofia e sociologia (humanas). Alunos já matriculados não serão afetados. O objetivo é focar em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte, como: veterinária, engenharia e medicina (Bolsonaro, *tweet* de 26 de abril de 2019).

O pensamento e a teoria característicos da filosofia e das ciências humanas no geral são associadas à servidão: para Bolsonaro, a doutrinação esquerdista que domina as escolas do país visa criar militantes e mentes escravas da dominação e da ideologia socialista. Essa aversão à reflexão crítica demonstra como “no colapso atual da civilização burguesa, o que se torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência” quando submetida ao processo global de produção capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

Para completar o espetáculo patriótico de Bolsonaro, a crítica ao aborto surge não como questão de saúde pública, mas como questão moral de um cidadão cristão:

- Aborto é, sobretudo, a destruição do futuro, pois não existe futuro quando não se tem o direito de existir. A vida começa na concepção. Neste momento já somos quem sempre seremos: únicos e com alma. Essa é uma verdade permanente, independente de ser ano eleitoral ou não! (Bolsonaro, *tweet* de 6 de outubro de 2022).

A ênfase no ano eleitoral é relevante porque distingue Bolsonaro dos demais políticos: fiel e leal ao povo, aos seus interesses e anseios, Bolsonaro possui princípios inalienáveis, enquanto a esquerda, frente da inversão de valores característica da sociedade contemporânea, mente e engana para a obtenção de votos. A campanha de Lula para Bolsonaro, por exemplo, busca desviar e mascarar a sua real intenção na defesa do aborto, que não é a defesa da vida, mas a conquista de votos:

- Lula agora tenta dizer que é contra o aborto, enquanto é apoiado por quem defende; que é cristão, enquanto é apoiado por quem odeia igreja; que é contra as drogas, enquanto é apoiado por quem é a favor; que é contra a corrupção, enquanto ele e seu bando foram presos por isso... (Bolsonaro, *tweet* de 7 de outubro de 2022).

A ideia de que existe uma inversão de valores por meio da politicagem, de ideologias nocivas, da doutrinação e da permissividade do uso de drogas, tem como objetivo confundir a divisão entre a esfera pública e privada. Não se trata da construção de políticas públicas, de ações políticas organizadas coletivamente e de resoluções para estes problemas, mas de escolhas consideradas moralmente corretas ou incorretas. O fato é que Bolsonaro visa dominar “sem suprimir os ritmos

turbulentos de uma história que flui através do conflito social” (FERNANDES, 1995, p. 125): germinando em um contexto de insegurança e instabilidade política e econômica, de medos e insatisfações, não busca a resolução das contradições mas sim o seu ocultamento. Assim, quando Bolsonaro afirma que valores são invertidos, suprime a luta de classes do movimento da realidade social, e revela o traço profundamente reacionário que fundamenta a sua crítica cultural.

6.2 - O BRASIL DO MITO: QUAL DEMOCRACIA?

A análise do discurso proferido por Jair Bolsonaro nos *tweets*²³⁸ coletados possibilita não só compreender como a mentalidade populista se manifesta no Brasil, mas desvelar o caráter burguês da democracia que é reivindicada pelo líder populista como a verdadeira democracia. Na sua exposição, Bolsonaro divide a Nação em duas frações: 1) amigos que defendem o líder: cidadãos, cristãos orgulhosos em ser brasileiros, patriotas que amam a nação, que lutam e se sacrificam por ela; e 2) inimigos que ameaçam a liberdade do povo brasileiro: todos aqueles que torcem contra o Brasil, a esquerda, o sistema e o judiciário. Na mentalidade populista, a eleição de Bolsonaro representa uma nova independência brasileira porque liberta o povo da servidão característica do *establishment* político e do caos produzido pelos anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT):

Se for da vontade de Deus, amanhã será o dia de nossa nova independência. Vamos derrotar o partido dos maiores escândalos de corrupção da história, do Petrolão, do Mensalão, do Foro de SP, dos inimigos da liberdade e da Constituição! Devolveremos o Brasil aos brasileiros de bem! (Bolsonaro, *tweet* de 27 de outubro de 2018)

A política populista é repleta de ideias providenciais e de salvação da pátria pelo líder (no caso brasileiro, do próprio *Messias*) que transforma propostas de governo na “própria missão salvadora, a ‘boa notícia’ que deve ser anunciada através dos ‘apóstolos da liberdade’”²³⁹ (ZAGREBELSKY, 2010, p. 19). Contrapondo-se aos inimigos, políticos que visam ganhos pessoais, demagogos e facínoras que buscam controlar o povo, Bolsonaro se apresenta enquanto um líder político limpo, leal aos

²³⁸ Conferir Apêndice 1 - Palavras e expressões chave do discurso de Bolsonaro por ano (2018-2022) e Apêndice 2 - A mentalidade populista de Jair Bolsonaro.

²³⁹ “propria missione salvifica, la ‘buona novella’ che deve essere annunciata tramite ‘apostoli della libertà’”.

seus anseios, que não faz politicagem, mas fundamenta-se na verdade e nos ensinamentos do Deus cristão e que, ao ameaçar os inimigos, representa a esperança por tempos melhores. Colocando-se ao lado do povo, porque é capaz de o representar moralmente, Bolsonaro diz no dia 18 de março de 2020: “Nunca abandonarei o povo brasileiro, para o qual devo lealdade absoluta! Boa noite a todos!” e no dia 31 do mesmo mês e ano publica o seguinte vídeo com a legenda: “- Estarei onde o povo estiver.”



Tal como em uma guerra, Bolsonaro tem uma missão: na luta entre o bem e o mal, deve mudar os rumos e o destino da nação em vista de um futuro mais justo, com mais empregos, mais segurança e mais soberania. Trata-se de libertar o Brasil do abandono e da servidão que as elites vigentes submeteram o povo brasileiro e é defendendo e honrando a bandeira e as cores do Brasil que Bolsonaro é capaz de se defender das mentiras, calúnias e *fake news* que enfrenta diariamente, uma série de perseguições sem provas e distorções:

Sofro fake news diárias como esse caso da "demissão" do Ministro Velez. A mídia cria narrativas de que NÃO GOVERNO, SOU ATRAPALHADO, etc. Você sabe quem quer nos desgastar para se criar uma ação definitiva contra meu mandato no futuro. Nosso compromisso é com você, com o Brasil. (Bolsonaro, *tweet* de 27 de março de 2019)

- O histórico do meu governo prova que sempre estivemos ao lado da democracia e da Constituição brasileira. Não houve, até agora, nenhuma medida que demonstre qualquer tipo de apreço nosso ao autoritarismo, muito pelo contrário. (Bolsonaro, *tweet* de 16 de junho de 2020)

- Após mais uma tentativa covarde de me associar a um crime brutal sem o menor fundamento, a imprensa teve que descartar a narrativa por conta de uma tatuagem de Lula no braço do assassino.

Difícilmente seguirão dando destaque, prova de que a preocupação nunca foi com as vítimas. (Bolsonaro, *tweet* de 13 de setembro de 2022)

Apesar da mentalidade populista conceber a ideia de povo a partir de comunidade harmônica, o presente brasileiro é visto como um momento de caos, degeneração, vitimismo, corrupção e impunidade que coloca em risco o progresso da nação e a liberdade dos seus cidadãos. Nesse contexto, Bolsonaro combate um sistema eleitoral fraudado e violado pelo uso das urnas eletrônicas, uma facção e quadrilha criminosas que controla a mídia e que além de corrupta, financiou ditaduras e saqueou o país. Sendo o Partido dos Trabalhadores um dos principais culpados pela caos brasileiro, diretamente, a sigla PT aparece em 16 postagens, representando no segundo semestre dos anos eleitorais de 2018 e 2022, período de maior ressonância, 9,62% e 7,53% das postagens, respectivamente; no entanto, a crítica ao partido também aparece de maneira indireta em inúmeras outras postagens, com referência à Haddad ou Lula, mas também à corrupção:

Ontem propôs combate às notícias falsas, hoje espalha mentiras descaradas a meu respeito. Quem está a favor do povo faz política com a verdade, não trabalha a serviço de um corrupto preso, nem faz parte da quadrilha que assaltou os brasileiros e colocou o país na lama. Canalha! (Bolsonaro, 9 de outubro de 2018)

Haddad diz que sou responsável pela campanha mais baixa da história. Logo ele, que é orientado por um presidiário, esconde as cores do partido, finge ser religioso, joga bíblia no lixo, esconde apoio à ditadura venezuelana e espalha um monte de porcaria mentirosa ao meu respeito. (Bolsonaro, *tweet* 26 de outubro de 2018)

Suscitar um sentimento de desconfiança frente ao sistema político e às instituições brasileiras é uma das principais estratégias de Bolsonaro: a educação é infiltrada por doutrinadores do socialismo, a mídia é controlada pelo PT, a esquerda se transveste de defensora do povo, da liberdade e da democracia, as urnas eletrônicas permitem uma série de fraudes eleitorais, as vacinas representam um perigo para a saúde dos brasileiros:

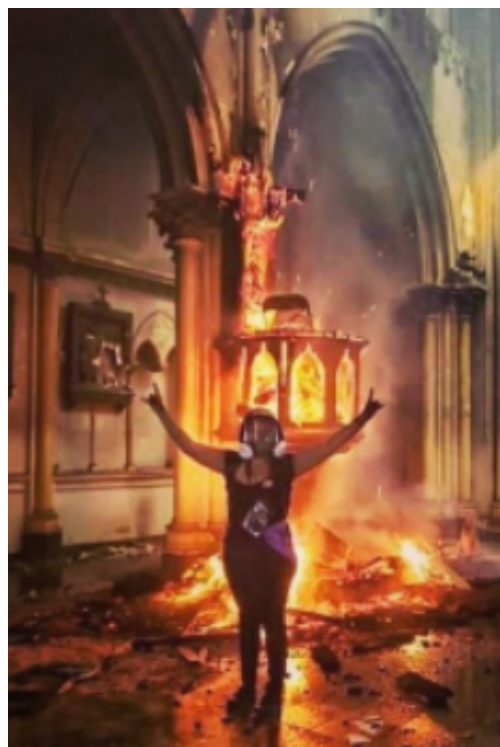
A VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA

- Para o meu Governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADO PELA ANVISA.
- O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM. (continua). (Bolsonaro, *tweet* de 21 de outubro de 2020)

- É preciso estar atento. A partir de hoje, mais do que nunca, os que o amam o vermelho passarão a usar verde e a amarelo, os que perseguiram e defenderam fechar igrejas se julgarão grandes cristãos, os que apoiam e louvam ditaduras socialistas se dirão defensores da democracia. (Bolsonaro, *tweet* de 16 de agosto de 2022)

De acordo com Dal Lago (2017, p 105), “em geral, o líder do populismo digital tenderá a *fazer coincidir a própria pessoa* com a essência da democracia” e, para isso, deve revelar ao povo quem são os seus verdadeiros inimigos, quem engana, mente, mascara a realidade e que, de fato, representa uma ameaça à democracia. As seguintes mensagens e imagens aparecem nos *tweets* dos dias 8 de junho e 19 de outubro de 2020, respectivamente:

- Essa é a turma que respeita a Democracia e as Instituições. (Bolsonaro)
- Na Onu, denunciei a existência da grande perseguição aos cristãos ao redor do mundo: a cristofobia.
- Hoje, igrejas foram incendiadas na capital do Chile por grupos de esquerda. (Bolsonaro)



Assim, o populismo contemporâneo “promove a polarização e a simplificação dos interesses sociais e das ideias políticas e utiliza o mundo da opinião e da avaliação

crítica como mero instrumento para alcançar a unidade do povo”²⁴⁰ (URBINATI, 2014, p. 6). A verticalização da política na figura do líder é associada à polarização e à simplificação da realidade: Bolsonaro é o líder e o verdadeiro defensor do povo, enquanto todos aqueles que se contrapõem a ele de alguma maneira representam um risco e constituem o não-povo. Com um vídeo de Lula em um dos debates eleitorais, Bolsonaro escreve a seguinte legenda em um *tweet* do dia 29 de agosto de 2022: “- O diabo é o pai da mentira. O ladrão é o embaixador na terra”. O PT, desse modo, simboliza o mal e a mentira, enquanto Bolsonaro representa honestidade e a verdade. Os anos de governo petista são caracterizados pela corrupção e pela destruição, enquanto o de Bolsonaro possibilita a construção do “caminho da prosperidade”, isto é, do progresso moral e econômico:

- Vou falar do PT sempre. Não adianta chorar. Não é porque perderam a eleição que seus crimes devem ser ignorados. Os efeitos devastadores do desgoverno da quadrilha ainda podem ser sentidos e é papel de todo aquele que ama o Brasil lembrar quem foram os culpados. (Bolsonaro, *tweet* de 20 de julho de 2019)

- O que o PT, com toda a sua corrupção, conseguiu destruir em tempos de paz, nós conseguimos construir em meio a uma pandemia, uma seca extrema e uma guerra de impactos globais. Com eles, o Brasil perdeu o seu rumo, com nós, o país finalmente entrou de vez no caminho da prosperidade. (Bolsonaro, *tweet* de 6 de outubro de 2022)

- Entendo o Lula tentar fugir. A verdade incomoda, mas precisa ser dita! Quem é amigo do crime e de ditadores socialistas, é inimigo do povo! (Bolsonaro, *tweet* de 17 de outubro de 2022)

De fato, o Partido dos Trabalhadores não foi capaz de estabelecer uma verdadeira democracia no país, todavia, não porque representa uma ameaça a ela, mas pelo contrário, porque não ultrapassou o reformismo dentro do capitalismo e, assim, mesmo com a criação de uma massa de consumidores, garantiu privilégios de classe e perpetuou desigualdades. A situação brasileira é, desse modo, complexa: trata-se de um país extremamente desigual e, sendo mais fácil não negar a “realidade presente, mas aquela *passada*: a verdade histórica”²⁴¹ (GIACCHÉ, 2011, p. 29), Bolsonaro reenquadra medos e condições precárias reais em uma concepção de mundo ausente de luta de classes, mas cheia de conflitos que possuem uma origem moral, cultural e religiosa. Reconfigurando o que foi o passado, Bolsonaro retira do capitalismo o seu

²⁴⁰ “fosters the polarization and simplification of social interests and political ideas, and thereby uses the world of opinion and critical assessment as mere instrument for achieving the unity of the people”.

²⁴¹ “realità presente, ma quella *passata*: la verità storica”.

caráter contraditório e transforma a história da formação do Estado brasileiro, o seu período ditatorial e a sua redemocratização, em opiniões políticas controversas.

No Brasil, é possível observar a “emergência de um tipo específico de dominação burguesa, que não faz história através da revolução nacional e de sua aceleração. Mas, ao contrário, pelo caminho inverso, de sua contenção e esvaziamento” (FERNANDES, 1995, p. 126). Isso significa que o processo de modernização ocorreu concomitantemente à manutenção de padrões de desigualdade e ao surgimento de novas formas de extração de valor por meio da exploração do trabalho. Assim, a nação brasileira frequentemente assumiu a figura e a função de “um simples feudo do Estado, articulado e submetido à dominação burguesa” (FERNANDES, 1995, p. 127). No governo de Bolsonaro, o Estado é transformado em um canal de opressão de classes, viabilizando o acirramento das desigualdades a partir do aumento, ao mesmo tempo, do número de bilionários e de pessoas com fome²⁴². Isso decorre da conciliação do “desenvolvimento capitalista com a preservação ou recrudescimento de formas autocráticas e reacionárias de dominação” (FERNANDES, 1995, p. 134) que sempre foram possíveis na situação brasileira e no seu desenvolvimento enquanto um país de origem colonial.

O populismo contemporâneo por mais que se relacione de maneira “parasitária” com a democracia representativa visto que “*não é externa a ela*” (URBINATI, 2014, p. 135)²⁴³, possibilita o desenvolvimento capitalista sem o alargamento democrático. E apesar de induzir uma série de transformações na democracia liberal e representativa, não significa uma ameaça à democracia burguesa, mas o seu desvelamento em uma sociedade cujo modo de produção é o capitalista. Desconfigurando os traços particulares das democracias contemporâneas a partir da centralização do poder, da tentativa de fortalecimento do executivo e do enfraquecimento de controles e fiscalizações, o fenômeno do populismo contemporâneo representa um tendência regressiva porque reivindica uma democracia mais restritiva: a política econômica do governo de Bolsonaro apesar dos slogans da competitividade, prosperidade e liberdade, significaram a perda de direitos e proteções

²⁴² Conferir:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/com-bolsonaro-o-brasil-bate-recordes-de-milionarios-e-famintos/>.

²⁴³ “parasitical”; “it is *not* external to it”.

trabalhistas e a redução de investimento público em áreas importantes como educação, ciência e saúde²⁴⁴.

Segundo Giacché (2011, p. 27), “a uma verdade gritada e colocada em cena corresponde sempre uma verdade silenciada e removida”²⁴⁵ (GIACCHÉ, 2011, p. 27), assim, quando Bolsonaro afirma lealdade e compromisso com os brasileiros é necessário fazer uma pergunta: quais? Tal como no populismo contemporâneo que se desenvolve na Itália, em que o uso do termo “‘italianos’ vale o mesmo que dizer que nem todos estão no mesmo nível de cidadania”²⁴⁶ (ZAGREBELSKY, 2010, p. 34), o brasileiro, para Bolsonaro, não engloba todos os cidadãos, mas constitui uma maioria que faz parte do povo, o cidadão de bem:

- Fico feliz que tenha falado com um ator de Hollywood, @Anitta, é o sonho de todo adolescente. Eu converso com milhares de brasileiros todos os dias. Não são famosos, mas são a bússola para nossas decisões, pois ninguém defende e sabe mais sobre o Brasil do que seu próprio povo. (Bolsonaro, *tweet* de 4 de maio de 2022)

Reduzir o número de ministérios, extinguir e privatizar estatais, combater fraudes no Bolsa-Família para que quem precise possa ter este amparo humanitário ampliado, descentralização do poder dando mais força econômica aos estados e municípios. A política a serviço do Brasileiro! (Bolsonaro, *tweet* de 8 de outubro de 2018)

O fato é que o uso de termos como povo, brasileiros, cidadãos ou pessoas de bem por Bolsonaro são definidos de acordo com a mentalidade populista: “a maior parte do que nós entendemos no discurso público não está nas palavras em si, mas no entendimento inconsciente que nós trazemos às palavras”²⁴⁷ (LAKOFF, 2008, p. 43). Isso abre espaço para que grande parte da população se sinta representada por Bolsonaro: trata-se de uma identificação moral, porque mesmo que o líder populista configure a reação das pequenas e médias burguesias no Brasil, aparece como defensor dos valores da família tradicional e da religião cristã, temáticas de extrema relevância na formação do país. Sendo próprio do populismo uma visão de mundo dicotômica que divide a sociedade, é necessário evidenciar uma diferença que existe no interior dessa mentalidade: enquanto a divisão que Bolsonaro produz na sociedade é entre

²⁴⁴ Conferir:

<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2022/10/06/educacao-ciencia-e-saude-sofrem-os-maiores-cortes.htm>.

²⁴⁵ “A una verità gridata e messa in scena corrisponde sempre una verità taciuta e rimossa”.

²⁴⁶ “‘italiani’ vale a dire che non tutti lo sono al medesimo livello di cittadinanza”.

²⁴⁷ “Most of what we understand in public discourse is not in the words themselves, but in the unconscious understanding that we bring to the words”.

povo e não-povo, a que o ex-presidente brasileiro afirma ser efetuada pela esquerda visa fragmentar o povo e destruir a sua unidade e harmonia como meio de obtenção de poder. Assim, quando Bolsonaro usa palavras como amigo e amor, bem como suas variações, as utiliza de maneira violenta porque distingue e separa quem deve ser odiado, quem são aquelas pessoas que não possuem nenhum valor humano.

Amantes da liberdade e do bem, somos a maioria. Não podemos cometer erros. Sem um norte e um comando, mesmo a melhor tropa, se torna num bando que atira para todos os lados, inclusive nos amigos. Não dê munição ao canalha, que momentaneamente está livre, mas carregado de culpa. (Bolsonaro, *tweet* de 9 de novembro de 2019)

A figura do líder é essencial na mentalidade populista: Bolsonaro, denominado como mito pelos seus apoiadores, não o é no sentido empregado, como épico e heróico, mas sim no sentido de relato imaginário e invenção. O Brasil do mito, isto é, o Brasil de Bolsonaro é, na verdade, mítico porque deforma a realidade: representando-a a partir de uma hierarquia considerada natural, o agente soberano, antigamente o rei, hoje o líder, invoca uma nova nação, um novo destino e um novo futuro, mais livre, democrático e seguro. O caminho a ser seguido é simples, as soluções podem ser conduzidas pelo bom senso e a verdade está com o povo, que é representado pelo líder legitimamente:

- Obrigado a todos pela audiência! Palavras polidas confortam. Falsas promessas iludem. Mas só a verdade edifica! O Brasil é nosso! (Bolsonaro, *tweet* de 29 de agosto de 2022)

Se Bolsonaro é capaz de dar voz ao povo, isso significa que também é ele quem profere a verdade. No entanto: “a falsa clareza é apenas uma outra expressão do mito. Este sempre foi obscuro e iluminante ao mesmo tempo. Suas credenciais têm sido desde sempre a familiaridade e o fato de dispensar do trabalho do conceito” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 14). Nesse sentido, a mentalidade populista é avessa à reflexão crítica capaz de revelar a ordenação profunda do real, bem como é antidialética porque “afasta-se a contradição das coisas, do ser e da verdade; afirma-se que nada é contraditório” (HEGEL *apud* LENIN, 2011, p. 130). Hostil ao desenvolvimento do *logos* pelos sujeitos políticos, “a burguesia, uma vez no poder, compreendeu o quanto era necessário entreter o povo com ‘esperanças religiosas’, ao mesmo tempo que, assim, garantia para si uma boa consciência” (BEAUVOIR, 1972, p. 32). Nesse sentido, o modo de produção capitalista é convertido em natureza,

realidade estática e intransponível, ou seja, em um elemento mítico e sagrado. Segundo Marx (2014, p. 101),

O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer quando as condições práticas das atividades cotidianas do homem representem, normalmente, relações racionais claras entre os homens e entre estes e a natureza. A estrutura do processo vital da sociedade, isto é, do processo da produção material, só pode desprender-se do véu nebuloso e místico no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle consciente e planejado.

Assim, a mudança que os líderes populistas reivindicam representar é, na verdade, estática porque é a-histórica, incapaz de compreender a realidade como processo, contradição e negação, no sentido da *Aufhebung*, da suprassunção, do movimento dialético de negar, preservar e “elevar a um nível superior” (ATAIDE, 2016). Transformando a figura externa das democracias na qual se manifestam, o populismo contemporâneo desvela a sua essência agudamente burguesa e profundamente contrarrevolucionária: se nutre e se fortalece de uma situação de empobrecimento crescente, de insatisfações, instigando a indignação e se propagando por meio daquela “chuva ininterrupta de imagens” (CALVINO, 1990, p. 73), ao mesmo tempo que só existe porque resulta do desenvolvimento do capitalismo, da centralização do capital e de novas formas de exploração.

7. Considerações Finais

No ser humano, o medo não é apenas uma manifestação física e biológica, mas também é uma manifestação de toda a sua substancialidade nos movimentos e contradições da vida social e política. No curso do processo civilizatório, o medo social e político se manifestou em formas históricas diversas, seja nas narrativas e concepções de mundo, seja nas ideologias das forças sociais e no poder soberano. No ser humano e no processo civilizatório, portanto, o medo é histórico. Na sociedade capitalista do final do século XX, o medo se manifestou em novas formas, oriundo das novas experiências sociais, dos novos conflitos econômicos e políticos entre as forças sociais. O medo politicamente construído, foi capaz de movimentar emoções e paixões, mobilizar pulsões e construir novas formas de identidades e gratificações para os indivíduos e os grupos sociais em escalas de grandeza e de tempo inauditas. Não apenas modificou sensibilidades e emoções, subjetividades e hábitos, como também alterou o significado das experiências históricas do passado, da memória histórica e política, das instituições sociais e políticas criadas na modernidade.

No governo de Jair Messias Bolsonaro foram manifestados diversos medos existentes na sociedade brasileira de ontem e de hoje: a aversão ao pagamento dos impostos; a aversão radical das elites aos princípios fundamentais da modernidade como a igualdade e o universalismo; a negação radical do reconhecimento e do respeito do outro e do diverso; a redução do papel do Estado como força de segurança e manutenção da ordem hierárquica que mantém diversas formas de desigualdades; a afirmação dos privilégios de um pequeno grupo social; a afirmação do poder como forma de manutenção das dinâmicas de desumanização e exploração. Nos quatro anos de governo, o medo foi uma das principais emoções transformadas em arma ideológica: usado política e permanentemente na batalha cultural contra os homossexuais, a família homoafetiva, a mulher, a China e o comunismo. Não importou, como não importa, se o medo é real ou imaginário, como compreendeu Gustave Le Bon no final do século XIX: importa que ele seja permanente e gere nas pessoas a necessidade do líder que salva o povo, a família e a pátria; importa que ele seja experimentado, mesmo que abstratamente, e produza a necessidade da política de força que separa, segrega, discrimina, exclui e expulsa o diverso, o outro; importa, por fim, que o medo seja uma força política que reconstrua uma nova sociedade nacional

baseada na ordem e segurança que proteja as concentrações de renda, recursos, poderes e privilégios das elites de ontem e de hoje.

A partir da análise dos *tweets* de Bolsonaro foi possível perceber que, se nas suas postagens o povo aparece de maneira mística, na realidade se confronta com a precariedade dos empregos, a insegurança e um sistema político corrupto. Os medos que Bolsonaro colhe não são inventados: há uma inconformidade generalizada com o sistema político brasileiro, o que prejudica a sua legitimidade, mas é a finalidade do seu uso que indica a desfiguração da realidade característica do populismo contemporâneo. Ao enfatizar a distinção entre cidadãos de bem e marginais que usam o vermelho, ao se proclamar como o verdadeiro representante do povo e dos seus valores, Bolsonaro é capaz de ocultar as reais consequências da sua política econômica: a perda de direitos econômicos e sociais, das proteções trabalhistas, o aumento de trabalhos informais, em suma, a sustentação e a incrementação da lógica de exploração capitalista que recai sobre o proletariado.

Mesmo que Bolsonaro não tenha sido reeleito em 2022, a sua eleição em 2018 marca a história brasileira e evidencia uma profunda divisão social que ainda não parece próxima do fim: o número de seus eleitores aumentou de 49.277.010, em 2018, para 51.072.345, em 2022, ambos no segundo turno²⁴⁸, e as suas táticas de propaganda foram incrementadas e aprimoradas; em 2022, apoiadores das mais diversas cidades do país acamparam na frente dos Tiros de Guerra e do Quartel General do Exército, em Brasília, culminando, no dia 8 de janeiro de 2023, na invasão, depredação e saqueamento do Palácio do Planalto, do Congresso e do Supremo Tribunal Eleitoral por milhares de bolsonaristas insatisfeitos e indignados com o resultado das eleições em que Lula foi eleito pela terceira vez como presidente da República. Os perigos do populismo contemporâneo, desse modo, permanecem. De acordo com Hannah Arendt (1889, p. 12):

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós - sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso.

²⁴⁸ Conferir: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao/home?session=211627936547441>.

A partir do momento que se compreende que o populismo contemporâneo é um movimento reativo da pequena e média burguesia, é possível delimitá-lo às manifestações da direita que busca sobreviver em um contexto cuja centralização de capital aniquila não apenas o proletariado, mas parcelas da burguesia, na medida em que estabelece uma reestruturação de poder no interior da própria classe capitalista que exerce uma forma de poder ao mesmo tempo mais potente e mais abstrusa. Nesse sentido, o fenômeno do populismo significa uma determinação da reestruturação do poder capitalista que, como resultado, converte o progresso em regressão. Contudo, enquanto movimento de massa é importante considerar que Bolsonaro não é capaz de produzir sentimentos, pensamentos e valores, mudando a mente dos que o escutam se estes forem conscientemente avessos a sua política econômica ou a sua moralidade.

Portanto, ainda que fascismo e populismo se constituam enquanto fenômenos distintos, o fascismo, também enquanto uma determinação da essência capitalista, só surge quando a esquerda não é capaz de promover a formação do “novo homem”, isto é, do sujeito de “consciência verdadeiramente revolucionária” (CASTRO, 2015, p. 21). De maneira semelhante, o populismo contemporâneo emerge em um momento de grandes transformações no sistema capitalista, de reconfigurações do poder e de mudanças nas subjetividades, mas em que ainda não há nenhuma oposição real capaz de alterar radicalmente o curso da história. Em uma sociedade cujas bases materiais de sobrevivência são precárias para a maior parte da população, cuja ausência de memória histórica é gritante, em que justificações para as desumanizações são aceitas e cuja mentalidade possibilita a divisão da humanidade em duas (uma inferior e outra superior, uma humana e outra sub-humana) como algo natural, o fenômeno do populismo contemporâneo, ao mesmo tempo que modifica a forma das democracias contemporâneas, desvela uma determinação essencial da história do modo de produção capitalista, um aspecto do seu desenvolvimento e do seu acirramento no tempo presente.

Referências Bibliográficas

- ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **La sociedad**. Lecciones de sociología. Buenos Aires: Editorial Proteo, 1969.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- AHMED, Nabil. **A desigualdade mata**. A incomparável ação necessária para combater a desigualdade sem precedentes decorrente da Covid-19. [Relatório] Oxfam International, janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/a-desigualdade-mata/>. Acesso em 3 jan 2023.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Giovanni Antonio Pinto. **Dimensões da globalização**: o capital e suas contradições. Londrina: Praxis, 2001.
- ALVES, Giovanni Antonio Pinto. A PEC 241, a contrarreforma neoliberal e a Tragédia de Prometeu. **Blog da Boitempo**. 19 set 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/10/19/a-pec-241-a-contra-reforma-neoliberal-e-a-tragedia-de-prometeu/>. Acesso em 3 jan 2023.
- AMSELLE, Jean-Loup. L’Ethnicisation de la politique (Suite). **Lignes**. 2018/1, nº 55, pp. 137-148.
- ANTONELLI, Giuseppe. **Volgare eloquenza**. Come le parole hanno paralizzato la politica. Bari-Roma: Editori Laterzi, 2017.
- ARDENI, Pier Giorgio. **Le radici del populismo**. Disuguaglianze e consenso elettorale in Italia. Bari-Roma: Editori Laterza, 2020.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007.
- ARON, Raymond. **Estudos Políticos**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

ATAIDE, Glauber. Hegel, Marx e o método dialético. **A verdade**, vol.11, Belo Horizonte, jun 2016.

AUGÉ, Marc. **Los nuevos miedos**. México: Paidós, 2015.

AZZARÀ, Stefano. Globalisti contro sovranisti. Un conflitto tutto interno alle classi dominanti. **Sinistrainrete**. 18 mai 2017. Disponível em: <https://www.sinistrainrete.info/sinistra-radiale/9818-stefano-g-azzara-globalisti-contr-o-sovranisti.html>. Acesso em 19 dez 2022.

AZZARÀ, Stefano. Dov'è il fascismo oggi? Processi di concentrazione neoliberale del potere, stato d'eccezione e ricolonizzazione del mondo. **Marxismo Oggi**. 21 set 2022. Disponível em: <https://www.marxismo-oggi.it/saggi-e-contributi/saggi/545-dov-e-il-fascismo-oggi-processi-di-concentrazione-neoliberale-del-potere-stato-d-eccezione-e-ricolonizzazione-de-l-mondo>. Acesso em 30 dez 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEAUVOIR, Simone. **O pensamento de direita hoje**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elizabeth. **Individualization**: institutionalized individualism and its social consequences. London: Ed Sage, 2009.

BELKE, Ingrid. Introducción: los empleados. In: KRACAUER, Siegfried. **Los empleados**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. São Paulo: Editora UFMG, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BÍBLIA. A T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. Bíblia: tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p.24-96.

BODEI, Remo. **Destinos personales**: la era de la colonización de las conciencias. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2006.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRANCACCIO, Emiliano. **Non sarà un pranzo di gala**. Crisi, catastrofe, rivoluzione. Milano: Metelmi Editore, 2020.

BRANCACCIO, Emiliano. **Democrazia sotto assedio**. La politica economica del nuovo capitalismo oligarchico. Milano: Mondadori Libri S.p.A., 2022.

BRANCACCIO, Emiliano; FUMAGALLI, Andrea; CAMPO, Carlos Prieto del. Verso un nuovo ciclo di accumulazione capitalistica? **Machina**, 23 set 2021, n.p. Disponível em:

<https://www.machina-deriveapprodi.com/post/verso-un-nuovo-ciclo-di-accumulazione-capitalistica>. Acesso em 11 dez 2022.

BROWN, Wendy. **Populismo apocalittico**. Democrazia sotto attacco. Roma: Castelvecchi, 2020.

BURGIO, Alberto. **Nonostante Auschwitz**. Il “retorno” del razzismo in Europa. Roma: DeriveApprodi, 2010.

BURGIO, Alberto. **Intervista ad Alberto Burgio sul razzismo**. [Entrevista a] BOTTOS, Giacomo; MESINI, Lorenzo. [Recurso Eletrônico] Pandora Rivista, 27 jun 2017. Disponível em:

<https://www.pandorarivista.it/articoli/intervista-ad-alberto-burgio-sul-razzismo/>. Acesso em 17 jan 2022.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: Lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARNEVALI, Barbara. **Le apparenze sociali**: una filosofia del prestigio. Bologna: Il Mulino, 2012.

CASTRO, Fidel. **A grande tarefa da revolução consiste em formar o homem novo**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CECERE, Antonio. **La rete intrappola la democrazia**. Sinistrainrete. Itália, 3 de julho de 2019. Disponível em:

<https://sinistrainrete.info/teoria/15335-antonio-cecere-la-rete-intrappola-la-democrazia.html>. Acesso em 7 dez 2021.

COHEN, Gerald Allan. **On the currency of egalitarian justice, and other essays in political philosophy**. New Jersey: Princeton University Press, 2011.

COSTA, Newton Carneiro Afonso da. **Ensaio sobre os fundamentos da lógica**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

DA VINCI, Leonardo. **Obras literárias, filosóficas e morais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

DAL LAGO, Alessandro. **Populismo digitale**. La crisi, la rete e la nuova destra. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016

DIAMANTI, Ilvo; LAZAR, Mara. **Popolocrazia**: la metamorfosi delle nostre democrazie. Bari-Roma: Laterza, 2018.

DOSTOÍEVSKI, Fiódor. **Os demônios**. São Paulo: Editora 34, 2004.

DU BOIS, William Edward Burghardt. The Shape of Fear. **The North American Review**, vol. 223, nº 831, jun-ago, 1926, pp. 291-304.

EHRENBERG, Alain. Depressão, doença da autonomia? [Entrevista a] BOTBOL, Michel. **Ágora**, v. VII, n. 1, pp.143-153, jan/jun 2004.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e Civilização. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ELLUL, Jacques. **A Técnica como o Desafio do Século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

ERCOLANI, Paolo. La metamorfosi del signor P(otere). **Sinistrainrete**. 19 nov 2013. Disponível em: <https://sinistrainrete.info/politica/3202-paolo-ercolani-la-metamorfosi-del-signor-potere.html>. Acesso em 14 jan 2023.

ERCOLANI, Paolo. La política idiota (ma tutta!). **Blog L'Espresso**. L'urto del pensiero, 27 dez 2018, n.p. Disponível em: <http://lurtodelpensiero.blogautore.espresso.repubblica.it/2018/12/27/la-politica-idiota-ma-tutta/>. Acesso em 13 jan 2023.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Overheating**: an anthropology of accelerated change. London: Pluto Press, 2016.

ESPING-ANDERSEN, Gøsta. As três economias políticas do Welfare State. **Lua Nova**, nº 24, set. 1991, pp - 85-116.

ÉSQUILO/**Prometeu acorrentado**. SÓFOCLES/**Ájax**. EURÍPIDES/**Alceste**. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FERNANDES, Florestan. **Em busca do socialismo**: últimos escritos & outros textos. São Paulo: Xamã, 1995.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GALILEI, Galileu. **O Ensaaiador**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

GALLINO, Luciano. Diário póstumo de um flexível. Tradução de João Carlos Soares Zuin. **REDD- Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.2, n.1, jul/dez 2009, n.p.

GALLINO, Luciano. **Finanzcapitalismo**. La civiltà del denaro in crisi. Torino: Einaudi, 2011.

GALLINO, Luciano. **La lotta di classe dopo la lotta di classe**. Entrevista [a BORGNA, Paola]. Roma-Bari: Editori Laterza, 2012.

GIACCHÉ, Vladimiro. **La fabbrica del falso**. Strategie della menzogna nella politica contemporanea. Roma: DeriveApprodi, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GÓRGIAS. **Elogio de Helena**. Tradução de Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: Anágonis, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270803/mod_resource/content/1/GORGAS%20Elogio%20de%20Helena.pdf. Acesso em 17 de outubro de 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUEDES, Aline. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. **Agência Senado**. 14 out 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso em 4 jan 2023.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica** – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la filosofía de la historia universal**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da lógica**. 1. A doutrina do ser. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da lógica**. 2. A doutrina da essência. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

HERÁCLITO DE ÉFESO. In: **Os Pré-Socráticos**: fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2000.

HOBBS, Thomas. **Os elementos da lei natural e política**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Strangers in their own land**: anger and mourning on the american right. New York: Ed. The New York Press, 2016.

ILLOUZ, Eva. Le populisme émotionnel menace la démocratie. [Entrevista a] Nicolas Truong. **Le Monde**. França, 25 de julho de 2017, n.p. Disponível em: https://www.lemonde.fr/festival/article/2017/07/25/eva-illouz-le-populisme-emotionne-l-menace-la-democratie_5164585_4415198.html. Acesso em: 6 jun 2022.

ILLOUZ, Eva. **Les émotions contre la démocratie**. [Recurso eletrônico, n.p.] Paris: Premier Parallèle, 2022.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KONDER, Leandro. **Hegel: a razão quase enlouquecida**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

LA BOÉTIE, Etienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LAKOFF, George. **Don't think of an elephant!** Know your values and frame the debate. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

LAKOFF, George. **The political mind**. A cognitive scientist's guide to your brain and its politics. New York: Penguin Books, 2008.

LAVAL, Christian. Bolsonaro e o momento hiperautoritário do neoliberalismo. **Blog da Boitempo**. 29 out 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/29/o-momento-hiperautoritario-do-neoliberalismo/>. Acesso em 4 jan 2023.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Como iludir o povo**, com os slogans de liberdade e igualdade. 3ª ed. São Paulo: Global Editora, 1980.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. 4ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008.

LÊNIN, Wladimir Ilitch. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

LOSURDO, Domenico. Losurdo: produção das emoções é novo estágio do controle da classe dominante. [Entrevista a] NOVAES, João; MACHADO, Rodolfo. **Opera Mundi**, São Paulo, 4 out 2013, n.p. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/31615/losurdo-producao-das-emocoes-e-novo-estagio-do-controle-da-classe-dominante>. Acesso em 24 out 2022.

LOSURDO, Domenico. **A esquerda ausente: crise, sociedade do espetáculo, guerra**. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2020.

LUKÁCS, Georg. **Existencialismo ou marxismo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA., 1979.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LUKÁCS, György. **O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2ª ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 33ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MISHRA, Pankaj. The liberal order is the incubator for authoritarianism: a conversation with Pankaj Mishra. Entrevista a Francis Wade. **Los Angeles Review of Books**, 15 nov 2018. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/the-liberal-order-is-the-incubator-for-authoritarianism-a-conversation-with-pankaj-mishra/>. Acesso em 19 dez 2022.

MÜLLER, Jan-Werner. **What is populism?** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.

MÜLLER, Jan-Werner. La tecnocracia rinforza il populismo. Entrevista a Vincenzo Guercio. **L'eco di Bergamo**. 18 maio 2019. Disponível em: https://bergamofestival.it/wp-content/uploads/2019/05/Eco-di-Bergamo_18.05.2019-p41-1.pdf. Acesso em 30 dez 2022.

NAZÁRIO, Jeferson Furlan. Segurança Privada e os reflexos da pandemia. In: **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

NETTO, José Paulo. **A atualidade do manifesto comunista**. IV Curso Livre Marx-Engels. 1 vídeo (2h49 min). Boitempo Editorial & Sesc: 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fmbMHOOBzwQ&t=9066s>. Acesso em: 2 out. 2021.

NOZICK, Robert. **Anarquia, Estado e Utopia**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1974.

OFFE, Claus. **Problemas estruturais do estado capitalista**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

O'NEIL, Cathy. **Weapons of math destruction**. How Big Data increases inequality and threatens democracy. New York: Crown Publishers, 2016.

PESSANHA, José Américo Motta. Vida e obra. In: **Sócrates**. Editora Nova Cultural, 2000.

PIAIA, Victor; ALVES, Marcelo. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. **Intercom - RBCC**. São Paulo, v. 43, n. 3, p.135-154, set./dez. 2020

PRZEWORSKI, Adam. **Capitalismo e social democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: patrística e escolástica, v. 2. São Paulo: Paulus, 2003.

REVELLI, Marco. **Turbopopulismo**. Entrevista a Luca Telese. Milano: Solferino, 2019.

RILKE, R. M. Oitava Elegia de Duíno – acompanhada de uma carta. **Rapsódia**, [S. l.], n. 6, p. 35-50, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/106536>. Acesso em: 24 nov. 2022.

RIVERA, Annamaria. **Estranei e nemici**. Discriminazione e violenza razzista in Italia. Roma: DeriveApprodi, 2003.

ROBIN, Corey. **Fear**: the history of a political idea. New York: Oxford University Press, 2004.

ROSA, Hartmut. **Social acceleration**: a new theory of modernity. New York: Columbia University Press, 2013.

ROSANVALLON, Pierre. L'Histoire Politique n'est pas seulement fait d'idées et d'intérêts. [Entrevista a] MARTINACHE, Igor Réseau. **Canopé « Idées économiques et sociales »**, França, nº195, 2019/1, pp. 40-52.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou a nova Heloísa**. São Paulo-Campinas: Hucitec e Editora da Unicamp, 1994.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2010.

SASSEN, Saskia. **Expulsions**: brutality and complexity in the global economy. Cambridge-Massachusetts-London-England: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SECCHI, Bernardo. **La città dei ricchi e la città dei poveri**. Roma-Bari: Editori Laterza, 2013.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, out. 2005, p. 577-591.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2006.

SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**: edição comemorativa do bicentenário da Revolução francesa, 1789-1989. 9ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**. A política do “nós” e do “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2020.

STREECK, Wolfgang. **How will capitalism end?** Essay on a failing system. New York: Verso, 2016.

TARCHI, Marco. Dieci anni dopo. L'Italia populista e il caso Beppe Grillo. **Quaderni di Sociologia** [Online], 65 | 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/qds/367>. Acesso em 29 mai 2022.

TARCHI, Marco. **Italia populista**. Dal qualunquismo a Beppe Grillo. Bologna: Il Mulino, 2015.

TOLSTÓI, Lev. **A morte de Ivan Ilitch**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y asociación**. El comunismo y el socialismo como formas de vida social. Granada: Editorial Comares, S.L., 2009.

TRÓTSKI, Leon. O fascismo: o que é e como combatê-lo. In: **Fascismo**. Benito Mussolini e Leon Trótski. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

URBINATI, Nadia. **Democracy Disfigured**: opinion, truth, and the people. Massachusetts: Harvard University Press, 2014.

VIRILIO, Paul. **The administration of fear**. [Entrevista a RICHARD, Bertrand]. Los Angeles: Semiotext(e), 2012.

WACQUANT, Löic. **Punishing the Poor**. The neoliberal government of social insecurity. Durham and London: Duke University Press, 2009.

WEIL, Eric. **Hegel e nós** [recurso eletrônico]. Caxias do SUL, RS: Educs, 2019.

WOLFF, Francis. **Aristóteles e a política**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

ZAGREBELSKY, Gustavo. **Sulla lingua del tempo presente**. Torino: Giulio Einaudi editore, 2010.

ZOLO, Danilo. **Globalización**: un mapa de los problemas. Espanha: Ediciones Mensajero, 2006.

ZOLO, Danilo. **Sulla paura**: fragilità, aggressività, potere. Itália: Giangiacomo Feltrinelli Editore Milano, Prima edizione in “Campi del sapere”, 2011.

**APÊNDICE 1 - Palavras e expressões chave do discurso de Bolsonaro por ano
(2018-2022)**

2018	2019	2020	2021	2022
corrupção	Brasil	Brasil	Brasil	todos
vamos	governo	hoje	democracia	povo
presidente	boa noite a todos	contra	contra	verdade
contra	educação	governo	viva	contra
liberdade	Dilma	Covid	poder	hoje
mudar	ministro	liberdade	povo brasileiro	Lula
bem	livre	todos	sistema eleitoral	mundo
crime	lamento	Globo	auditável	Deus
PT	Lula	povo brasileiro	obrigado	acima
apoio	trabalho	boa noite a todos	acima	obrigado
missão	esquerda	-	vacinas	PT
obrigado a todos	apoio	-	Deus	vida
preso	verdade	-	povo	brasileiros
juntos	ação	-	-	liberdade
combater	PT	-	-	agora
dinheiro	contra	-	-	-
violência	futuro	-	-	-
brasileiro	<i>news</i>	-	-	-
mentiras	redução	-	-	-
Deus	Estado	-	-	-
campanha	-	-	-	-

Fonte: Própria (2023), com auxílio do Minerador de Textos Sobek²⁴⁹

²⁴⁹ Conferir: <http://sobek.ufrgs.br/#/>

APÊNDICE 2 - A mentalidade populista de Jair Bolsonaro

